



BRECHA PARA IMPUNIDADE

Mudança enfraquece a Lei da Ficha Limpa e preocupa juristas

Alteração da norma muda forma de contagem do prazo de inelegibilidade, para políticos condenados. **Página 13**



Foto: Carlos Rodrigo

Cuidados garantem a sobrevivência de prematuros no estado

Neste ano, mais de cinco mil bebês nasceram antes das 37 semanas, consideradas seguras, na Paraíba. Especialistas alertam para a necessidade de garantir um tratamento adequado, visando evitar as complicações respiratórias e neurológicas que podem afetar o desenvolvimento dos pequenos.

Página 5

Número de leitores no Brasil cai e só representa 47% da população atual

Estudo aponta para a diminuição da capacidade de concentração e compreensão da população, ampliando o analfabetismo funcional no país.

Página 15

Política de combate ao racismo alcança resultados positivos na Paraíba

Cotas em concursos, editais de fomento, fortalecimento do letramento racial e garantia de acesso à Justiça são algumas das ações afirmativas no estado.

Página 3

■ “E assim, desobrigado, na condição de leitor, recolhi-me à subjetividade, licença da crônica de visgo literário”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Jabuti consagra autores do país

Principal prêmio do mercado literário brasileiro tem vencedores em 23 categorias.

Página 9

Enem: redação exige técnica

Etapa mais temida do exame também requer repertório amplo de quem deseja a nota máxima.

Página 6

Foto: Marco Pimentel/Secom-PB



Rota Cultural mostra atrativos turísticos de Dona Inês

Expectativa é reunir até 15 mil pessoas no festival, que acontece de 14 a 16 de novembro, com atividades culturais e gastronômicas.

Página 8

■ “Para famílias já fragilizadas, a negatividade compromete o acesso a crédito para investimento e reduz a capacidade de planejar”.

João Bosco Ferraz

Página 17

Correio das Artes

Segunda edição do FliParaíba é o destaque deste mês no suplemento

Evento que acontece de forma gratuita, nos dias 27, 28 e 29 de novembro, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, reunirá artistas e pensadores do Brasil, África e Portugal.



Peixe-leão ameaça equilíbrio nas águas do Litoral paraibano

Espécie localizada por mergulhadores alimenta-se de outros peixes menores e crustáceos, e possui espinhos venenosos que oferecem risco aos seres humanos.

Página 20



Foto: Pterois Volians/Wikimedia Commons

Editorial

Corrida bélica

Em momentos de tensões políticas entre si, geralmente motivadas por interesses comerciais, as potências econômicas e militares do planeta costumam realizar exercícios militares ou promover gigantescos desfiles, com o intuito de exibir a forma física, cujos músculos são representados, principalmente, pelas bombas, mísseis e foguetes com ogivas nucleares. São manifestações de poderio bélico que ofuscam os esforços pela paz mundial.

Como aconteceu, por exemplo, neste ano, com a Rússia e a China, esta última desbancando as demais potências — uma exibição de força que incomodou o Ocidente, com seus mísseis hipersônicos, capazes de atingir qualquer ponto do globo terrestre, entre outros artefatos de enorme poder destrutivo. E então chegam agora os Estados Unidos da América, para anunciar a retomada de testes com armamentos nucleares.

Especialistas em assuntos militares afirmam que o estoque atual de armas atômicas seria suficiente para destruir a Terra várias vezes; porém, como diria Einstein, basta apenas um grande conflito, no qual se utilize ogivas, bombas e projéteis nucleares, para a materialização de uma catástrofe sem precedentes, no que diz respeito à demolição do patrimônio físico e à morte de um número incalculável de seres humanos.

Observa-se, hoje, com o caminhar do mundo para uma nova bipolaridade, ou seja, para resumir, com direita e esquerda confrontando-se ostensivamente —, percebe-se a proliferação de discursos de exaltação às armas. Significa dizer que as políticas de redução de armas nucleares cambaleiam, enquanto, contrariamente, revigoram-se com rapidez as doutrinas relativas à ampliação e modernização dos arsenais atômicos.

Em suma, o mundo caminha à beira do precipício, e lideranças como Xi Jinping, Donald Trump e Vladimir Putin — leia-se China, Estados Unidos da América e Rússia, com nações, como a pequena Coreia do Norte, de Kim Jong-un, correndo por fora — nada mais fazem do que empurrar o planeta para a boca da cratera. A guerra comercial que ora travam as grandes potências potencializa a terceira conflagração mundial.

Contam-se hoje aos milhões as vítimas anuais de doenças, fome, conflitos armados e extremos climáticos, entre várias outras formas de violência. A natureza deteriorou-se ante as agressividades oriundas do contingente humano, e o que a Terra mais necessita, neste momento, é de lideranças que preguem a paz; um novo modelo de existência, com liberdade e justiça social. Como chegar a isso, exaltando-se as armas?

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A tese do “fim da história”

Francis Fukuyama, economista, cientista político e um dos principais assessores intelectuais do presidente norte-americano Ronald Reagan, publicou em 1989, na revista The National Interest, o artigo intitulado “O fim da história”, no qual defendia a tese de que a difusão mundial das democracias liberais e do capitalismo de mercado apontava para o fim ideológico da humanidade. Essas ideias seriam aprofundadas três anos mais tarde, com o lançamento do livro “O fim da história e o último homem” (1992).

Naquele momento, o mundo atravessava uma profunda crise ideológica. A União Soviética encontrava-se em franca decadência, iniciando seu processo de abertura e desintegração, simbolizado pela queda do Muro de Berlim, em 1989. Essa transformação desencadeou movimentos separatistas nas nações que faziam parte do bloco socialista. Na América Latina, diversos países sob regimes autoritários vivenciavam fortes mobilizações em prol da redemocratização. No Brasil, por exemplo, acontecia a primeira eleição direta para presidente após o período da ditadura militar.

Nesse contexto de transição, Fukuyama defendeu que estava surgindo um “novo caminho político”, fundamentado na democracia liberal. Segundo ele, as nações recém-democratizadas deveriam adotar o modelo capitalista e o liberalismo econômico como as melhores alternativas de organização política e sobrevivência econômica. Em sua visão, o sistema político norte-americano representava o ponto culminante da evolução política da humanidade, o que significava, em termos simbólicos, o fim das disputas ideológicas entre capitalismo e socialismo.

Passadas mais de três décadas, as ideias de Fukuyama continuam gerando intensos debates e críticas. Conservadores, liberais e marxistas questionaram a validade de sua tese. Em 2007, o historiador britânico Eric Hobsbawm ironizou a proposta ao afirmar: “Quando caiu o Muro de Berlim, um americano incauto anunciou o fim da história. Evito, portanto, usar uma expressão tão claramente desacreditada”.

A noção de um fim da história — entendido como o triunfo definitivo da democracia liberal — foi vista por muitos intelectuais

como ingênua e contraditória, pois proclamava o fim das utopias ao mesmo tempo em que criava uma nova: a do triunfo inevitável do capitalismo liberal.

Fukuyama acreditava que, após o colapso do comunismo e o declínio do socialismo soviético, a democracia liberal ocidental triunfaria como forma política universal, acompanhada da economia de mercado como modelo econômico dominante. A verdade é que nem o receituário neoliberal, nem os avanços tecnológicos deram um “final” à história. As contradições do capitalismo se aprofundaram, ampliando os conflitos sociais e concentrando ainda mais a renda, o que favoreceu o surgimento de lideranças políticas populistas e autoritárias, em desacordo com os ideais liberais defendidos por Fukuyama.

Ainda assim, sua linha de raciocínio não pode ser desconsiderada, pois oferece uma reflexão relevante e provocadora sobre os rumos da política e da economia mundiais no pós-Guerra Fria, dialogando com interpretações históricas e econômicas consolidadas no meio acadêmico. E a história continua, sempre se renovando com novos métodos, teorias e evidências.

“A verdade é que nem o receituário neoliberal, nem os avanços tecnológicos deram um ‘final’ à história

Foto

Legenda

João Pedrosa



Os topos da fé

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O Batente de Rubens (II)

Como acentuei na crônica passada, o ingresso de Rubens Nóbrega na imprensa se deu quando dei as costas ao batente das redações, da afanosa responsabilidade com a notícia, dificilmente isenta por completo do julgamento velado do repórter ou redator, por mais que busque a exatidão. Fica explícito, na ressalva que faço, a experiência particular de quem fez tudo para seguir o manual, mas precisaria cortar as mãos para cobrir sem isenção o conflito agrário que se estendeu às portas da nossa capital desde a criação das Ligas Camponesas, abafado pelo golpe de 1964. Com João Manuel, Adalberto Barreto, Severino Ramos, Hélio Zenaide, vivemos situações absurdas para quem tem noção dos direitos alheios. E só depois daquela manhã abençoada de 1973, quando Marcone Gois, sem motivo relevante, me despachou desses cuidados, alguns tormentosos, é que vim saber do verdadeiro significado do chamado “bilhete azul”.

Nas suas memórias (custa acreditar que o jovem, o rapaz das nossas conversas, minhas e de Vicente Nóbrega, já se apresente como autor de memórias!), revivi ou passei a limpo muita coisa que acompanhei livre da responsabilidade de levá-la ao leitor, endereço supremo da notícia. E assim, desobrigado, na condição de leitor, recolhi-me à subjetividade, licença da crônica de visgo literário. Fugi do que me constrangesse, menos da tragédia que trucidou Paulo Brandão saindo do seu trabalho na fábrica e que abre o último capítulo do novo livro de Rubens. Como ex-colega de Wilson, vivendo três anos juntos na Casa do Estudante, ainda que de afinidades diferentes, constrangia-me, não o jornalismo de oposição aos “desvios, desmandos e desmantelos” do governo de Wilson, mas à criatura, à pessoa que tivera na maioria dos companheiros de convivência a grande família. Político vocacionado, creditou-se a aspirações a partir da presidência da Casa, quando apareceu a comida, antes sempre escassa ou inexistente. Rendi-me quando soube da represália terrorista sofrida pelos redatores do jornal, com destaque para Rubens. Eu, por minha vez, tinha levado a pecha de vendido por censurar,

“E assim desobrigado, na condição de leitor, recolhi-me à subjetividade, licença da crônica de visgo literário

sem ofensa, o exagero de parentes no governo. Surgindo e logo se afirmando na fase em que a computação e a impressão mudam de processamento, Rubens Nóbrega faz com que o leitor viva por dentro essa mudança, inclusive quem, como eu, se orgulhava de ter passado a pronto, desde cedo, no sistema tipográfico herdado de Gutenberg.

Rubens, Frutuoso, Agnaldo têm muito a ver com o nível técnico e a consciência profissional da geração de hoje, boa parte bem visível nas páginas de A União, a maioria no rádio, na televisão e no jornalismo de suporte volátil das chamadas “redes sociais”. Vivência que ele reparte com Carmélio Reynaldo, prefaciador e personagem, Duda Moura Teixeira de Carvalho, Fred Seixas, a competente e solícita Livramento, Pedro Moreira, o time que jogou com ele em sua estreia em O Norte. Não esconde como chegou a chorar com a sua demissão da editoria do Correio, em 1988, o jornal que ele e equipe levaram “a arrebatar do ‘associado’ a liderança de circulação na Paraíba”, O Norte, que, a partir de 1970, mercê da equipe que eu, com orgulho, havia aglutinado com Aluísio Moura a alcançar por quase 20 anos essa situação de liderança, embora eu tenha permanecido por poucos anos.

Com o tempo, resta-nos, isto sim, o conforto edificante dessas memórias, ainda que chorando diante das ruínas que restam hoje do prédio da Pedro II.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Governo da Paraíba atua no combate ao racismo

Plano de Promoção da Igualdade Racial vem consolidando ações em todo o estado

Samantha Pimentel
samanthauiniaio@gmail.com



Segundo dados do último Censo Demográfico 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Paraíba possui 3.974.687 habitantes do estado. Destes, a maioria (63,5%) declara-se negra — preta ou parda —, além disso, 0,6% identifica-se como indígenas, contra 35,7% de brancos. Mesmo com essa expressividade populacional, os casos de racismo ainda são comuns na sociedade. Porém, eles também vêm sendo cada vez mais judicializados, o que parece refletir o crescimento da conscientização desse público sobre os próprios direitos. Dados do 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontaram que o estado teve o maior aumento proporcional de registros de racismo em 2024. Segundo o documento, os casos subiram de 13 para 64 — alta de 389,9%, com a taxa por 100 mil habitantes, passando de 0,3 para 1,5. Já os registros de injúria racial saltaram de 121 para 199, um crescimento de 63,6%.

Nesse cenário, o Governo do Estado vem desenvolvendo uma política de enfrentamento ao racismo e promoção da igualdade racial, alcançando resultados positivos. Desde 2019, por meio do Plano Estadual de Promoção da Igualdade Racial, a Paraíba vem consolidando ações antirracistas, de forma transversal, coordenadas pela Secretaria de Estado da Mulher e da Diversida-

de Humana (Semdh-PB). A secretária responsável pela pasta, Lídia Moura, aponta que o Plano norteia a atuação em todas as áreas, do atendimento às vítimas — por meio do Centro João Balula — à educação para as relações étnico-raciais e às parcerias com o sistema de Justiça. “A elevação das judicializações, em 2024, mostra que as vítimas estão confiando mais no Estado e que a rede está funcionando. Seguimos ampliando o acesso à justiça, fortalecendo o letramento racial e implementando projetos estruturantes, como o Museu da Diáspora Negra, para que nenhuma violação fique sem resposta e para que a igualdade racial seja uma realidade no cotidiano das pessoas negras na Paraíba”, ressalta.

A gerente-executiva de equidade racial da Semdh-PB, Jadiele Berto, também destaca que as ações ocorrem em todo o estado, de forma transversal, interseccional e intersetorial. “Ela [a política de igualdade racial] dialoga com todo o secretariado do Governo do Estado. Por exemplo, dialogamos com a Saúde, com o Comitê Estadual de Saúde Integral da População Negra; o programa de dignidade menstrual, que fornece absorventes priorizando as pessoas negras e de comunidades tradicionais. Nós temos o Fórum Estadual de Educação para as relações étnico-raciais, seminários antirracistas, e campanhas anuais de combate ao racismo”, pontua. Além disso, ela ressalta outras iniciativas estaduais, como a lei que trata de ações afirmativas na modalidade de cotas em concursos públicos, e tam-



Foto: Arquivo pessoal

Jadiele Berto destaca que existe diálogo com órgãos estaduais

bém no âmbito da Secretaria da Cultura (Secult-PB), em seus editais de fomento. “Aderimos ao Plano Juventude Negra Viva do Governo Federal, temos um selo Prefeitura Parceira das Mulheres, que premia municípios que atingiram uma determinada pontuação de acordo com critérios em prol da dignidade das mulheres e das mulheres negras. Estamos construindo parceria com a Secretaria de Segurança e Defesa Social da Paraíba, temos ações em conjunto também com políticas de incentivo ao trabalho e renda como o Programa Empreender Mulher, Salão do Artesanato Paraibano; Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (PRIMA); parcerias com secre-

tarias municipais, entre outras ações”, explica Jadiele. Ela reforça que a gerência, que existe desde 2011, é um meio para que as outras políticas possam ser executadas de forma exitosa, atendendo as diversidades das populações, inclusive da população negra. A gerente pontua que esse público sofre diversas violações, por isso, a atuação do estado para combater isso também precisa ser transversal. “Acreditamos ainda que é essencial que a população compreenda e se conscientize em relação ao enfrentamento dessa violação de direitos humanos que é o racismo. O entendimento disso como crime! Não é brincadeira, não é mimimi, não é algo que se pode deixar passar”, afirma.

Centro da Igualdade Racial oferece atendimento

Dentro das ações de programação da igualdade racial, vinculadas a Semdh-PB, o Estado também conta o Centro da Igualdade Racial João Balula. O espaço existe desde 2020 e oferece atendimento às vítimas de racismo, intolerância religiosa e xenofobia. Conta com uma equipe multiprofissional, composta por advogado, psicólogo, assistentes sociais e pedagogos. O coordenador do local, Antônio Marcos Nascimento, explica que o centro acolhe as vítimas e faz os encaminhamentos necessários. “Identificamos as possibilidades de atuação, seja na parte jurídica, com acompanhamento a delegacia, Ministério Público ou Defensoria Pública; até orientação e fortalecimento da vítima, acompanhamento psicológico, encaminhamento social, busca de parcerias para cursos profissionalizantes e acesso a seleções de emprego, entre outras ações”, afirma. O setor de pedagogia é acionado em contextos que envolvem crianças e tam-



Foto: Divulgação/Centro João Balula

Espaço conta com uma equipe multiprofissional desde 2020

bém ambientes escolares, de ensino aprendizagem. Além disso, o centro realiza formações, capacitações, cursos e palestras, como forma preventiva, trabalhando uma educação para as relações étnico-raciais, com educadores, servidores e outros públicos.

Quanto à judicialização de casos de racismo, em 2024, o Centro João Balula foi responsável pela judicialização de 58 casos de racis-

mo, um aumento de 286,7% em relação a 2023, quando foram encaminhados 15 casos ao sistema de Justiça. Neste ano de 2025, até o mês de setembro, já são contabilizados 37 casos de crimes acompanhados pela equipe do espaço. “Ao longo de cinco anos de atuação, já acompanhamos mais de 200 casos de racismo, intolerância religiosa e xenofobia, que foram efetivamente à justiça. Atendimento,

já são mais de 12 mil”, destaca Antônio Marcos.

Para ele, os números refletem não apenas a realidade das violências enfrentadas pelas populações negras, mas também o maior letramento racial e fortalecimento da rede de proteção. “Desde 2023, com a mudança na legislação que equiparou a injúria racial ao crime de racismo, com penas de um a cinco anos, capacitamos mais profissionais da rede de enfrentamento, fizemos formações jurídicas e sociais para que as pessoas pudessem reconhecer o racismo e denunciar. Antes, muitas vítimas não acreditavam na Justiça ou sequer entendiam que estavam sofrendo um crime. Hoje, vivemos um processo de letramento racial e de fortalecimento da rede de proteção”, conclui ele, que ressalta que essa é uma conquista coletiva, fruto da luta dos movimentos negros, e da atuação de órgãos e instâncias que se engajam no enfrentamento ao racismo.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O silêncio que separa

Há um tipo de solidão que não se experimenta no alto de uma montanha ou no meio de um quarto vazio. É uma solidão a dois, ou a vários. É a solidão de uma palavra não dita, de um segredo guardado a sete chaves no porão da alma, do “está tudo bem” que soa como uma sentença. Essa solidão é filha da omissão, e a omissão é a irmã gêmea malévola da mentira. Enquanto a mentira ataca com uma falsidade, a omissão corrói com um vazio.

Pensamos, muitas vezes, que o maior mal que podemos fazer a alguém é dizer algo cruel. Sem dúvida, a palavra ferina corta como uma lâmina. Mas é um corte limpo, visível, que pode, com o tempo, cicatrizar. Já a omissão é um veneno de ação lenta. É o silêncio que se instala depois de uma discussão não resolvida. É o assunto importante que fica pairando na sala, invisível e pesado como chumbo, enquanto conversamos sobre o tempo. É o elogio que deixamos de fazer, o agradecimento que julgamos desnecessário, a fraqueza que escondemos por orgulho.

A verdadeira escuta, aquela que é ato de coragem e não apenas um intervalo entre dois monólogos, é o antídoto para esse veneno. Escutar não é aguardar a vez de falar. É tentar adivinhar as entrelinhas do coração alheio. É perceber o tremor na voz, a sombra nos olhos, a frase que começa e não termina. É criar um espaço sagrado onde o outro sinta-se seguro para baixar a guarda e mostrar suas fragilidades, sabendo que não serão usadas como armas futuras.

Quantos relacionamentos naufragam não por um grande furacão, mas por um vazamento constante de pequenas omissões? O marido que não conta sobre suas inseguranças no trabalho, temendo parecer fraco. A esposa que esconde sua tristeza profunda, para não “incomodar”. O filho que mascara seus medos com raiva. O amigo que deixa de dizer que se sentiu magoado, engolindo o ressentimento como se fosse uma pedra. Cada uma dessas omissões é um tijolo em um muro invisível que, com o tempo, torna-se alto e espesso demais. Um dia, os dois lados do muro tornam-se territórios estranhos, e o diálogo se transforma em um jogo de gritos através da parede, ou, pior, em um silêncio absoluto.

A omissão é uma forma de covardia. É mais fácil calar, suprimir, fingir que não viu, do que encarar o desconforto de uma conversa difícil. Omitimos para evitar conflitos, sem perceber que estamos apenas adiando uma explosão. O conflito, quando enfrentado com honestidade e escuta, é uma cirurgia: dói, mas limpa a ferida e permite a cura. A omissão é um tumor benigno que, ignorado, vira maligno e metastático.

E o pior é que a omissão é um mal que se autojustifica. “Não falei para não magoá-lo”, dizemos a nós mesmos, vestindo a armadura de protetores. Mas será que não magoamos justamente ao privar a pessoa da verdade, ao subestimá-la, ao não conceder a ela o direito de entender a complexidade da situação e de escolher como reagir? A omissão, muitas vezes, é uma forma de controle sutil, uma maneira de manter o outro na ignorância para que ele não tome decisões que nos desagradem.

A arte de escutar, portanto, vai além do ouvido. É um ato de amor e de respeito. É dizer, sem palavras: “Sua verdade, por mais confusa ou dolorosa que seja, é importante para mim. Eu quero o seu todo, não apenas a parte que é conveniente ou agradável”. Quando nos sentimos verdadeiramente escutados, sentimos que existimos, que importamos. É a sensação de finalmente soltar um fardo que se carregava sozinho.

O mal da omissão é que ele cria um abismo de incompreensão. Duas pessoas podem viver sob o mesmo teto, compartilhar a mesma cama, criar os mesmos filhos, e serem completos estranhos porque decidiram, por medo, orgulho ou cansaço, habitar ilhas separadas de silêncio. E nessas ilhas, monstros são criados: a desconfiança, o ressentimento, a solidão.

No fim das contas, o que sustenta qualquer relação — seja de amor, amizade ou família — não é a ausência de problemas, mas a presença do diálogo. Diálogo que é feito tanto de fala corajosa quanto de escuta generosa. É preciso ter a coragem de falar o que machuca, e a generosidade de escutar o que não queremos ouvir.

Portanto, que possamos afiar nossos ouvidos. Que possamos desmontar, tijolo a tijolo, os muros que a omissão constrói. Que possamos nos arriscar mais na franqueza e nos entregarmos mais à escuta. Porque, no grande teatro das relações humanas, o pior drama não é a tragédia gritada, mas o vazio silencioso daquilo que nunca foi dito. E é neste vazio que o amor, lentamente, morre de fome e de sede.

Aline Lacerda

Doutora em Neurociências e Comportamento

“Os discursos de ódio nas redes sociais afetam nossa saúde mental”



Foto: Arquivo pessoal

Psicóloga diz que é preciso pensar em mudanças para que a sociedade caminhe rumo a um ambiente com equilíbrio emocional

Lilian Viana
lilian.vianacanancia@gmail.com
Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Nos últimos tempos, as relações humanas parecem estar perpassadas cada vez mais por fatores como a intolerância às diferenças e a polarização de pensamentos e opiniões. Uma certa agressividade ou falta de paciência, em maior ou menor grau, está presente no dia a dia de todos, seja no trânsito, na convivência com os vizinhos e familiares, ou mesmo na ansiedade gerada pela cobrança por alta *performance* e produtividade. Os noticiários também se encontram repletos de atualizações sobre conflitos e guerras entre países, disputas econômicas e políticas, violências, insegurança e discurso de ódio. Todo esse ambiente afeta a saúde mental e bem-estar de quem vive imerso nele. E, embora não seja possível fugir totalmente e se manter alienado de tudo isso, que faz parte da sociedade atual, é preciso buscar estratégias e saídas individuais, mas sobretudo coletivas, para lidar com essa hostilidade e estresse contínuo.

Psicóloga, doutora em Neurociências e Comportamento e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Aline Lacerda fala sobre o tema. Ela, que também integra a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e o Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC), destaca que é preciso pensar alternativas para manter o equilíbrio. O segredo é buscar ajustar os pesos da balança, preservando a saúde mental, ao mesmo tempo em que também não se pode estar alheio e alienado aos fatos e problemas da contemporaneidade. O incômodo, a frustração e o medo que podem ser causados por certas situações também são motores na busca por transformação social.

Em entrevista exclusiva ao jornal **A União**, a psicóloga também adianta que não há receita pronta e que o que vem dando certo para uma pessoa pode não ser o mesmo que funciona para outra. Além disso, ela enfatiza que é preciso pensar em mudanças estruturais e conjuntas para que a sociedade caminhe rumo a um ambiente mais propício ao equilíbrio emocional.

Entrevista

■ Nos últimos anos, temos vivido um aumento perceptível da intolerância, da polarização e até da agressividade no dia a dia. Na sua avaliação, o que explica esse clima de hostilidade que parece dominar o mundo atual?

Isso é um movimento político. Na psicologia, a gente tem que pensar em termos de cultura, história; nós somos indivíduos sócio-históricos. Então nós vivemos um momento onde a extrema direita está ocupando espaços de poder, e esse movimento da extrema direita é um movimento com um discurso de ódio muito grande. Então a gente compreende isso como um momento cultural, social, que a gente realmente está vivendo. Essa explicação é muito mais social e histórica.

■ O cérebro humano está preparado para lidar com tanta pressão, informação e conflito? O que acontece dentro de nós, neurologicamente, quando somos expostos a situações de estresse ou ambientes hostis?

Não, o cérebro humano não está preparado para lidar com tanta pressão, informação, conflito. O nosso cérebro, filogeneticamente falando, pensando na história da nossa espécie, permanece o mesmo desde quando éramos comunidades caçadoras e coletoras. É claro que nós temos uma ontogênese muito forte, e o nosso cérebro é bem plástico, ele se adapta muito bem às demandas do ambiente, ele aprende muito bem com a estimulação ambiental. Quando somos expostos a situações de estresse ou ambientes hostis, o que acontece é que o estresse está relacionado a um hormônio, que é o cortisol, em nós, humanos. O excesso de cortisol, ele inibe a neurogênese, inibe a neuroplasticidade, então isso atrapalha nossa aprendizagem, nossa atenção, atrapalha a nossa cognição em geral. Então o cortisol é um hormônio que ele não pode ter muito pouco, mas também não pode ter em excesso.

■ O consumo constante de notícias negativas e discursos de ódio nas redes sociais

pode realmente afetar nosso comportamento e nossa saúde mental?

Sem dúvida. Os discursos de ódio, tanto em redes sociais quanto em vários dispositivos de comunicação, afeta nosso comportamento, afeta nossa saúde mental. Porque nós vivemos numa sociedade, e o nosso cérebro se modifica a partir das interações com ela. Então, sim, o estresse provocado por esse excesso de informações e discurso de ódio nos afeta. Nós vivemos momentos emocionais ali, de medo, de raiva, e isso tudo contribui para o aumento do estresse, aumento dos níveis de cortisol no nosso organismo. Então isso afeta o nosso comportamento, sem dúvida, e a nossa saúde mental.

■ Você acredita que a cultura da produtividade e da performance – em que todos precisam estar sempre “bem” e rendendo ao máximo – tem contribuído para aumentar a ansiedade e a hostilidade nas relações?

Sem dúvida. A cultura da produtividade, da performance, tem contribuído para aumentar a ansiedade, a hostilidade nas relações. Primeiro que está sempre exigindo mais, e mais, e mais da gente e fazendo com que a gente perceba os outros como possíveis competidores com a gente. Então tudo isso aumenta, sim, a ansiedade, a ansiedade pelo futuro também, e cria relações mais hostis a partir dessa ideia de que o outro está competindo comigo.

■ Diante de tanta tensão, quais são as estratégias mais eficazes para manter o equilíbrio emocional e não se deixar contaminar por esse ambiente agressivo?

Não estar exposto a ele. Não estar exposto a esse ambiente agressivo. Não tem como a gente manter um equilíbrio emocional diante de tanta hostilidade assim. Então a gente precisa pensar na base, o que é que está causando essa tensão, o que está causando esse estresse, o que está aumentando esses níveis de cortisol e

trazendo raiva e medo para o nosso dia a dia. É o ambiente que realmente está agressivo. Então é difícil falar como manter ou estratégias para manter o equilíbrio emocional. Eu acho que a gente tem que procurar essas estratégias, já que a gente não pode sair desse ambiente agressivo. Procurar algumas estratégias pessoais para lidar com essas questões, isso é uma coisa que vai de pessoa para pessoa. Eu posso dar alguns exemplos: tem gente que diminuiu, por exemplo, o tempo que ficava nas redes sociais, que começou a fazer buscas de coisas mais positivas para o algoritmo mostrar mais coisas positivas, estratégias de lazer também. Mas ficar alheio à informação e evitar completamente também não é bom, para você não ficar alienado. Então está muito difícil manter esse equilíbrio de saúde mental e, ao mesmo tempo, não ficar alienado e de fora de todas essas questões que estão acontecendo na nossa sociedade.

■ Técnicas como meditação e mindfulness têm ganhado espaço nas conversas sobre saúde mental. A neurociência comprova os benefícios dessas práticas para lidar com o estresse e a hostilidade cotidiana?

Realmente, técnicas de meditação e *mindfulness*, que é a atenção plena, tem ganhado espaço nas conversas sobre saúde mental e tem evidências científicas sobre essas práticas. Mas não quer dizer também que todo mundo vai ter benefícios com essas práticas. Não é todo mundo que tem benefícios com atenção plena ou com a meditação. Então existem outros tipos de intervenções que se pode procurar, tanto nas terapias alternativas, como ioga e massagens, como também dentro da psicologia e das neurociências. Então terapia é uma coisa também bem importante, bem interessante. Leitura, lazer, são atividades interessantes que é importante fazer. Isso ajuda na saúde mental.

■ Muito se fala em autocuidado, mas há quem critique o termo, por ser individualista. É possível pensar em um “autocuidado coletivo”, que envolva também empatia e solidariedade social?

Sim. Eu acho que isso também tem a ver com aquela questão que eu falei, que a gente tem que se cuidar, mas a gente também não pode ficar alheio ao mundo e se isolar do mundo. A gente precisa também ter acesso às informações. A gente precisa entender também o que está acontecendo no mundo, mesmo que sejam notícias agressivas e ruins, que nos causem raiva, nos causam medo. Mas a gente precisa também, porque é assim que ocorrem transformações sociais. É quando a gente tem medo, quando a gente tem raiva de certas situações. Então não se alienar também é um cuidado coletivo. O autocuidado é importante, mas o cuidado coletivo, ele também é importante para a gente promover transformação social.

■ Você acredita que a educação emocional, desde cedo, pode ajudar as novas gerações a lidar melhor com frustrações, diferenças e conflitos?

A gente fala muito em desenvolvimento de habilidades socioemocionais, e sem dúvida a educação dessas habilidades socioemocionais, a estimulação dela e o compromisso com esse desenvolvimento das relações socioemocionais é algo bem importante, sim, para lidar com as frustrações, para lidar com as diferenças, para lidar com

os conflitos, de uma forma assertiva. Então não ser passivo, mas também não ser agressivo. Mas agir e se comunicar com assertividade consigo e com os outros.

■ O ambiente universitário também reflete muitas dessas tensões do mundo. Como professores e alunos podem construir espaços mais empáticos e saudáveis dentro das instituições de ensino?

Nossas universidades, nossas escolas, elas não estão alheias ao mundo. Então elas são reflexos também da nossa sociedade, da nossa cultura, do nosso momento histórico. Não tem como elas ficarem alheias a tudo que está acontecendo lá fora, de interessante, de bom ou de ruim, sem fazer juízo de valor. Mas tanto professores quanto estudantes podem construir espaços mais empáticos e saudáveis a partir de uma comunicação mais assertiva, a partir de um olhar mais empático. A partir do entendimento sobre a questão da didática, da comunicação. Só que são questões muito difíceis de lidar, porque o ambiente universitário é um ambiente de muitas frustrações, é um ambiente de aprendizagem, e aprender frustra, aprender não é algo passivo, é algo extremamente ativo. Então a gente, quando chega na universidade, vem com uma cultura de estudo de Ensino Médio, de Ensino Fundamental, muito voltada para áreas expositivas, muito conteudista. Às vezes, quando chega na universidade, acaba estranhando um pouco aquele cenário, aquele contexto acadêmico, mas é algo que faz parte do desenvolvimento, sabe? Frustrações e momentos de tensões, tensionamentos, fazem parte do ambiente universitário. Então discussões teóricas, metodológicas, ideológicas, isso faz parte, e a gente não pode não fazer isso, para construir um espaço com mais paz, com mais tranquilidade, não. A gente precisa tensionar, a gente precisa discutir, a gente precisa se frustrar para se desenvolver. Então a gente precisa mesmo é lidar, saber lidar com essas frustrações e somado a isso, um ambiente mais empático é importante, entre professor e aluno, e uma comunicação não agressiva é importante também. Isso de ambas as partes, professor-estudante, estudante-estudante e professor-professor.

■ Depois da pandemia e de tantas crises globais, as pessoas parecem mais cansadas e inseguras. Esse período mudou de forma permanente a maneira como lidamos com o medo e a hostilidade social?

Sem dúvida, a pandemia da Covid-19 mudou bastante a maneira como nós lidamos, sim, com o medo, com a hostilidade social. Então trouxe questões relacionadas também a nossa saúde mental. Nós vivemos um momento muito grande, um período muito longo, de luto, de isolamento físico, e já tem estudos que mostram que a nossa saúde mental foi comprometida. Especialmente relacionado a um Tept, que é um Transtorno do Estresse Pós-Traumático. Agora, quanto tempo isso vai durar, a gente não sabe. Porque, pensando assim, racionalmente, conscientemente, às vezes parece que a gente esqueceu que viveu uma pandemia. Então o conteúdo assim, o episódio, a gente pode ter esquecido, mas as emoções que nós vivenciamos lá, os traumas e as emoções vividas, principalmente as de valência mais negativa, elas são difíceis da gente

esquecer. Ficam-se as emoções, e a gente pode até esquecer a memória episódica, o episódio, mas as emoções, elas ficam lá, e isso está refletindo na saúde mental das pessoas, sim, na pós-pandemia.

■ A empatia é frequentemente apontada como uma chave para a convivência saudável. Do ponto de vista das neurociências, é possível “treinar” o cérebro para ser mais empático?

Nós temos no nosso cérebro neurônios que respondem, no sistema de neurônios-espelho. Esse sistema de neurônios-espelho é responsável pela imitação e pela empatia. Fala-se em neurônios-espelho mais relacionados a nosso comportamento motor, que é a imitação. Imitar movimentos. E neurônios-espelho, sistema de neurônios-espelho relacionados à nossa empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Quando a gente assiste um filme ou alguém nos conta uma história triste, a gente fica triste também com essa pessoa. E isso aí seria a base da empatia. Sobre treinar o cérebro para ser mais empático, a gente vive uma relação dialética com o ambiente. Então, sim, o ambiente, ele modifica nosso cérebro, e o cérebro modifica nosso ambiente também. Nós modificamos nosso ambiente também, mas esse ambiente nos modifica. Isso se dá numa relação dialética. Eu não chamaria de treino para o cérebro ser mais empático, mas eu falaria mais de educação, de um desenvolvimento ético e moral. Então focar mais nessas questões em termos educacionais mesmo.

■ Para encerrar: o que você diria a quem se sente sobrecarregado ou sem esperança diante de tanta agressividade e caos? Que caminhos ainda existem para reconstruir a confiança e o equilíbrio emocional?

Bem, eu diria para você tentar se cuidar e buscar aí, de alguma forma, como for possível, manter, tentar manter o equilíbrio, se você puder. Esse equilíbrio entre atividades de lazer e atividades de trabalho, entre notícias boas mas também notícias ruins. Investir na sua rede social, de amigos, de pessoas, isso é muito bom. Pessoas boas, que lhe fazem bem. Mas, ao mesmo tempo, a gente precisa estar ciente, consciente do que está acontecendo no mundo, porque o mundo somos nós também, nós criamos o mundo. E a gente precisa, de certa forma, juntos e coletivamente, pensar em estratégias para diminuir essa agressividade, para diminuir o caos. Isso são estratégias coletivas. Então a gente pode até criar estratégias individuais para manter o equilíbrio, a saúde mental e se separar um pouquinho dessa agressividade no mundo. Mas vamos pensar que a gente também é esse mundo, nós fazemos esse mundo. Então a gente também precisa pensar coletivamente sobre como a gente está agindo neste mundo. E aí isso é uma questão coletiva, que a gente precisa se comunicar com as pessoas de uma forma não agressiva, a gente precisa pensar em saídas coletivas. Se a gente for se isolar, se isolar, se isolar... para manter nossa saúde mental e pronto, e acabou, como é que a gente vai agir no mundo para diminuir essa agressividade, esse esse caos? A gente precisa pensar e colocar na balança e ir se equilibrando nesse jogo do individual e do coletivo, para a gente também não se anular em termos coletivos, porque precisamos uns dos outros.

SAÚDE MATERNO-INFANTIL

Nascimento prematuro impõe riscos

Especialistas alertam para complicações respiratórias e neurológicas decorrentes de partos antes das 37 semanas

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Nicolas Ravi nasceu de parto normal no dia 9 de outubro, no Hospital da Mulher Dona Creuza Pires, em João Pessoa. Era madrugada, por volta das três horas da manhã, quando veio ao mundo. Pesando apenas 1,7 kg, Nicolas nasceu prematuro, com 33 semanas de gestação — antes das 37 semanas consideradas ideais. Desde o nascimento, recebeu cuidados médicos especializados em unidades voltadas para bebês prematuros. Após 12 dias sob acompanhamento, ele e a mãe, Flávia Roberta, de 28 anos e mãe de primeira viagem, já se preparavam para, enfim, voltar para casa. “Meu maior medo era acontecer alguma coisa, porque via muitos casos, muita gente falava, e acabamos nos assustando. Cada bebê tem uma forma de reagir. Foi difícil, principalmente por ser o meu primeiro filho”, conta, com os olhos marejados, Flávia, ao lembrar o desafio de ter um bebê prematuro. “Graças a Deus, agora estou levando meu filho para casa. A sensação é de alívio, porque ele está saindo bem. Mas o processo continua em casa”, completa.

A experiência de Flávia Roberta é compartilhada por mais de cinco mil famílias que tiveram bebês prematuros na Paraíba apenas neste ano. No Brasil, em 2023, cerca de 12% de todos os nascimentos foram antes das 37 semanas previstas — aproximadamente 300 mil casos, segundo dados do DataSUS. O índice nacional está acima da média global, de cerca de 10%, o que coloca o país entre os 10 com maior número de nascimentos prematuros no mundo.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a prematuridade é classificada em três níveis: prematuro extremo, quando o bebê nasce antes das 28 semanas de gestação; prematuro moderado, de 28 a 33 semanas; e prematuro tardio, de 34 a 37 semanas. A classificação também considera o peso ao nascer: baixo peso (menos de 2,5 kg); muito baixo peso (menos de 1,5 kg); e extremo baixo peso (menos de 1 kg).

Sinais

Durante a maioria do pré-natal, a gestação de Flávia transcorreu de forma tranquila. No entanto, por volta dos oito meses, um exame identificou uma infecção urinária silenciosa, que acabou provocando o rompimento da bolsa no dia 30 de setembro. Mesmo assim, ela permaneceu com o bebê no ventre por mais alguns dias — de 7 a 9 de outubro —, período em que enfrentou dores e contrações até o nascimento de Nicolas Ravi.

Ao nascer, o bebê apresentava a mesma infecção da mãe e precisou permanecer em observação na Unidade de Cuidados Intensi-

vos Convencional (Ucinco). Durante esse período, foi alimentado por sonda e recebeu medicamentos intravenosos enquanto permanecia na incubadora.

Flávia recebeu alta médica antes do filho, que ainda permanecia na incubadora. No sábado, ao deixar o hospital, ela foi vê-lo antes de retornar para casa. No dia seguinte, voltou logo pela manhã e permaneceu ao lado do bebê durante todo o dia. Segundo ela, os profissionais de saúde costumam retirar o recém-nascido da incubadora por alguns instantes para que os pais possam segurá-lo, sentir seu cheiro e iniciar o processo de adaptação.

Seis dias depois, Flávia recebeu a notícia de que Nicolas teria alta da Ucinco e seria transferido para a Unidade de Cuidados Intermediários, mediante a aplicação do Método Canguru. “Foi numa quinta-feira. Tinham mais três meninas aqui comigo e Ravi saiu por último. Ele é muito espertinho, acho até bem avanquinho para o tamanho. O reflexo é ótimo, a adaptação está sendo boa, até a amamentação”, relatou, emocionada, nos momentos finais da internação.

Nas próximas semanas, Nicolas deve retornar ao hospital para exames e acompanhamento médico regular.

Momentos de tensão

Foi ainda durante o pré-natal que Vanessa Paiva percebeu as complicações que levariam ao nascimento prematuro de Arthur, hoje com nove anos de idade, mas que veio ao mundo com apenas 31 semanas de gestação. Vanessa enfrentou um quadro de pré-eclâmpsia, caracterizado por pressão arterial elevada e excesso de proteína na urina — condição que se agravou devido à negligência médica.

O diagnóstico correto e o tratamento adequado só foram obtidos após Vanessa consultar a terceira obstetra do seu pré-natal, curiosamente a mesma médica que havia feito o seu parto.

Algumas semanas antes do nascimento, a gestante começou a sentir cólicas e dores abdominais, além de inchaço persistente, mas sem febre. Após um atendimento de urgência, foi constatada a pressão alta, e sua obstetra, à época, prescreveu um medicamento por apenas cinco dias. Na semana do parto, os sintomas retornaram com força, e Vanessa buscou uma nova profissional — a terceira —, que passou a acompanhá-la de forma mais rigorosa.

A médica prescreveu doses máximas de medicação, além de corticoide para fortalecer os pulmões do bebê, e determinou repouso absoluto e exames quase diários. No fim daquela semana, um novo pico de pressão, associado a descolamento de placenta e risco para mãe e filho, levou à necessidade de uma cesariana de emergência.

“Depois do parto, fiquei dois dias na UTI, porque era



Foto: Carlos Rodrigo

No estado, mais de cinco mil famílias tiveram bebês prematuros neste ano; um desses casos foi o de Flávia Roberta e seu pequeno Nicolas Ravi, nascido no Hospital da Mulher de João Pessoa, em 9 de outubro



Foto: Leonardo Ariel

preciso estabilizar a pressão antes de ir para o quarto. O risco da pré-eclâmpsia existe antes, durante e depois”, lembra Vanessa. “Arthur ficou 33 dias internado — cerca de sete dias na UTI e o restante na Ucinco. Quando ele nas-

ceu, ainda consegui pegá-lo um pouco, tivemos o contato pele a pele, mas foi muito rápido, porque ele nasceu com desconforto respiratório”. A mãe também recorda um dos momentos mais difíceis da internação. “Ele tinha

uns 20 dias de vida e havia passado o dia todo no Método Canguru comigo. Quando pedi para colocá-lo na incubadora, ele teve uma apnéia. Foi desesperador, porque nunca tinha visto aquilo. A saturação caiu, e as enfermeiras co-

meçaram: ‘Arthur, vamos voltar a respirar’. Aquela cena me marcou muito, porque parecia que ele estava tendo uma parada. Quando ele voltou, saí da sala chorando, com a sensação de que quase perdi meu filho”.

Estado oferece estrutura para cuidados

A neonatologista e coordenadora médica de Neonatologia do Hospital da Mulher, Patrícia Guimarães, explica que, quanto mais prematuro é o bebê, maiores são os riscos de ele desenvolver comorbidades ou até de não sobreviver. Um dos principais desafios está na maturação pulmonar.

“O pulmão se desenvolve do meio para o fim da gestação. Quando o bebê não nasce a termo — expressão usada para os nascimentos a partir das 37 semanas —, ele ainda está em formação”, detalha. Segundo a especialista, o uso prolongado de oxigênio pode expor o bebê à retinopatia da prematuridade, condição que pode causar perda visual.

“Os antibióticos que precisamos utilizar, por serem bebês mais suscetíveis a infecções, também podem causar efeitos deletérios à audição e aos rins. Esses recém-nascidos têm risco aumentado de sangramentos, porque o cérebro é muito frágil nessa fase, o que eleva as chances de hemorragias intracranianas. Dependendo do grau, essas lesões podem

deixar sequelas no desenvolvimento”, explica Patrícia. A enfermeira intensivista neonatal e pediátrica e coordenadora de enfermagem da UTI Neonatal do Hospital do Servidor General Edson Ramalho, Nathalia Duarte, reforça que as complicações respiratórias estão entre as mais comuns. “Os bebês podem nascer com Síndrome do Desconforto Respiratório ou displasia broncopulmonar, precisando de suporte de respiração mecânica”, afirma. Segundo ela, os riscos também envolvem o sistema neurológico, com possibilidade de hemorragias intraventriculares, devido ao cérebro ainda imaturo, e de atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor. Além disso, podem ocorrer intolerância alimentar, hipoglicemia, hipotermia — motivo pelo qual permanecem em incubadoras —, além de alterações auditivas. “Cada criança, cada recém-nascido, é um caso. As necessidades variam muito, por isso o acompanhamento especializado é essencial”, conclui Duarte.

Unidades especializadas
Em João Pessoa, dois hospitais públicos estaduais oferecem estrutura especializada para o cuidado de mulheres e bebês que passam por partos prematuros. O Hospital da Mulher, inaugurado em agosto, dispõe de 52 leitos neonatais, distribuídos entre 20 leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal, 20 leitos na Unidade de Cuidados Intermediários Convencional (Ucinco) e 12 leitos na Unidade de Cuidados Intermediários Canguru (Ucinca). Desde a abertura, o hospital já registrou 175 admissões nas unidades neonatais — sendo 57 na UTI, 88 na Ucinco e 30 na Ucinca. O Hospital do Servidor General Edson Ramalho conta com 16 leitos neonatais, divididos em 10 na UTI, quatro na Ucinco e dois na Ucinca. Somente neste ano, o hospital acolheu 406 bebês prematuros, dos quais 227 foram internados na UTI Neonatal, 128 na Ucinco e 51 na Ucinca. Quando a mãe recebe alta antes do bebê, ambos os hospitais oferecem casas de apoio para garantir a proximidade

e o acompanhamento contínuo. No Hospital da Mulher, o serviço é prestado pela Casa da Gestante, que possui 18 leitos. Já no Edson Ramalho, o suporte é oferecido pela Casa das Mães Amor e Vida, com capacidade para oito mulheres.



Foto: Leonardo Ariel



Os antibióticos que precisamos utilizar também podem causar efeitos deletérios à audição e aos rins

REDAÇÃO DO ENEM

Técnica e repertório são essenciais

Clubes de leitura e programas educacionais fortalecem a escrita e a argumentação de quem sonha com a nota máxima

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Quando tratamos de redação, estamos falando sempre de técnica e de repertório. “Sendo assim, cabe ao aluno, primeiramente, compreender a técnica voltada ao texto dissertativo-argumentativo, com foco basilar na estrutura, sempre orientado por professores e especialistas”, recomenda o coordenador do programa Desafio Nota 1000, José Carlos Ribeiro. “Em segundo plano, é preciso ampliar o repertório, a partir de leituras e consumo de produtos culturais, como filmes, séries, músicas, obras de arte”, complementa.

José Carlos diz que o tema da redação sempre é uma “surpresa guardada a sete chaves”, por isso, faz-se necessário saber acumular, organizar e relacionar essa bagagem de conhecimentos. “Um leitor assíduo, sobretudo de obras literárias, sempre terá maior facilidade com a escrita, porque tenderá ao domínio da técnica e do repertório. Por isso, ler, sempre, e o quanto mais for possível, amplia o vocabulário e proporcione outras leituras de mundo, que podem ser claramente úteis à escrita”, afirma.

Se a leitura é uma ferramenta, dividir essa experiência na coletividade amplia as potencialidades do hábito e



Foto: Maria Luiza Albuquerque/Arquivo pessoal

Iniciativa coletiva reforça importância de ler na construção do conhecimento necessário para o desenvolvimento argumentativo

o alcance dos seus benefícios. Com o incentivo do pai, Maria Luiza Albuquerque, concluinte do Ensino Médio Técnico em Teatro, resolveu organizar um grupo voltado para o compartilhamento do conteúdo literário. “O nosso clube do livro foi uma ideia que surgiu a partir de uma conversa sobre a riqueza dos livros para os reper-

tórios de redação. Chamei meus amigos para participar e o projeto começou no início do ano. Temos o compromisso de ler, a cada mês, o livro de nossa preferência e nos reunirmos para debater e compartilhar as impressões de leitura”, conta a estudante.

Os livros, no início, eram escolhidos com base em uma lista pronta. “Seguimos nos

primeiros meses. Porém, da metade do ano pra cá, adotamos o método de cada um escolher sua própria leitura e compartilhar as percepções com o grupo, o que foi muito interessante, pois trabalhávamos com diferentes repertórios em apenas um mês”, conta a jovem de 17 anos.

Uma das prioridades do grupo é a literatura nacional.

“Capitães de Areia”, de Jorge Amado, e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, foram algumas das escolhas.

Maria Luiza, que planeja ingressar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para cursar Direito ou Artes Cênicas, tem uma rotina corrida. “Nas manhãs, estou em aulas, e, à tarde, vou di-

reto pro estágio de conclusão de curso da escola técnica. Quando chego em casa, tenho pouco tempo para estudar, porém tento ser o mais produtiva possível. O tempo que reservo para ler meu livro é antes de dormir. Nos sábados, reviso bastante as matérias da área de exatas, que tem um peso maior no Enem, principalmente Matemática”.

A estudante conta que a redação recebe atenção especial na sua estratégia de preparação para a prova. “Foco bastante neste ponto da produção textual, e busco fazer pelo menos duas redações por semana. Minha professora passa possíveis temas para que possamos treinar a elaboração do texto no menor tempo possível. As demais matérias eu aproveito para revisar e intensificar na escola e durante meus estudos semanais”, conta Maria Luiza.

■
Autores como Jorge Amado e Machado de Assis inspiram jovens a explorar a literatura brasileira como fonte de repertório

Elementos que o exame espera do candidato

A redação do Enem explora a tipologia dissertativa-argumentativa: é um texto em que o candidato defende, de forma clara e objetiva, um ponto de vista, a fim de persuadir o leitor. Para isso, a professora Érika Leal explica que devem ser utilizadas estratégias de convencimento, como os chamados repertórios, e linhas ou relações de causa e consequência, por exemplo. “Eles querem um escrito autoral, sem modelos prontos. Esse é o grande segredo da prova deste ano. O concorrente deve fugir das mesmices e procurar um caminho genuíno”, orienta.

As propostas têm aparecido, nos últimos anos, conforme sinaliza a professora, com enquadramentos de temas que buscam abordar desafios, invisibilidades ou caminhos para o combate ou resolução de problemáticas sociais. “Tem-se um recorte de direcionamento do tema, que vem acompanhado geralmente, de quatro ou cinco textos motivadores, que servem para nortear o candidato e devem ser lidos com atenção”, conta.

É importante que o participante pense no projeto de texto, o planejamento antes da escrita. A estrutura textual é dividida em três partes, que devem estar dispostas em quatro parágrafos, e manter conexões entre si. São elas: introdução, com uma média de cinco a sete linhas; desenvolvimento, em dois parágrafos, com média de sete a nove linhas; e a con-

clusão, com seis a oito linhas.

A introdução deve conter uma apresentação do tema em seu recorte completo. “Isso evita grandes erros no Enem: o tangenciamento, que é trabalhar o tema de maneira superficial, ou ainda, a fuga, que é não trabalhar o tema solicitado, e que pode inclusive zerar a redação. Para a introdução, são essenciais o tema e a tese. O assunto que vai ser discutido é descrito de forma clara, enquanto, na tese, se elabora qual é a problemática em questão; nela, o aluno apresenta os direcionamentos que vão nortear o texto”, descreve Érika.

O desenvolvimento, vai trazer o porquê do problema. “Estruturalmente, é iniciado com um conectivo; tem-se um tópico frasal, que é a parte que resume a ideia a ser argumentada; e o repertório”. Erika ressalta que, neste ano, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), na cartilha do participante, direcionou um quesito qualitativo específico sobre o repertório da redação.

A professora orienta que o aluno não deve utilizar repertórios “de bolso”, ou seja, aqueles decorativos, que não têm relação direta com o tema, previsíveis e pouco aprofundados, ou será descontada pontuação na competência 2. Por outro lado, definições, dados, exemplos de domínio público, citações e referências de filmes, séries e músicas podem ser mencionados para

enriquecer e fundamentar o texto. “A preocupação não é o que será utilizado, mas como isso será feito, e a relação que se tem com o tema. Esse cuidado é uma outra aposta para que se mantenha a possibilidade de uma nota elevada”, pontua Erika.

A conclusão deve apresentar medidas que atenuem ou solucionem o problema discutido, de forma viável e respeitosa aos direitos humanos. “A intervenção deve considerar o agente (quem executa), a ação (o que será feito), o meio (como será feito), o efeito (objetivo da ação) e o detalhamento (informações complementares). É importante conectar a conclusão à introdução para garantir coesão”, orienta a professora.

A redação do Enem é avaliada em cinco competências, cada uma valendo 200 pontos. “A primeira avalia o domínio da norma culta e o uso adequado da gramática. A segunda analisa a compreensão do tema, o repertório e a estrutura argumentativa. A terceira observa a coerência e a organização das ideias. A quarta verifica a coesão textual, e a quinta, a proposta de intervenção, que deve respeitar os direitos humanos”, explica Érika Leal.

Nos últimos três anos, o Enem tem abordado temas ligados a grupos minorizados, como povos originários, população afro-brasileira e o papel da mulher no cuidado. “A escolha do tema não segue um padrão previsível, mas reflete discussões relevantes para a formação ci-

dadã dos estudantes”, explica Érika Leal.

De acordo com a professora, é essencial que os candidatos acompanhem projetos e debates de destaque nacional. “Com a COP30, questões ambientais ganham visibilidade e podem inspirar temas sobre sustentabilidade ou responsabilidade social. Também destaco assuntos como tecnologia, inteligência artificial e mercado de trabalho”, aponta.

Ela ressalta ainda a importância de temas sobre capacitismo, inclusão de pessoas com deficiência, valorização dos professores, inclusão educacional e refugiados climáticos, além de discussões éticas sobre empatia, arte e saber popular.

A preparação, segundo Érika, deve ser constante. “É importante manter-se informado por meio de jornais, revistas, podcasts, documentários e leituras — especialmente dos clássicos. Essa base amplia o repertório e ajuda o candidato a construir argumentos mais sólidos e articulados, o que pode garantir notas mais altas”, conclui.



Acesse a página onde está localizada a cartilha do participante pelo QR Code

Ação que transforma o aprendizado em êxito

Iniciativa de ensino, produção e correção de redações para o Enem, executada mediante a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB), o Desafio Nota 1000 divulga, semanalmente, um tema de redação articulado ao Enem, com base em eixos como Saúde, Tecnologia, Meio Ambiente, Sociedade, Economia, entre outros. “Orientados por seus professores, os estudantes produzem as redações e realizam o envio dos textos para a SEE-PB, por meio de formulário *on-line*, para a avaliação de uma equipe de corretores especializados em redação para o Enem”, explica o coordenador José Carlos Ribeiro.

As ações do programa foram iniciadas em abril de 2020. A regulamentação ocorreu em 31 de maio de 2021. O programa contempla estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio, independentemente de modalidade. Após a correção pelo Desafio Nota 1000, os estudantes recebem um *feedback* de seu desempenho, com notas e comentários, segmentados em cinco competências cobradas no Enem: domínio da modalidade formal escrita da língua portuguesa; atendimento ao tema e à estrutura do texto; argumentação e projeto de texto; coesão, coerência; e elaboração de uma proposta de intervenção respeitando os Direitos Humanos.

Os professores fazem uso das informações geradas

nas correções como subsídio para as aulas de redação, para apoiar os alunos nos pontos de melhoria identificados. Semanalmente, o programa oferece formação continuada, de forma síncrona, para os professores de Redação e de Língua Portuguesa da rede estadual. “É uma experiência única no Brasil em redes públicas, considerando se tratar de um percurso formativo continuado, em perspectiva contínua, que ocorre todos os anos, desde 2021, apontando as novidades que são lançadas pelo MEC-Inep para a correção do Enem”, conta o coordenadora.

As ações do Desafio Nota 1000 já beneficiaram 132.555 estudantes. “Apenas neste ano, 70.535 estudantes estão sendo impactados, seja pela produção e correção de textos, seja pelas aulas estruturadas de Redação, sob elaboração e monitoramento do programa”, conta. De 2020 a 2025, já foram recepcionadas e corrigidas 938.517 redações.

Já participaram dos percursos formativos oferecidos pelo Desafio Nota 1000, 1.187 professores de Língua Portuguesa e de Produção de Texto, no período de 2021 a 2025. “Ademais, 100% dos professores de Produção de Texto são beneficiados, notadamente no que se refere ao material pedagógico, de caráter autoral, produzido no âmbito do programa, e que inclui cadernos com atividades direcionadas”, ressalta José Carlos.

CRIMES POR ENVENENAMENTO

Casos trazem desafio às investigações

Apesar do baixo índice na PB, episódios de intoxicação intencional seguem intrigando peritos e profissionais da Saúde

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Episódios de envenenamento criminoso têm ganhado visibilidade na mídia, ao longo deste ano. E, de fato, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde (MS), as notificações desse tipo de crime vêm aumentando no país. O Brasil registrou 560 ocorrências de envenenamento intencional no primeiro semestre de 2025 — um crescimento de 9% em relação aos seis primeiros meses do ano passado. No mesmo período, foram notificadas 15 mortes em decorrência de intoxicação criminosa. Desde 2007, mais de 11,6 mil pessoas foram vítimas desse delito, número que dobrou na última década. Na Paraíba, embora os índices mantenham-se baixos — quatro episódios foram oficialmente contabilizados, de janeiro a junho deste ano —, a rede de Saúde e a perícia científica continuam atuando em prol da prevenção e lidando com a complexidade das investigações para elucidar essas ocorrências.

A perita do Laboratório de Toxicologia do Instituto de Polícia Científica (IPC), Luana Sales, explica que o maior desafio enfrentado é o tempo entre a suspeita de envenenamento e a coleta das amostras de sangue e urina, pois esse intervalo é decisivo para a obtenção de um resultado fidedigno. “Uma coisa muito importante é que as amostras sejam coletadas o mais rápido possível, o que geralmente não acontece. Quanto mais célere for, aumenta a possibilidade de a gente encontrar a substância tóxica, porque muitos elementos são metabolizados rapidamente

Números

O Brasil contabilizou 560 ocorrências do tipo no primeiro semestre deste ano, uma alta de 9%; no estado, foram quatro registros durante o período

pelo corpo. Então, quanto antes a gente receber o material da coleta, maiores são as chances de conseguir rastrear”, detalha Luana. A especialista orienta a população que, diante de alguma suspeita de intoxicação, a melhor alternativa é procurar as autoridades policiais o quanto antes.

É a partir de um ofício, oriundo da delegacia de polícia, que os casos do tipo chegam ao laboratório do IPC. Assim, os peritos atuam em situações em que a vítima faleceu, está internada ou mesmo quando ela se recupera. “Nós temos casos em que a pessoa sofre intoxicação e vem a óbito, então, a partir da coleta feita pelo médico, será solicitado o nosso laudo. Temos casos em que a pessoa não chega a morrer, mas é hospitalizada, e são feitos o que a gente chama de exames toxicológicos *in vivo* — quando vamos até o hospital para realizar a coleta. Também há situações em que essa pessoa vem direto até aqui. Ela passa, antes, pela delegacia, informa o que aconteceu e é encaminhada para o laboratório”, relata Luana.

Um dos episódios mais re-



Fotos: Leonardo Ariel

Equipes do IPC encarregam-se de analisar as amostras biológicas coletadas das vítimas para identificar as substâncias tóxicas envolvidas

centes investigados no local, conforme a perita, envolveu um bolo oferecido a uma família, que apresentou sintomas de sonolência e confusão mental. A análise pericial confirmou a presença de benzodiazepínicos — calmantes de uso controlado — nas amostras biológicas e no próprio alimento. “Foi uma pessoa próxima da família que preparou o bolo e levou para eles. Nesse caso, chegou para o Instituto tanto o alimento quanto as amostras biológicas. O bolo foi analisado no laboratório de Química e as amostras de sangue e de urina no de Toxicologia. Assim, a gente utilizou as informações obtidas nos dois laboratórios para conseguir identificar a substância, pois a

concentração é maior nos alimentos, então há uma complementação dos dados obtidos”, conta Luana.

Levantamento

De acordo com informações do Datatox — sistema de registro, acompanhamento e recuperação de dados de Toxicologia Clínica —, em 2025, 5.746 pessoas foram atendidas por casos de envenenamentos na Paraíba. Esses números abrangem circunstâncias diversas, como acidentes com animais peçonhentos e abuso de drogas. A maior parte das solicitações veio do município de Campina Grande (3.389), seguido de João Pessoa (2.306). Neste ano, entre os atendimentos registrados,

apenas um entrou na categoria de “Circunstâncias de Violência/Maus-tratos/Homicídio”, ocorrido por meio de agente intoxicante não determinado e com desfecho de cura.

A Secretaria Estadual de Saúde (SES) da Paraíba apontou que, no primeiro semestre de 2025, aconteceram dois óbitos por agressão por envenenamento. Já em 2024, não foi notificado nenhum caso. Em relação às situações de envenenamento acidentais, o órgão contabilizou quatro óbitos, tanto neste ano quanto no anterior.

Entorpecentes

As substâncias usadas em casos de envenenamento cri-

minoso variam conforme o acesso que o autor do crime tem ao agente tóxico. Pesticidas, medicamentos controlados e drogas ilícitas estão entre os mais utilizados. De acordo com a perita Luana Sales, um fato preocupante é a utilização de entorpecentes para cometer crimes como furto ou abuso sexual. “A gente encontra muito o uso de drogas ilícitas relacionados a casos de abuso sexual. A pessoa sofre a intoxicação, mas o objetivo não é o homicídio, e sim outro delito, como subtrair alguma quantia em dinheiro, obrigar a pessoa a realizar transferências ou praticar abuso sexual”, comenta a profissional do IPC.

Atendimento emergencial deve obedecer etapas

As situações de envenenamentos, principalmente os criminosos, precisam ser detectadas precocemente pelos profissionais de Saúde que atendem as vítimas. De acordo com o médico infectologista Jaime Araújo, a presença de sinais como náuseas, vômitos, dor abdominal, tontura, confusão mental, alterações na pupila, suor intenso, tremores e convulsões é um indicativo de envenenamento. Quando há indício de que a intoxicação pode ter sido intencional, o profissional de Saúde precisa seguir algumas etapas, conforme esclarece Jaime: em primeiro lugar, atender e estabilizar o paciente; em seguida, coletar amostras, como sangue, urina ou conteúdo do estômago, para ajudar na identificação da substância.

Depois disso, o profissional deve comunicar às autoridades policiais e ao Instituto Médico Legal (IML) a respeito da ocorrência. É necessário, ainda, que o médico responsável registre todas as informações, detalhadamente, no prontuário do paciente, pois isso pode contribuir para as in-

vestigações. Além disso, deve-se acionar o Centro de Informação e Assistência Toxicológica (Ciatox) para receber orientações especializadas sobre o caso.

“No Brasil, todos os casos de intoxicação e envenenamento são de notificação compulsória. Essas notificações vão para o Sistema de Informação de Agravos de Notificação [Sinan], do Ministério da Saúde”, afirma o infectologista.

■ É necessário que o médico responsável detalhe todas as informações no prontuário do paciente, para ajudar no trabalho investigativo

Governo limita circulação de agentes tóxicos

Os órgãos de fiscalização do uso, da compra e da venda de produtos que podem ser explorados como agentes tóxicos agem de maneira a coibir sua má utilização. A gerente-executiva de Defesa Agropecuária da Paraíba, Girlene Alencar, que atua na Secretaria de Estado da Agropecuária e da Pesca (Sedap), responsável pelo controle de agrotóxicos, reforça a importância da aplicação regulamentada desse tipo de material, chamado, agora, de defensivo agrícola.

“A nossa fiscalização é justamente para assegurar o uso correto desses produtos, com a dosagem certa, de acordo com a recomendação de um profissional. Todo defensivo agrícola deve ser comercializado nas revendas agrícolas que são cadastradas na Secretaria. E, para que haja esse cadastro, é necessário que se tenha um responsável técnico habilitado, um engenheiro agrônomo ou até mesmo um técnico agrícola-

la, que emitirá esse receituário agrônômico com as recomendações necessárias para seu uso, para que se evite a



Foto: Arquivo pessoal

Todo defensivo agrícola deve ser comercializado nas revendas cadastradas na Secretaria da Agropecuária e da Pesca

Girlene Alencar

Saiba Mais

Os Centros de Informação e Assistência Toxicológica (Ciatox) formam uma rede de serviços públicos, que oferecem orientações especializadas sobre casos de intoxicações por substâncias variadas — principalmente, para profissionais de Saúde. Na Paraíba, há os Ciatox de João Pessoa e de Campina Grande. Para mais informações sobre eles, a população pode ligar para o telefone 0800 722 6001.

RAÍZES DO BREJO

Dona Inês aposta na riqueza natural

Com expectativa de reunir até 15 mil pessoas no festival, cidade prepara atrativos turísticos, culturais e gastronômicos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Com suas formações rochosas únicas e uma tradição culinária baseada no umbu, o município de Dona Inês sediará, de 14 a 16 de novembro, a etapa local da Rota Cultural Raízes do Brejo, oferecendo aos visitantes a oportunidade de degustar vários pratos com esse ingrediente e passeios ao ar livre, entre outras atividades. O circuito é uma iniciativa do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), com o apoio do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal, e deverá reunir de 12 mil a 15 mil pessoas nos três dias de programação. As atrações previstas para o festival prometem proporcionar ao público a vivência de novas experiências, envolvendo áreas como cultura e turismo de aventura.

“Nós estamos preparando um evento cultural, para que possamos resgatar nossos grupos de cultura popular. Eu entendo que o turismo aliado à cultura é uma política permanente. O bom é que a gente está proporcionando espaço para aqueles grupos de cultura popular que estavam esquecidos. É isso que estamos preparando: o resgate das raízes, da identidade do nosso povo, aliado às trilhas de turismo do nosso mu-

nicipio”, ressalta o prefeito de Dona Inês, Antônio Justino.

Já o secretário de Cultura e Turismo do município, Josenildo Fernandes, frisa que, de fato, o foco na cultura popular é um fator diferencial da agenda festiva em Dona Inês. Além disso, Josenildo aponta que os visitantes poderão conferir práticas como a torra artesanal de café e passar uma tarde em uma comunidade quilombola local.

Mobilização

Localizada a cerca de 140 km de João Pessoa, Dona Inês é a quarta cidade a fazer parte da Rota Cultural Raízes do Brejo, que proporciona aos 10 municípios participantes mostrar seu potencial turístico. Para Josenildo Fernandes, o festival oferece visibilidade ampliada aos atrativos da localidade. “É uma forma de o município mostrar-se para os turistas, atrair seus olhares, trazê-los para as cidades e, a partir daí, mover investimentos para o Brejo paraibano”, comenta. Portanto, a iniciativa não proporciona apenas uma programação cultural, mas também uma ocasião de busca de aporte financeiro para cidades paraibanas que, normalmente, não dispõem de tanto destaque como destino de viagem.

Por meio de treinamentos, a população inesense — que, de acordo com o Censo



Programação do circuito itinerante inclui trilhas ecológicas por formações rochosas, como as Marmitas do Lajedo Preto, e uma visita à comunidade do quilombo Cruz da Menina

de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 10.380 habitantes — vem se preparando para receber os visitantes do evento. “Agora, por exemplo, está no município a carreta do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial [Senac], para trabalhar justamente as questões da gastronomia, de higiene, de manipulação de alimentos, para que quem ve-

nha para o festival esteja realmente ciente de que vai comer algo preparado com muito cuidado e zelo”, detalha o secretário de Cultura e Turismo.

Além das capacitações, o fomento aos empreendedores locais tem sido uma prioridade da gestão municipal, como forma de incentivar o crescimento econômico. “A gente vem trazendo linhas de crédito para os empreendimentos

da cidade, por meio do Banco do Nordeste e do Empreender Rural, para fomentar esse pessoal, para que eles possam ganhar dinheiro e ter um retorno com o festival”, comenta o secretário.

Itinerário

Com o tema “Versos e contos que retratam nossa história”, a edição deste ano do Raízes do Brejo começou

em outubro e já passou por Lagoa de Dentro, Alagoinha e Serra da Raiz. Depois de Dona Inês, o circuito seguirá para Juarez Távora (de 21 a 23 de novembro), Guarabira (de 28 a 30 de novembro), Pirpirituba (de 5 a 7 de dezembro), Belém (de 12 a 14 de dezembro), Duas Estradas (de 19 a 21 de dezembro) e Pilõezinhos (de 26 a 28 de dezembro).

Atividades combinam música, artesanato e outras tradições

A programação da rota cultural em Dona Inês começará antes mesmo da agenda oficial do evento. De amanhã até a próxima sexta-feira (7), ocorrerá um concurso de redação para estudantes do Ensino Médio. De quinta (6) a sexta-feira (7), o município promoverá um curso de fotografia de paisagens no celular. Já em 13 de novembro, o museu municipal Espaço da Memória será palco de uma noite de degustação de queijos e vinhos, com música ao vivo.

Finalmente, a sexta-feira (14) será oficialmente o primeiro dia de atrações do Raízes do Brejo. Às 14h, o público poderá assistir ao tradicional procedimento da torra de café artesanal; às 15h, será aberta a exposição das melhores fotografias do curso e também haverá a premiação dos três primeiros lugares do concurso de redação. A solenidade de abertura do festival está marcada para as 19h30, seguida dos shows dos cantores Laís Santos e Wagner Viana.

No sábado (15), os turistas e os inesenses poderão participar de trilhas ecológicas para as chamadas Marmitas do Lajedo Preto — formações rochosas naturais que se assemelham a piscinas —, além de visitar a Pedra do Letreiro, onde é possível ver inscrições rupestres, e o Açude de Mulungu, localizado no Riacho Mulungu. A hora do almoço será animada por um trio de forró pé de serra, no Bar Rancho Gomes.



Ateliê Sérgio Teófilo exibe peças de madeira e cerâmica

■ Ao longo dos três dias, estão previstos shows de nomes como Flay, Laís Santos e Lindo Silva

Para a tarde, está programada uma visita à Associação da Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Cruz da Menina. A região ainda abriga o Ateliê Sérgio Teófilo, que exibe peças de madeira e de cerâmica do artesanato e escultor homônimo; a capela do quilombo, lugar de visitas e orações; e o Café Quilombola, onde se pode apreciar pratos típicos, como tapiocas, cocadas, beiju e geleias de frutas, entre outros quitutes. A agenda prolonga-se até a noite, com um

concerto na Igreja Matriz de Dona Inês e shows com o forrozeiro Lindo Silva, a cantora Flay — também conhecida por ter participado do reality show Big Brother Brasil — e o cantor Doninho Oliveira.

Último dia de atividades, o domingo (16) começará com uma visita guiada, às 9h, que percorrerá o Espaço da Memória, o Mirante da Serra e o viveiro de mudas do Instituto Curimataú, finalizando o passeio com uma degustação do mel de abelha extraído no local. O Restaurante Flor de Cacto servirá o almoço para o grupo de visitantes, ao som de um trio pé de serra. Às 16h, uma corrida de rua marcará o fim da programação.

Roteiros locais prolongam imersão nas vistas e nos sabores do município

Os três dias de Raízes do Brejo não serão suficientes para os turistas conhecerem todos os atrativos que Dona Inês tem a oferecer. O município dispõe de roteiros variados, que englobam diversos pontos turísticos, focando em experiências culturais e de aventura.

Há, por exemplo, o Roteiro das Pedras, produto turístico voltado especialmente para quem aprecia esportes radicais, como o rapel. A Pedra de Chico Bento e a Pedra Lavrada são, a propósito, ótimos pontos para essa prática. O passeio inclui visita a uma casa de farinha e a duas cachoeiras da região.

Outra opção é o Roteiro Mata do Seró, que conduz os viajantes por uma reserva ambiental legal, para conferir as belezas da flora e da fauna locais, por meio de trilhas. É possível, ainda, praticar rapel na Pedra do Purgatório, que tem 13 m de altura, e tomar banho na cachoeira Salto do Seró.

O Roteiro dos Cânions do Rio Curimataú, por sua vez, propicia não apenas conhecer a Pedra do Letreiro, que fica próximo ao curso d’água, mas também banhar-se nas piscinas naturais da área. Já o Roteiro da Caatinga parte

da Pedra do Capitão, passando pela Pedra do Mium, pela Pedra do Campinado — mais um ponto adequado ao rapel, que oferece uma vista deslumbrante da localidade — e pela Mata Doura, uma região de 200 hectares preservados de Caatinga que recebe esse nome porque, ao pôr do sol, suas folhas adquirem uma coloração dourada. O passeio termina na Pedra Guardiã, na qual se pode ver um rosto esculpido pela natureza.

Identidade

A culinária inesense é um atrativo à parte para os visitantes, destacando-se pelo uso do umbu como ingrediente de diversas receitas. “A identidade gastronômica da cidade é voltada para o umbu, então o visitante poderá degustar pratos que trazem a

fruta como protagonista”, informa Josenildo Fernandes.

Risoto de umbu com carne de sol, mousse de umbu e um molho da fruta, utilizado em hambúrgueres e petiscos de bares, são algumas das experiências culinárias de Dona Inês. De acordo com o secretário de Turismo e Cultura, a individualidade desses pratos foi resultado de um trabalho feito em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), elaborando uma nova identidade gastronômica para a cidade, com base em um produto anteriormente banalizado na região. “Hoje, ninguém mais desperdiça essa fruta aqui, ninguém mais joga fora, todo mundo guarda a polpa do umbu para vender”, complementa Josenildo.



A culinária inesense distingue-se por pratos à base de umbu

Saiba Mais

Conforme relatos sobre a origem da cidade, vaqueiros teriam encontrado uma senhora branca muito bonita e elegante, acompanhada de um negro escravizado, acampada ao pé do lajedo onde, até hoje, encontra-se um açude denominado “Cajueiro”. Essa mulher, chamada “Dona Inês”, nunca mais foi vista na área, mas marcou a história local. Assim, antes distrito de Bananeiras, a cidade batizada com o nome dessa senhora elevou-se à categoria de município em 1959.

LITERATURA

Escolha o seu Jabuti

Conheça melhor 10 dos vencedores deste ano do principal prêmio do mercado literário brasileiro

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

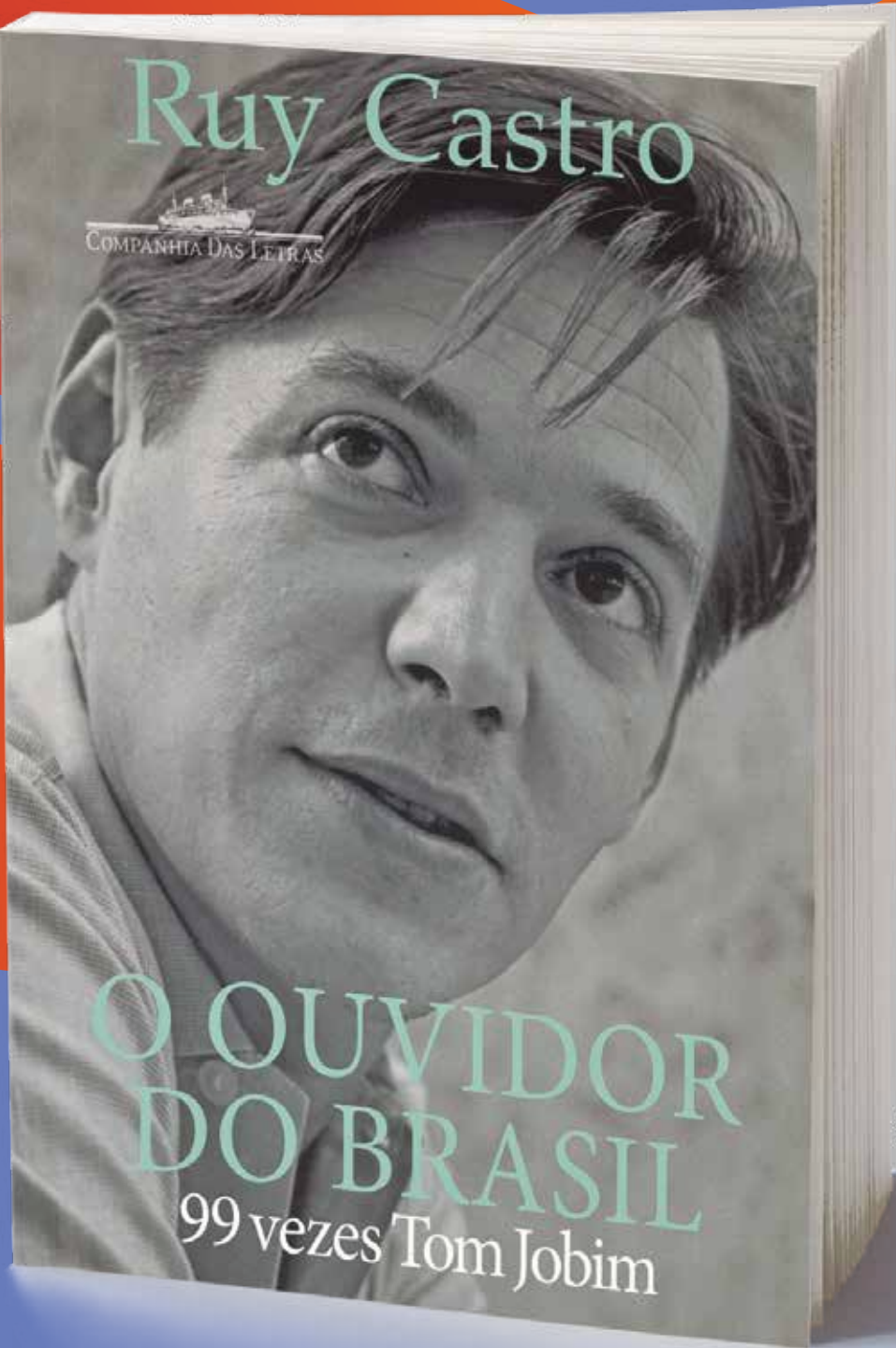
Deu crônica (de novo). No ano passado, Rosa Freire d’Aguiar emplacou a dobradinha de melhor livro de crônica e Livro do Ano com *Sempre Paris – Crônica de uma Cidade, Seus Escritores e Artistas* (Companhia das Letras, 2023). Este ano, 1º lugar das crônicas repetiu o prêmio maior do Jabuti, elegendo-se como laureado da cerimônia da última segunda-feira (27), no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: o jornalista e escri-

tor Ruy Castro e seu *O Ouvidor do Brasil – 99 Vezes Tom Jobim* (Editora Companhia das Letras, 232 páginas). Em cerimônia organizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e dividida em quatro eixos temáticos – Literatura, Não Ficção, Produção Editorial e Inovação – a 67ª edição do Prêmio Jabuti premiou os selecionados em 23 categorias com uma estatueta do Jabuti e R\$ 5 mil – o vencedor do Livro do Ano levou, além do troféu, R\$ 70 mil e uma viagem à Feira do Livro de Londres. Saiba mais sobre dez dos laureados deste ano nesta página.

CRÔNICA/LIVRO DO ANO

O OUVIDOR DO BRASIL – 99 VEZES TOM JOBIM
De Ruy Castro. Editora: Companhia das Letras

Publicadas originalmente na página 2 da *Folha de S. Paulo*, de 2007 a 2023, as crônicas conduzem o leitor no compasso da bossa — aprazível e encantador — por textos como “Maestro piador”, “Praia de Tom Jobim” e “Para principiantes” — em alusão à clássica máxima de Tom acerca do Brasil que tanto cantara. Homem à frente de seu tempo, dado à causa ecológica, é revelado a nós, por Ruy, um Tom Jobim além do piano e afeito às coisas do nosso dia a dia.



Fotos: Divulgação



ROMANCE LITERÁRIO

VENTO EM SETEMBRO
De Tony Bellotto. Editora: Companhia das Letras.

Em Assis, interior de São Paulo, na década de 1970, um fazendeiro organiza uma festa em comemoração à perda da virgindade do filho mais novo, mas o jovem

simplesmente desaparece. O *thriller* não se satisfaz no passado, intercalando tempos narrativos e espaços diversos.



ROMANCE DE ENTRETENIMENTO

AS FRONTEIRAS DE OLINE
De Rafael Zoehler. Editora: Patuá.

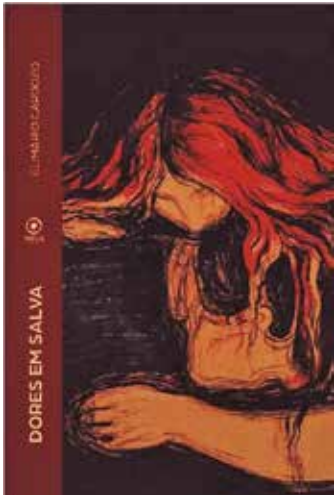
Sérvia e Cazaquistão fazem fronteira e um homem-função é encarregado de manter cada coisa em seu território – nem à chuva é permitido o traslado de um país para o outro. No entanto, ele próprio, ao perder um amigo, se vê tomado pela raiva e arremessa uma pedra do Cazaquistão para a Sérvia – e deverá limpar a reputação.



INFANTIL

ESTAÇÕES
De Daniel Munduruku, com ilustrações de Marilda Castanha. Editora: Moderna.

O escritor indígena Daniel Munduruku, autor de 65 obras voltadas para crianças e jovens, criou *Estações* a partir de uma conversa com a ilustradora e coautora do livro, Marilda Castanha. Metaforizando a passagem poética do tempo da natureza, e inspirada pelos concertos de Antonio Vivaldi, o livro dá a Munduruku seu terceiro Jabuti – em 2003 venceu com *Coisas de Índio* e, em 2017, com *Vozes Ancestrais*.

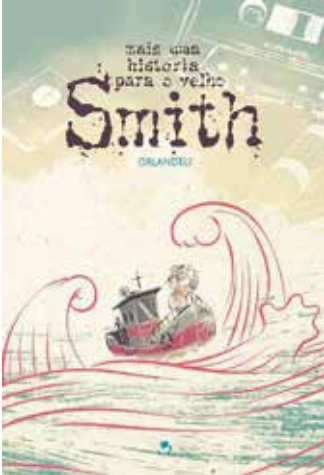


CONTO

DORES EM SALVA
De Elimário Cardozo. Editora: Patuá.

Para enfrentar o medo da morte, uma mulher resolve comer barro, enquanto outra é devorada por vermes – mas só ela percebe o horror dessa condição. Nas 12 histórias do livro do médico geriatra

Elimário Cardozo, a dor humana protagoniza o sofrimento imposto aos personagens, sintomática dos nossos dias.



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

MAIS UMA HISTÓRIA PARA O VELHO SMITH
De Orlandeli. Editora: Gambatte.

Smith sempre volta do mar trazendo consigo boas histórias. Certo dia, as histórias parecem fugir à memória do velho marinheiro. Ele sente que suas lembranças afundaram no esquecimento. Para resgatá-las, Smith torna a navegar.



POESIA

RESPIRO
De Armando Freitas Filho. Editora: Companhia das Letras.

A versatilidade do poema que vêm à mão, no computador, na fila do banco ou no papel de pão. Em movimento persecutório à consciência das belezas da vida e do envelhecimento, um dos maiores poetas da segunda metade do século 20 evoca o exercício da percepção.



JUVENIL

O SILÊNCIO DE KAZUKI
De André Kondo, com ilustrações de Alessandro Fonseca. Editora: Telucazu.

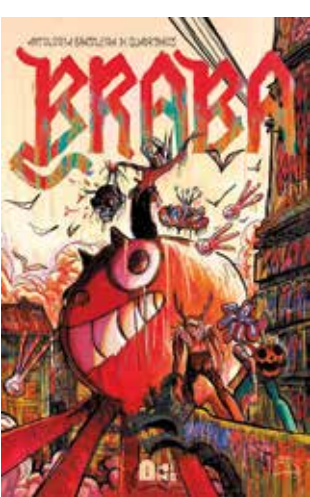
Expondo temas sensíveis às novas gerações, o livro narra o intento de um filho, apartado do pai por palavras não ditas e ausências da vida, em reconciliar o presente e o passado na busca incessante pela identidade do pai, ora octogenário e acometido por um câncer.



BIOGRAFIA E REPORTAGEM

LONGE DO NINHO
De Daniela Arbex. Editora: Intrínseca.

O subtítulo fala por si: *Uma Investigação do Incêndio que Deu Fim ao Sonho de Dez Jovens Promessas do Flamengo de Se Tornarem Ídolos no País do Futebol*. A tragédia no Ninho do Urubu sobrevém em extensa apuração investigativa com as famílias dos 10 jovens, sobreviventes e corpo pericial.



LIVRO BRASILEIRO PUBLICADO NO EXTERIOR

BRABA - ANTOLOGIA BRASILEIRA DE QUADRINHOS
Vários autores. Editora: Mino/Fantagraphics.

Com título estilizado em caligrafia de pixo, o título convoca 16 quadrinistas brasileiros. A coletânea, composta por artistas dotados de estilos distintos, contou com a participação do paraibano Shiko no time.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A invenção do individualismo

O individualismo é uma das bases da sociedade moderna. Há quem o confunda com uma atitude egoísta, como o ato de “pensar apenas em si” e pôr os próprios interesses sempre em primeiro lugar. Mas o individualismo é, antes de tudo, uma ideologia que organiza as nossas relações, sacraliza e transforma o indivíduo num sujeito moral, estético e normativo. Supostamente livre e igual diante dos demais.

Essa é uma ideia relativamente nova. Nasceu na Europa, com a formação do capitalismo, sendo elaborada entre os séculos 17 e 19. É com o pensamento liberal que o indivíduo atinge o paroxismo — alçado a condição de valor supremo, visto como anterior à sociedade e superior a ela.

A grande maioria das sociedades humanas funcionam de maneira inversa. Elas são holísticas, ou seja, estão fundadas na compreensão

de que o todo é mais importante que as partes. Numa forma de ver as pessoas como indissociáveis de uma coletividade. Seja ela uma família, um clã ou comunidade religiosa. Ao contrário do que acontece na modernidade, nos herdávamos nossa identidade da comunidade, não a construíamos.

É apenas com a modernidade que a ideia de sujeito autônomo, capaz decidir, escolher, agir e inventar a sua identidade se estabelece de fato. O individualismo vai influenciar várias áreas, da política à teoria do conhecimento. O cogito de Descartes — “penso, logo existo” — é um bom exemplo de como o ele se tornou importante para filosofia moderna e para a epistemologia.

Com Descartes, o indivíduo está no cerne do conhecimento. Ao colocar o indivíduo no centro, o processo de conhecer é encaixado como algo próprio de

cada um. A comunidade perde assim a sua importância. Só conseguimos o conhecimento seguro por meio de uma atitude da introspectiva. Uma forma bastante individualista.

Europa
A ideia de individualismo nasceu com a formação do capitalismo, entre os séculos 17 e 19

Podemos perceber o individualismo em autores como John Locke, Rousseau e Kant. Locke acreditava que o indivíduo possuía direitos naturais, portanto, anteriores a criação do Estado. Enquanto Rousseau, considera

o indivíduo livre como base da convivência civil. Um aspecto fundamental para sua teoria do contrato social. Já Kant é responsável noção autonomia da razão como fundamento da moral.

Com aprofundamento do liberalismo, em especial na sua fase contemporânea, que o indivíduo será tratado como o empreendedor de si mesmo. Como responsável por seu sucesso ou fracasso. Essa visão desconsidera as condições históricas e sociais que estamos inseridos, o que tende a operar como ideologia que mascara as desigualdade sociais. Além de fragiliza os nosso vínculos.

O sociólogo Émile Durkheim, dizia que individualismo moderno é uma espécie “religião do homem”. Mas se, por um lado, o indivíduo é transformando em um valor sagrado, ele se torna solitário e responsável moralmente pelo seu sucesso e fracasso.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Violência estrutural à paz

Johan Vincent Galtung (1930–2024), foi um sociólogo e matemático norueguês, desenvolveu uma compreensão acadêmica inovadora sobre a construção da paz, sendo também cofundador da disciplina de Estudos sobre Conflitos. Em 1959, fundou o Instituto de Pesquisas para a Paz de Oslo (Prio), do qual foi diretor até 1970. Ao longo de uma carreira de mais de 70 anos, Galtung atuou em mais de 150 processos de mediação, envolvendo nações, religiões, comunidades locais e organizações da sociedade civil. Reconhecido mundialmente como o “pai dos estudos da paz”, ele escreveu e coescreveu mais de 1.600 artigos e mais de 160 livros, abordando temas relacionados à solução de conflitos, à teoria comparada das civilizações e ao desenvolvimento humano e social. O pensador também formulou uma nova abordagem para a economia, capaz de conciliar os objetivos do bem-estar social, o crescimento humano e o equilíbrio ecológico. Suas contribuições para o campo da construção da paz estão baseadas no princípio diagnóstico–prognóstico–terapia, no qual se apoia sua teoria inter-relacionada da violência: estrutural, cultural e comportamental.

A violência estrutural é aquela que se estabelece a partir da própria organização da estrutura social, manifestando-se nas relações desiguais que configuram o acesso a bens, direitos e oportunidades. Ela se expressa em diversas situações marcadas pela distribuição desigual de recursos e serviços, aos quais determinados grupos ou indivíduos têm acesso limitado ou dificultado em razão das desigualdades que atravessam o tecido social. Exemplos claros dessa dinâmica são os recursos ligados à renda, educação, alfabetização e assistência médica, cuja distribuição tende a ser deficiente ou fortemente desigual (Galtung, 1969). Essas desigualdades não se manifestam de forma isolada, mas em estreita correlação no interior da estrutura social, o que faz com que diferentes dimensões da vida social se interliguem e se reforcem mutuamente. Pessoas com baixa renda, por exemplo, tendem a apresentar menor nível de instrução, alimentação insuficiente e, como consequência, condições precárias de saúde (Galtung, 1969). Essa interdependência revela que a violência estrutural não é apenas um fenômeno econômico, mas também social, político e simbólico, pois envolve mecanismos de exclusão que se perpetuam e se naturalizam nas práticas institucionais e culturais.



Foto: Reprodução/Peace2000

O norueguês Johan Galtung foi reconhecido mundialmente como o “pai dos estudos da paz”

Johan Galtung (1994) aprofunda sua análise ao discutir a correlação entre os recursos e introduz a distinção conceitual entre pobreza e miséria. Para o autor, a pobreza refere-se à condição de quem possui poucos recursos, enquanto a miséria significa possuir tão pouco que essa escassez se converte em sofrimento e prejuízo à vida. A miséria, portanto, está correlacionada à doença — ou à falta de saúde — e dá origem a um círculo vicioso que perpetua o sofrimento humano. O indivíduo em condição de miséria vive em um ambiente no qual seus recursos são continuamente insuficientes em termos de emprego, moradia, alimentação, conforto e oportunidades de desenvolvimento pessoal. Esse estado permanente de carência não apenas limita as possibilidades de ascensão social, mas também compromete o bem-estar físico e psicológico, uma vez que a pessoa, afetada de modo contínuo por sua condição de indigência, permanece em situação crônica de vulnerabilidade. Assim, a miséria tende a gerar doenças múltiplas e persistentes, que impedem o indivíduo de alcançar um estado saudável, tanto do ponto de vista biológico quanto social. Isso fere e deixa o cidadão doente a vida toda. Galtung identifica nesse processo um dos mecanismos da violência estrutural: a produção sistemática da desigualdade, que não decorre de ações diretas de indivíduos, mas da forma como as estruturas sociais estão

organizadas e reproduzidas. Dessa forma, a desigualdade econômica, a exclusão educacional e a marginalização política são formas estruturais de violência que comprometem a dignidade e a saúde das pessoas.

A análise de Galtung conclui que a violência estrutural constitui um sistema interligado de privações, no qual os recursos sociais, econômicos e simbólicos são distribuídos de forma desigual, produzindo efeitos duradouros sobre a saúde, o bem-estar e as possibilidades de vida. Essa compreensão é fundamental para o campo dos estudos da paz, pois evidencia que a construção de uma paz duradoura exige mais do que a ausência de conflitos armados: requer a eliminação das estruturas de injustiça que perpetuam o sofrimento humano. Somente ao transformar essas estruturas desiguais será possível romper o círculo vicioso da miséria e promover uma paz positiva, fundada na justiça social, na equidade e na dignidade humana.

Sinta-se convidado à audição do 542º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 2, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre algumas peças do compositor e regente alemão Richard Georg Strauss (1864-1949).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Rugas, rios, ruínas

Alegria extasiante de viver e todos somos atores, mambembes, revelações, de poucos aplausos e os pesares do contra, mas a palavra escrita me excita, falada, falo que fala e me salva dos inúmeros trastes e das serpentes que nem sentem que nos envenenam, que estão nas ruas e nos ventos e eventos, mas não é do veneno que eu quero escrever. Aliás, o que tem gente morrendo envenenada no Brasil, não cabe num gibi.

Vi uma entrevista da atriz Fernanda Torres, na Veja on line, em que ela fala que sua mãe Fernanda Montenegro, passou a vida com medo da “ruína” da família.

“Sempre cresci com eles (meus pais) me dizendo que estávamos à beira da ruína. Até hoje, a mamãe fala: ‘Estou preparada para viver em um lugar pequeno’. Eu falei: ‘Mamãe, você tem 96, trabalhou muito, relaxa’”.

Eu sou o cidadão da mata. Vamos relaxar? Não está fácil, talvez um rolê sem rolex, lá no paraíso original, pertinho de Cabedelo, mas o trânsito não contorna mais a nossa rede, nossas viagens sem cerimônias e estou tentando fazer as meditações tardias.

Isso da filha Fernanda dizer à mãe Fernandona, “relaxe”, já ouvi muito da boca do meu filho, mas é um relaxa que não relaxa nunca. Se Fernanda Montenegro tem medo das ruínas, imagina eu, cujo tempo de palco me cheira talco. E atualmente vivo metido nas casas em ruínas e me transformo em outros verbos.

Acho que muita gente está nesse voo, eu mesmo me lasco de trabalhar para pagar as contas e depois, e depois, e depois... Ah! Lembram da frase que tem no final do filme ...E o Vento Levou, a cena em que Scarlett O'Hara sobe a escada de tapete vermelho, dizendo que vai deixar para pensar amanhã, sim, amanhã de manhã.

O tempo em minha vida viria e ou virá a ser preterido, mas uma distância me coloca no olho da rua com os outros, sem a menor ânsia de distinção, mas quem são os outros? Os outros são ossos, pescoços e encostos.

Acordo sem os nomes das coisas, mas não pertencço a outra espécie, sou do clã da escritora Maria Ribeiro, sou de carne e sangue, mas sempre a cruzar o abandono e vidas abomináveis, levanta, sacode, acorda, a corda, a corda, acorda, a corda, acord' accord, d'accord, d'accord, d'accord.

Como se toda a resistência... e eu tenho novos músculos, mas não sou Monstro de Florença tenho a força, fossa, fosse a força de um mundo que deixamos de julgar, mas não deixamos mesmos, somos metidos e odientos.

A vagarosa influência nos mete medo das ruínas, da missa e nem de longe parece com o “bateu, levou” mas é o bateu mesmo uma saudade sem fim feito desses discretos e ferozes pontos que nos ligam e desligam, de esqueletos em dia de sol, outros malucos que nunca vão pensar nas ruínas, sequer os dementes, crentes que pensam que em se plantando tudo dá.

Essa, Eça, aquele tempo, no escuro e veio o clarão de Fernanda Montenegro, que eu adoro e imploro que nada acabe em ruínas, só rugas, de tanto ouvir Nelson Cavaquinho. Melhor é não sufocar a memória: eu nunca fui ao cinema, não gosto de samba, não vou a Ipanema, andar pela praia até o Leblon.

Ainda nesta semana, vi um video da Fernanda Montenegro numa entrevista, dizendo que não tem medo de morrer, tem pena de morrer e a seu favor, a meu favor, a trégua do pensar longe, bem longe de nosso cubículo.

Kapetadas

1 – Abóbora virar símbolo do medo é uma injustiça com o jiló.

2 – Quando o guitarrista do Titãs ganha o Jabuti de melhor romancista do ano, a única coisa a fazer é tocar um tango argentino.



Foto: Estevam Avellar/Divulgação

Fernanda Montenegro: vida com medo da “ruína” da família

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

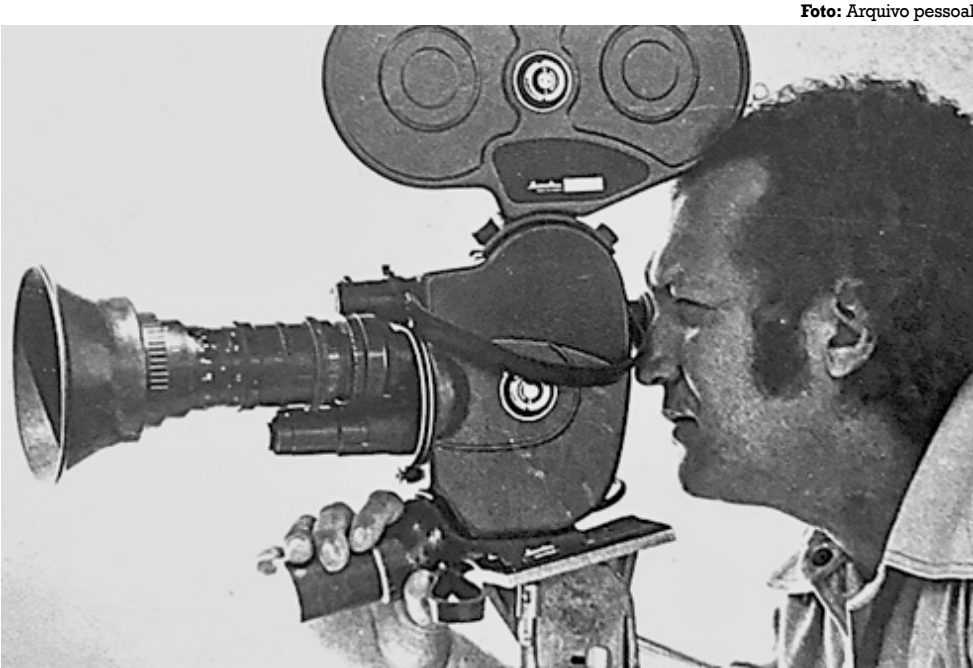
Por onde andam os nossos acervos fílmicos?

A questão da preservação dos acervos, sobretudo de cinema, é coisa que vem de muito tempo. Desde quando se iniciou a utilização da película (filme) cinematográfica. Inicialmente, durante o final dos anos de 1890, no formato de 35 mm, depois agregando o 16 mm e, posteriormente, em bitola Super-8, até chegarmos à digitalização da imagem. Tema que continuamos a debater até os dias atuais.

Esta semana, em matéria publicada em **A União**, nosso confrade na Academia Paraibana de Cinema, prof. Rômulo Azevedo, de Campina Grande, aponta gravidade sobre a maioria dos nossos acervos fílmicos, denunciando: “Vamos preservar, recuperar, restaurar esses acervos. Quem vai ganhar com isso é o estado da Paraíba, o Brasil e o mundo.” Evidência mais que justa.

Hoje, resgatando fatos e apelos que já fazemos no passado, inclusive por esta mesma coluna, comungo com as opiniões do parceiro Rômulo, em razão do que sempre alertamos sobre os nossos arquivos. E não apenas fílmicos, mas também cinematográficos – fotográficos, literários em sua totalidade.

Além disso, essa preocupação com os nossos acervos é coisa antiga. Além da questão presente, há algum tempo fui indagado sobre o paradeiro do acervo fílmico do jornalista Ivan de Oliveira, com quem trabalhei alguns anos atrás em João Pessoa, na realização de uma série de cinejornais para



Machado Bitencourt, cineasta histórico da Paraíba: seu acervo inspira cuidados perenes

a Repsom Produções Cinematográficas Ltda. Filmávamos em 35 mm, com a revelação do material e finalização nos Laboratórios da Líder de São Paulo, às vezes no Rio de Janeiro. Não era fácil se produzir quase sem dinheiro alguns curtas-metragens, registrando especialmente eventos e obras do governo de então, na Paraíba. Filmes que depois eram exibidos sobretudo no Cine Plaza, antes das suas sessões normais de fim de semana. Essa foi uma saga que vivenciei pessoalmente durante anos, no universo paraibano.

Agora, com mais esse justo alerta sobre o acervo de Machado Biten-

court, também patrono da nossa Academia Paraibana de Cinema, cadeira 28, ficam indagações sobre “onde estão os nossos acervos fílmicos?”.

Que saiba, além desse de Bitencourt, que deve ser masterizado, outros na Paraíba continuam sendo ignorados em suas origens. Eu, inclusive, possuidor de vasto acervo em películas 16 mm e outros formatos, legado dos tempos de meu pai e nossas salas de cinema, não sinto segurança em fazer doação, para que haja um tratamento adequado. – *Mais “Coisas de Cinema” em www.alexantos.com.br.*



Ciência, Tecnologia e Arte na Tela

Em apoio a mais um evento na Paraíba, a Academia Paraibana de Cinema participou nesta semana da I Mostra de Filmes Ciência, Tecnologia e Arte na Tela, que aconteceu na Fundação Espaço Cultural. A mostra foi realizada na sala 4 do mezanino 2 da Funesc, e terminou ontem.

O presidente da APC, professor João de Lima Gomes esteve presente no evento, representando sua diretoria, e também o Núcleo de Documentação Cinematográfica e Decom, dos quais faz parte na Universidade Federal da Paraíba,

LIVRO

Inteligência do Sonho é convite à imaginação

Eduardo Augusto

Especial para A União

Inteligência do Sonho – Fantasia, Aparições, Inspiração, obra da aclamada filósofa e psicanalista francesa Anne Dufourmantelle, está sendo lançada no Brasil pela Editora Estação Liberdade. Traduzido diretamente do francês, o livro é um mergulho profundo e poético no universo onírico, longe das interpretações simplistas, apresentando o sonho como uma faculdade cognitiva essencial para a vida.

Mais do que analisar símbolos ou decifrar mensagens do inconsciente, Dufourmantelle propõe uma revolução na forma como encaramos nossos sonhos. Para ela, a “inteligência do sonho” é uma capacidade ativa, uma força que nos habita e que se manifesta não apenas durante o sono, mas também na vigília, sob a forma de devaneio, intuição, inspiração artística e até mesmo na coragem de enfrentar o desconhecido.

O livro navega por territórios da filosofia, da psicanálise, da literatura e da mitologia para construir sua tese. A autora dialoga com pensadores como Freud, Jung, Bachelard e Heráclito, além de poetas e escritores, para demonstrar como o so-

nho é um espaço de criação de si mesmo. Ele nos permite ensaiar futuros, elaborar perdas, dialogar com o invisível e acessar uma forma de saber que a lógica racional sozinha não consegue capturar.

Inteligência do Sonho é, portanto, um antídoto contra a tirania do realismo puro. É um convite para reaver a chama da fantasia e da imaginação, mostrando

que sonhar não é um ato de fuga, mas um gesto de coragem e uma ferramenta poderosa para reencantar a existência. A obra é leitura obrigatória para artistas, terapeutas, escritores e qualquer pessoa que busque uma vida mais profunda, criativa e significativa.

A publicação de *Inteligência do Sonho* no Brasil é um evento cultural significativo, pois apresenta ao pú-

blico local o pensamento vibrante e profundamente humano de Anne Dufourmantelle, uma pensadora cuja obra tem ganhado reconhecimento mundial pela sua capacidade de tratar de temas complexos com uma linguagem ao mesmo tempo rigorosa e acessível.

Sobre a autora

Anne Dufourmantelle (1964-2017) foi uma filósofa, psicanalista e escritora francesa. Autora de mais de 30 livros, ela se dedicou a temas como o risco, a confiança, o poder dos sonhos e a condição humana. Sua obra é conhecida por entrelaçar o pensamento filosófico com a experiência cotidiana, oferecendo *insights* profundos sobre como viver no mundo contemporâneo.



Foto: Divulgação

A filósofa e psicanalista francesa faz mergulho profundo e poético no universo onírico

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

O poema e os sentidos

Não fora visão, não teria descoberto a agônica beleza dos trigais e cipreste de Van Gogh. Meus olhos são os meus limites. Meu olhar me traz a aventura do inesperado. Era menino e já me sentava na calçada para espiar o fim do mundo que se desenhava nas cúpulas do crepúsculo. Ver é quase ter. Ver é uma maneira de viver. Por exemplo: antes de modelar a palavra na arquitetura do poema, observo seu porte por todos os lados, meço seu alcance semântico, sinto seu peso, contorno suas medidas, demarco sua direção, vejo bem dentro de suas entranhas, só para poder descobrir o milagre que se esconde na sua etimologia. Sei que a poesia nada mais é que simplesmente um modo de ver e olhar. Uma espécie de arqueologia dos mais surpreendentes tesouros ocultos. Uma miopia pelo avesso. Qualquer tipo de luz em meio das sombras. Muitos olhos me ensinaram isto.

■ ■ ■

O paladar é uma das dimensões do poema. Não existe poesia sem paladar. Degustar é um ato delicado. Há palavras com sabor de ervas orientais, e versos que são como temperos mágicos, iguaria dos deuses e demônios. Gosto de provar frutas maduras. Já pensaram no gosto quente de um abacate da Pensilvânia, com suas metáforas sedosas! E o amarelo da manga, quando se rasga dentro do céu da boca! O caju, só se for vermelho como o sangue das dores mediterrâneas. O melhor prato são os sonetos de Camões, o clima difuso dos poemas de Fernando Pessoa, Buenos Aires cadenciando as sinestesias de Jorge Luís Borges, Roberto Bolaño, e suas putas assassinas, Eulajose Dias de Araújo, e a maresia, e o dilúvio. Das letras e das palavras. Tudo com sabor de primeira. Como o câncer no pêssego.

■ ■ ■

Os ouvidos são órgãos essenciais do gozo. Ouvir também pode ser uma experiência erógena. Quando dois corpos se amam, escutam, juntos, na intimidade do mistério, adágios, sonatas e sinfonias. Há muito de musical nas carícias, no torpor, na languidez, na entrega, no orgasmo. Ouvir, escutar, nada mais afrodisíaco! O sussurro, o murmúrio, a respiração, o gemido, o grito, tudo faz parte da lógica inusitada do prazer. Como conceber a gramática dos afetos, sem o peso de certos sons intraduzíveis. Sem certos ruídos que, em sendo ruídos, não deixam de abrigar o delicado conto que se narra no ato amoroso. O que é o ato amoroso, senão a música da vida batendo no nosso coração. Ouvir, por exemplo, o pulsar das palavras na pauta do poema. O poema que se faz canção, que se faz balada, que se faz minuetto e escancara seus ritmos e melodias para o pasmo único da vida.

■ ■ ■

Dizem que o tato preexiste à linguagem dos outros sentidos. Ele seria o sentido primeiro, primordial, parecendo conter, nos seus delicados limites, uma miraculosa pedagogia. O verbo do tato consiste no toque. O toque, por sua vez, nos joga numa experiência que se configura numa “mística do instante”. Ouvir, ver, cheirar, saborear possuem sua alquimia, sendo, assim, uma mágica expansão das propriedades do tato. Na verdade, todos os sentidos começam pelo prelúdio do tato. É o toque o dinamismo principal da dor e do prazer. Tocar pode ser uma ação poética, e, como ação poética, um momento de rara epifania. Uma viagem pela geografia da beleza.

Imagem: Reprodução



Camões em ilustração de François Gerard: “o melhor prato”

Colunista colaborador

MÚSICA

Erick de Almeida lança dois singles

“Pare, olhe, escute” e “Crianceira” chegam, amanhã, às plataformas dialogando com o Porto do Capim

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Pare, olhe, escute”. O aviso que alerta muitos dos que moram próximos a linhas férreas brasileiras dá nome a um dos novos *singles* que o cantor, compositor e educador paraibano Erick de Almeida lança amanhã nas plataformas de música e que antecipam o seu novo disco, com data de estreia a definir. A referência, todavia, não fica restrita a essas placas, mas a

uma luta muito maior que o artista encampa junto da comunidade ribeirinha do Porto do Capim, situada às margens do rio Sanhauá, em João Pessoa. “Pare, olhe, escute! Aqui tem gente!” e “Crianceira”, as duas faixas que chegam a público amanhã, mantêm intersecções com o trabalho de artistas e literatos locais e com o cotidiano dos movimentos sociais.

A primeira canção tem origem num experimento teatral desenvolvido numa escola pública em 2013. O projeto remontava a história do Porto do Capim e a reivindicação dos habitantes pela permanência naquele lugar — celeuma que se arrasta até hoje. A música conta com participações de Aline Cardoso (declamando o poema “Introdução à era do

sangue”), Jéssica Cardoso e Rosana Holanda.

“A gente chegava na sala de aula e as crianças perguntavam, ‘Tio, por que vão tirar a gente daqui? A gente já mora aqui há tanto tempo’. E começaram a vir também as falas das lideranças: a comunidade não estava sendo tratada feito gente, mas como bois”, detalha Erick, sobre a letra de “Pare, olhe, escute! Aqui tem gente!”.

A segunda faixa, “Crianceira”, é baseada em poema de Valeska Afsoara. Erick relembra que conheceu a escritora quando começou a atuar no projeto social Subindo a Ladeira, que promove lições de cidadania e de educação patrimonial para jovens do Porto do Capim. Em determinado momento, ambos começaram a coletar

poemas que retratavam aquela região e que poderiam ser utilizados em atividades pedagógicas.

“Ela se baseou no trabalho da Folia de Rua Cidadã. Eu tentava musicar os textos que apareciam e que eu tinha mais facilidade de organizar ritmicamente. E surgiu o poema de Valeska, que suscitava melodias e entonações diferentes. Me coloquei nesse desafio e acabou dando certo”, detalha o artista.

Remontando sua trajetória, Erick de Almeida assinala que a música surgiu em sua vida antes de seu ofício como arte-educador, mas ressalta que a partir da simbiose entre as duas áreas ele pode atestar, na prática, o poder transformador da cultura e o despertar de consciências de crianças e adolescentes que partilham des-

se exercício.

“A música tem essa capacidade de desenvolver as pessoas do ponto de vista cognitivo, mas de dar condições para lermos o mundo de outro jeito, de forma poética, criativa, de modo que você possa elaborar poesias, canções, fotografias, enfim, qualquer forma de expressão de arte, a partir desse desenvolvimento que o contato com a ela proporciona”, resume.



Leia o QR Code acima e acesse o pre-save de “Crianceira”

O Porto do Capim inspirou as duas faixas que serão lançadas amanhã pelo artista

Foto: Uênia Barros/Divulgação



Leia o QR Code acima e acesse o pre-save de “Pare, olhe, escute”

Em Cartaz

Cinema

Programação de 30 de outubro a 5 de novembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cinemaxxi Cidade Luz, em Guarabira, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

BOB MENINO (Good Boy). EUA, 2025. Dir.: Ben Leonberg. Elenco: Shane Jensen, Arielle Friedman, Larry Fessenden. Terror. Cachorro tenta proteger seu dono de forças sobrenaturais. 1h12. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 16h, 17h45; leg.: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30, 19h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. a qua.: 15h30, 19h10. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom.: 15h30, 19h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h, 19h40.

ENTERRE SEUS MORTOS. Brasil, 2025. Dir.: Marco Dutra. Elenco: Sêlton Mello, Marjorie Estiano, Betty Faria, Maria Manoella, Carlos Francisco, Gilda Nomacce. Terror/ficção científica. Com o mundo em colapso, removedor de animais mortos das estradas sente a presença do mal. 2h08. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h, 15h45, 18h30, 21h15.

O NATAL DA PATRULHA CANINA (A Paw Patrol Christmas). Canadá, 2025. Dir.: Stephany Seki. Animação/infantil. Quando Papai Noel fica doente, a Patrulha Canina entra em ação para ajudá-lo. 1h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h, 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 16h40.

SPRINGSTEEN – SALVE-ME DO DESCONHECIDO (Springsteen – Deliver Me from Nowhere). EUA, 2025. Dir.: Scott Cooper. Elenco: Jeremy Allen White, Jeremy Strong, Gaby Hoffman. Drama. Em 1982, o jovem Bruce Springsteen tenta equilibrar as pressões do sucesso com os fantasmas do passado. 2h. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: dom., ter. e qua.: 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 18h30.

TERROR EM SHELBY OAKS (Shelby Oaks). Bélgica/ EUA, 2025. Dir.: Chris Stuckmann. Elenco: Camille Sullivan, Sarah Durn, Charlie Talbert. Terror. Mulher recebe fita que dá indicio de que sua irmã desaparecida pode estar viva. 1h31. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h; leg.: 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h10, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. a qua.: 17h10, 21h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom.: 17h10, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 17h20, 19h15; seg. a qua.: 19h15. CINE GUEDES 3: dub.: 21h20. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 16h20, 18h40, 20h55.

REAPRESENTAÇÃO

DE VOLTA PARA O FUTURO (Back to the Future). EUA, 1985. Dir.: Robert Zemeckis. Elenco: Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson, Crispin Glover, Thomas F. Wilson. Aventura/ comédia/ ficção científica. Adolescente viaja no tempo até 1955 e precisa fazer seus futuros pais se apaixonarem antes de retornar ao presente, ou não nascerá. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qua.: 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: qua.: 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qua.: 20h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: qua.: 19h50.

A NOIVA CADÁVER (Corpse Bride). EUA/ Reino Unido, 2005. Dir.: Tim Burton e Mike Johnson. Animação/ comédia. Homem se casa por acidente com uma noiva já morta e conhece o outro lado. 1h17. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h15, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h15, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 17h20. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 18h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e seg.: 16h; ter.: 18h30; qua.: 14h.

TUBARÃO (Jaws). EUA, 1975. Dir.: Steven Spielberg. Elenco: Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss, Lorraine Gary. Suspense/ aventura. Xerife, biólogo e marinheiro se unem para caçar um tubarão assassino que causa o caos em uma praia. Vencedor de três Oscars. 2h04. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: qui. a ter.: 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h05.

ESPECIAL

GUERREIRAS DO K-POP – PARA CANTAR JUNTO (K-Pop Demon Hunters – Sing Along). EUA/ Canadá, 2025. Dir.: Chris Appelhans e Maggie Kang. Aventura/ animação. Grupo de k-pop concilia vida de sucesso com identidade secreta de caçadoras de demônios. Sessão com letras de músicas na tela. 1h35. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dom.: dub.: 13h30, 18h; leg.: 15h45, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 14h30, 16h15, 19h, 21h15. **Campi-**

na Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 16h30, 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 15h.

CONTINUAÇÃO

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (Gabby’s Dollhouse – The Movie). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kraner, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom.: 14h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h10; seg. a qua.: 17h15.

CHAINSAW MAN – O ARCO DE REZE (Gekijō-ban Chainsō Man Reze-hen). Japão, 2025. Dir.: Tatsuya Yoshihara. Animação/ aventura. Caçador de demônios se apaixonou. 1h40. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h15; leg.: 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h45. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 17h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h; seg. e qua.: 18h30; ter.: 20h30.

ENTRE PENAS E BICADAS (Goldbeak). China/ EUA, 2021. Dir.: Dong Long e Nigel W. Tierney. Animação aventura. Águia criada por galinhas tenta se tornar membro da Patrulha Emplumada. 1h34. Livre.

Patos: PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 15h.

EU E MEU AVÔ NIHONJIN. Brasil, 2025. Dir.: Celia Catunda. Animação/ drama. Menino investiga passado da família e ouve histórias de seu avô japonês. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h.

FRANKIE E OS MONSTROS (Stitch Head). Reino Unido/ França/ Alemanha/ Luxemburgo, 2025. Dir.: Steve Hudson. Animação/ comédia. Garoto que é uma criatura despertada por cientista maluco tenta proteger outros monstros. 1h29. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h30.

MAURICIO DE SOUSA – O FILME. Brasil, 2025. Dir.: Pedro Vasconcelos e Rafael Salgado. Elenco: Mauro Sousa, Tathi Lopes, Elizabeth Savalla, Natália Lage, Zezé Motta, Othon Bastos. Drama. Desenhista tenta vencer com suas histórias em quadrinhos até criar personagens que ficaram conhecidos como a Turma da Mônica. 1h35. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 12h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h30.

A MEIA-IRMÃ FEIA (Den Stygge Stesøsteren). Noruega/ Dinamarca/ Romênia/ Polônia/ Suécia, 2025. Dir.: Emilie Blichfeldt. Elenco: Lea Myren, Ane Dahl Torp, Thea Sofie Loch Naess. Comédia/ terror. Garota recorre a medidas extremas para disputar com sua linda meia-irmã a atenção de um príncipe. 1h49. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 20h.

PERRENGUE FASHION. Brasil, 2025. Dir.: Flávia Lacerda. Elenco: Ingrid Guimarães, Rafa Chalub, Filipe Bragança. Comédia. Influenciadora precisa buscar o filho na Amazônia para participar de uma campanha. 1h34. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 17h45.

#SALVEROSA. Brasil, 2025. Dir.: Sussanna Lira. Elenco: Klara Castanho, Karine Teles, Ricardo Teodoro. Suspense. Influencer adolescente começa a investigar o próprio passado e o de sua mãe superprotetora. 1h35. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h30.

SE NÃO FOSSE VOCÊ (Regretting You). Alemanha/ EUA, 2025. Dir.: Josh Boone. Elenco: Allison Williams, McKenna Grace, Dave Franco. Drama. Mãe e filha, de relacionamento tenso, tentam superar uma tragédia pessoal. 1h57. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h45, 16h15, 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 14h, 16h30, 19h15; qua.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS TAMBIA 5: dub.: 20h40. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h05. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 19h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 20h30; seg.: 14h; ter. e qua.: 16h.

O TELEFONE PRETO 2 (Black Phone 2). EUA, 2025. Dir.: Scott Derrickson. Elenco: Mason Thames, Ethan Hawke, Madeleine McGraw. Terror. Garota tem visões de três meninos perseguidos em um acampamento. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: seg. a qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: qui. a ter.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: seg. a qua.: 14h30, 17h, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: seg. a qua.: 14h30, 17h, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h20. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 15h05, 19h05; seg. a qua.: 19h05. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 15h30, 20h30; seg. a qua.: 15h45, 20h30. **Remígio:**

CINE RT: dub.: sáb.: 16h; dom.: 18h30; ter.: 14h; qua.: 20h30.

Teatro

HOJE

A BUTIJA DO PASTORIL PROFANO. Direção: Edilson Alves.

Campina Grande: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL (Av. Md. Floriano Peixoto, s/n, Centro). Domingo, 2/11, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Outgo.

Música

HOJE

SAMBA PARATHYBA. Grupo apresenta show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 2/11, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

TAURUS. Show da banda de trash metal, celebrando seus 40 anos.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 2/11, 17h. Ingressos: R\$ 40, antecipados na plataforma Sympla.

3/11

SANHUAÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 15/9, 21h30. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

FORA DE HORA. Exposição com obras de Marcenaria Olinda.

João Pessoa: MEMORIAL ABELARDO DA HORA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Abertura sexta, 31/10, 19h. Visitação até 14 de dezembro. Entrada franca.

FICHA LIMPA

Ética e impunidade voltam ao debate

Classificada pela classe política como correção técnica, atualização da norma preocupa juristas e ativistas

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Há leis que nascem de gabinetes, e há leis que nascem das ruas. A Lei da Ficha Limpa pertence à segunda categoria. Carregada de simbolismo e construída sob o clamor de um país cansado de ver a corrupção atravessar décadas impune, ela transformou indignação coletiva em ferramenta jurídica e inaugurou uma nova régua ética na política brasileira. Seu princípio era simples, mas profundo: quem fere o patrimônio público, abusa do poder ou enriquece ilícitamente não deve estar entre aqueles que pedem votos para governar. Quinze anos depois, uma nova versão da norma reacende o debate. A Lei Complementar nº 219/2025, sancionada no fim de setembro pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, muda a forma de contagem do prazo de inelegibilidade previsto na Ficha Limpa — e, segundo especialistas, pode abrir brechas para o retorno precoce de políticos condenados.

Origem e legado
Aprovada em 2010, a Ficha Limpa surgiu de um projeto de iniciativa popu-

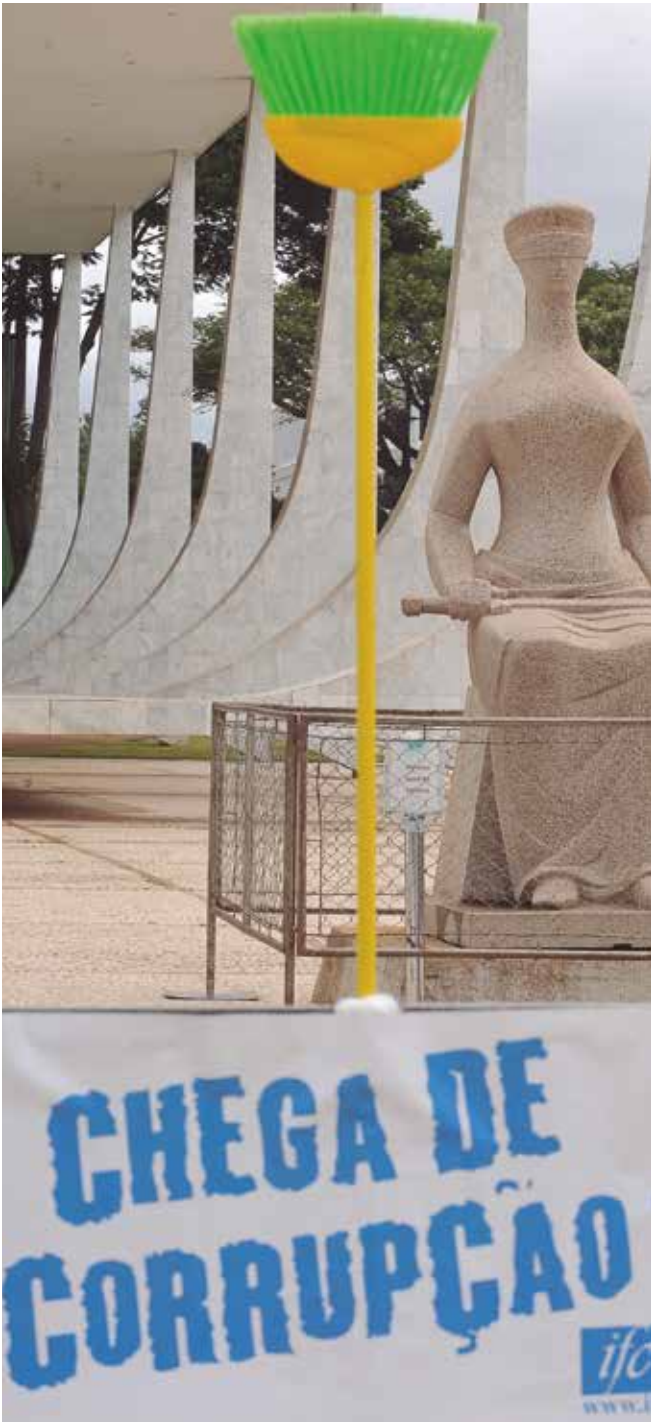


Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Legislação endureceu regras para “varrer” corruptos do poder

lar que mobilizou o país e reuniu mais de 1,5 milhão de assinaturas, resultado da articulação de organizações como o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE). O texto redefiniu parâmetros para as candidaturas, ao criar 14 hipóteses de inelegibilidade que abrangem casos de enriquecimento ilícito, abuso de poder e crimes contra a administração pública. Entregue ao Congresso Nacional em 9 de dezembro — Dia Mundial de Combate à Corrupção —, o projeto simbolizou a força da cidadania organizada. Os efeitos foram imediatos. A Ficha Limpa endureceu as regras, ampliou prazos de inelegibilidade e mudou expectativas dentro e fora dos partidos. Um levantamento da CNN Brasil, com dados do Tribunal Superior Eleitoral (STF), mostrou que, de 2014 a 2024, a lei impediu quase cinco mil candidaturas em todo o país — mais de 8% do total de postulantes no período.

Retrocesso
As alterações recentes, embora apresentadas como um ajuste técnico, despertaram interpretações opostas no meio jurídico. Especialistas avaliam que a mudança

promete gerar mais segurança jurídica, mas também representa um recuo no sentido moral e simbólico da norma. Para alguns juristas, a alteração enfraquece o papel pedagógico da Ficha Limpa, ao flexibilizar o rigor das sanções impostas a quem comete crimes contra a administração pública. Um dos idealizadores da Lei da Ficha Limpa, o advogado e ex-magistrado Márlon Reis, avalia que a mudança representa um enfraquecimento do propósito original da legislação. Para ele, ao alterar o marco de início da contagem do prazo de inelegibilidade, a nova redação compromete o caráter moralizador da lei. “A nova redação da Lei da Ficha Limpa, ao modificar o marco de início da contagem do prazo de inelegibilidade, não constitui um aprimoramento técnico. O ordenamento já possuía mecanismos eficazes para evitar que o afastamento eleitoral resultasse em prazos desmedidos. A alteração produz, na prática, um enfraquecimento da finalidade preventiva da lei, justamente porque permite que o tempo de tramitação recursal erosione o efeito moralizador originalmente pretendido. A Ficha Lim-

pa foi criada para impedir que condenados por delitos contra a administração pudessem permanecer em disputa eleitoral enquanto prolongavam processos. Por isso, considero esta mudança um retrocesso moral e institucional, ainda que apresentada sob o discurso de correção técnica”, crava.

Entre justiça e reabilitação
A versão atualizada da Lei da Ficha Limpa reacende questionamentos que acompanham o país há décadas: como equilibrar justiça e reabilitação política? Sob o desafio de consolidar a ética pública, até que ponto o Brasil está disposto a preservar os princípios que inspiraram uma de suas maiores conquistas cívicas?

■ **Especialistas alertam que a nova forma de contagem do tempo de inelegibilidade acarretará o retorno precoce de políticos condenados**

Especialistas veem tática de autodefesa e risco de desmobilização

Para o cientista político Darcon Sousa, a mudança reflete um movimento mais amplo de autodefesa da classe política. “Trata-se de mais uma ação do sistema político no sentido de se autoprotger e de se autorregular. Estamos assistindo a uma resistência constante do Legislativo às prerrogativas do Judiciário, o que se expressa em leis que atenuam o rigor sobre crimes cometidos por políticos, especialmente num contexto em que a participação deles no orçamento público cresce, vertiginosamente, desde as emendas parlamentares”, analisa. Questionado sobre possível pressão de grupos políticos interessados em re-

duzir o alcance da lei, Sousa afirma: “É evidente. São os mesmos grupos políticos que tentaram emplacar a chamada PEC da Blindagem, que só não prosperou em razão da grande reação negativa que teve na sociedade — também repercutida no Senado Federal, que barrou a intenção dos deputados de promoverem um retrocesso injustificável”. Márlon Reis também identifica semelhanças entre a nova redação da Ficha Limpa e outras iniciativas legislativas que buscam suavizar mecanismos de controle e responsabilização. “Sim, há paralelos nítidos. Embora distintas em seu conteúdo específico, ambas operam na mesma



Foto: Antonio Cruz/Agência Brasil

Lei da Ficha Limpa foi aprovada em 2010, após intenso engajamento popular no Brasil

direção: a de reconstituir um ambiente de proteção da classe política frente aos mecanismos de responsabilização e ao escrutínio pú-

blico. Depois de um período histórico marcado por maior vigilância social e institucional sobre a probidade dos agentes públicos, observa-se, agora, um movimento de acomodação, no qual se busca reduzir os custos decorrentes de condenações e investigações. O que se pretende, em última análise, é diminuir a eficácia dos instrumentos que exigem integridade como requisito para o exercício do poder”, opina. O advogado e doutorando em Políticas Públicas Cosmo Júnior avalia que o novo texto “não representa um avanço, mas uma forma de reduzir o tempo de inelegibilidade”, já que antecipa o início da contagem do prazo. Ele destaca que, embora o debate jurídico seja legítimo, “as alterações parecem atender mais aos interesses da classe política, especial-

mente daqueles que têm histórico de conflitos com a Ficha Limpa”. Para o pesquisador, o contexto revela um momento de autoproteção no Congresso. “Há um contexto político que ajuda a explicar o momento em que o Congresso decidiu alterar a contagem da inelegibilidade. No livro ‘A Revolução dos Bichos’, de George Orwell, há um trecho que diz ‘todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros’. O contexto da frase é um ambiente onde as regras são relativizadas ou editadas para beneficiar quem está no poder. Mesmo saindo da literatura para a realidade, parece-me que, no Brasil, o contexto é um pouco parecido. Há poucos meses, assistimos à Câmara dos Deputados aprovar uma proposta de Emenda à Constituição — barrada

pelo Senado — que tinha como objetivo protegê-los. Diante desse contexto, parece-me que as alterações normativas atendem apenas aos interesses da classe política e, principalmente, daqueles que já têm uma relação conflituosa com a Ficha Limpa”, aponta.

Efeitos
Quanto aos reflexos nas próximas disputas, Darcon Sousa acredita que o impacto será limitado, mas alerta para o simbolismo do retrocesso. “Os efeitos imediatos para 2026 podem não ser grandes, mas toda flexibilização em leis que preservam a moralidade administrativa é danosa à cidadania. Isso acentua a anomia política — fragilização de valores que sustentam a vida coletiva — e pode gerar comportamentos antissociais, deteriorar instituições e aumentar a instabilidade”, adverte.

Ativismo popular
Para movimentos sociais, o ponto mais sensível não está apenas no mérito da mudança, mas na mensagem política que ela transmite. A Ficha Limpa é lembrada como símbolo de conquista popular — e qualquer alteração que reduza seu alcance, dizem ativistas, pode desestimular futuras mobilizações e reforçar a ideia de que o sistema “sempre dará um jeito” de se recompor.

Saiba Mais

Na versão original da lei, o prazo de oito anos de inelegibilidade começava a contar após o fim do mandato ou do cumprimento da pena, podendo, no total, ultrapassar 15 anos. Agora, a contagem começa a valer a partir da decisão que decretar a perda do mandato; da condenação por órgão colegiado; ou da renúncia ao cargo eletivo. Na prática, foi reduzido para 12 anos o tempo máximo de perda dos direitos políticos, mesmo nos casos de condenações em múltiplos processos. A nova regra alcança agentes públicos que cometerem os seguintes crimes:

- Contra a economia popular, a fé pública e o patrimônio público;
- Contra o patrimônio privado, o sistema financeiro, o mercado de capitais e os previstos na lei que regula a falência;
- Contra o meio ambiente e a saúde pública;
- Eleitorais, para os quais a lei comine pena privativa de liberdade; e
- De abuso de autoridade, nos casos em que houver condenação à perda do cargo ou à inabilitação para o exercício de função pública.

Por outro lado, para crimes mais graves e contra a administração pública, segue valendo a regra antiga. Entre eles, estão o de lavagem de dinheiro ou ocultação de bens, direitos e valores; de tráfico de entorpecentes e drogas afins; de racismo, tortura, terrorismo ou crimes hediondos; de redução à condição análoga à de escravo; contra a vida e a dignidade sexual; e praticados por organização criminosa, quadrilha ou bando.

NO SENADO

Projeto que veta alterações na Bíblia entra em debate

Já aprovada na Câmara, proposta pode enfrentar entraves acadêmicos e legais

Agência Senado

Em audiência promovida pela Comissão de Educação (CE) na última quinta-feira (30), debatedores questionaram a viabilidade do projeto que proíbe alterações nos textos da Bíblia. O Projeto de Lei (PL) nº 4.606/2019 já foi aprovado na Câmara dos Deputados. No Senado, a matéria passou na Comissão de Direitos Humanos (CDH), com o senador Magno Malta (PL-ES) como relator. Na CE, a relatora é a senadora Dra. Eudócia (PL-AL).

De autoria do deputado Pastor Sargento Isidório (Avante-BA), o projeto “veda qualquer alteração, adaptação, edição, supressão ou adição nos textos da Bíblia Sagrada, para manter a inviolabilidade de seus capítulos e versículos, e garante a pregação do seu conteúdo em todo o território nacional”.

A audiência atendeu a requerimento apresentado pela senadora Damares Alves (Republicanos-DF), que dirigiu o debate. Damares reconheceu que o projeto envolve “questões de eleva-



O Estado passaria a tutelar a sacralidade de um cânon, deslocando [a proposta do] Estado laico

Renato Herani



Fotos: Jefferson Rudy/Agência Senado

Audiência reuniu parlamentares, especialistas e internautas

da complexidade jurídica e social”. Ela disse entender os questionamentos sobre o projeto, principalmente em um momento em que outras demandas parecem ser mais prioritárias para o país. Segundo a senadora, porém, instituições religiosas pediram que a matéria não fosse aprovada sem a devida discussão.

O diretor-executivo da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), Erní Walter Seibert, reconheceu a boa intenção do autor da proposta. Para Seibert, porém, o projeto pode trazer complicações acadêmicas e legais. Ele lembrou que o hebraico original, em que os textos do Antigo Testamento foram escritos, não tinha vogais — que foram acrescidas depois. Os números dos capítulos e dos versículos foram introduzidos mais de mil anos após a Bíblia ser organizada. Essas medidas, destacou Seibert, poderiam ser questionadas pelo projeto.

O pastor Paulo Nunes, representante do Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (Conplei), manifestou preocupação com a repercussão do projeto em traduções para as línguas indígenas — que exigiriam, segundo ele, uma linguagem mais prática e acessível. “Precisamos con-

tinuar com a nossa liberdade religiosa, em todos os aspectos. Sou indígena e sou cristão. Tenho livros e uso internet e isso não tira minha essência de ser indígena. Se a Bíblia é a palavra de Deus, não precisa da proteção do projeto”, argumentou Nunes.

Laico

Para Renato Gugliano Herani, doutor em Direito do Estado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e representante da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), se o projeto passar da forma como está, o Estado se tornaria, por lei, guardião oficial de um texto sagrado. Herani pediu uma reflexão sobre a proposta e o conceito de Estado laico e lembrou que, conforme entendimento do Supremo Tribunal Federal (STF), o controle estatal das questões da fé não está autorizado.

“O Estado passaria a tutelar a sacralidade de um cânon, atuando como um guardião teológico, deslocando o Estado laico”, apontou Herani, que ainda questionou o interesse público do projeto.

Doutor em Teologia pela Universidade de Basiléia (Suíça), Rudolf Eduard von Sinner afirmou que a dinâmica da interpretação e reinterpretação dos textos bí-



Se a lei passar, o Congresso teria que decidir qual é a versão correta [da Bíblia]. E é certo que haveria judicialização

Rudolf von Sinner

blicos é recorrente do ponto de vista histórico dentro das religiões cristãs. Para o especialista, o projeto é uma ingerência inconstitucional do estado em assuntos de religião e inibiria a liberdade de interpretação das religiões.

“O projeto não estabelece com clareza o objeto de proteção. Se essa lei passar, o Congresso Nacional teria que compor uma comissão para decidir qual é a versão correta. Não sei se o Congresso quer assumir essa tarefa e é certo que, em algum momento, haveria judicialização da questão”, declarou.

mas não vejo utilidade para a sociedade”, ressaltou o padre.

Interativa

A audiência foi promovida de forma interativa, com a possibilidade de participação popular por meio do portal e-Cidadania. A senadora Damares destacou algumas das mensagens que chegaram até a comissão.

A internauta Cássia, do Distrito Federal, defendeu o texto bíblico sem alterações. Já César, de Goiás, lembrou que o Estado é laico. Internautas também demonstraram preocupação com uma possível censura a estudos acadêmicos que envolvem textos bíblicos e a versões alternativas da Bíblia, como as que trazem ilustrações para crianças e as versões artísticas em rimas e em cordel.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (16)

Depois de morto, espero não ser importunado por parente querendo falar com meu espírito em mesa branca.

“O escritor que escreve às cegas pode ser um iluminado”, acredita o poeta itabaianense André Ricardo Aguiar. E quem lê às cegas corre o risco de penetrar aleatoriamente no mistério das coisas até, quem sabe, chegar a um grau de maravilhamento a ponto de viajar no pavão misterioso sem maiores perplexidades.

É por isso que serei sempre aprendiz, sendo que minha meta é aguçar a capacidade de ver mais o singelo e trivial com algum encantamento. Cuido mais do conteúdo, como bom leitor cego que acho que sou.

Tentei escrever sob fluxo de consciência. Só saíram baratas no meu pensamento. Meu universo psicológico precisa de uma boa dedetização.

O cordel é uma arte que tem receitas. Sem o domínio de certas regras, não funciona. Como em toda forma artística, tem muita empulhação e produto ordinário por aí, mas, na forma, precisa seguir os preceitos da métrica e rima.

“Depois de certa idade, a gente sente saudade até das aflições antigas” (João Batista de Brito).

“Sou a favor do ensino religioso nas escolas. Crianças devem aprender a fazer rituais pra os Orixás desde cedo” (Ameba Ojuobá).

“Ao nascer, aproveite seu próprio umbigo e estrangule toda a equipe médica. É melhor não deixar testemunhas. Não vá se entusiasmar e matar sua mãe. Até mesmo supervilões precisam ter mães” (Joca Reiners Terron).

Ouvindo “Casa das Máquinas”. Na época, eu era jovem, tinha a vida toda pela frente. Que coisa! Acabei ultrapassando a vida!

“Rock é um passarinho que já nasce voando sem asas” (Casa das Máquinas).

Há oitenta e nove anos, Graciliano Ramos era preso, sob a vaga alegação de que seria “comunista”. Em carta à sua mulher, Heloísa Leite de Medeiros, da prisão, declara: “Estou resolvido a não me defender. Defender-me de quê? Tudo é comédia e, de qualquer maneira, eu seria um péssimo ator”.

Será que ainda pulsam a criatividade, vontades e desejos nas cabeças de minha juventude ou até isso foi suprimido? A geração TikTok tem a mente esvaziada pouco a pouco?

Não ouço falar de movimentos sociais e, daquele caldo cultural das periferias, dos arrabaldes, tão rico e transformador, já não se tem notícia. Os caboclinhos do mestre Josa não dançam mais ao som do pífano de Mané Risadinha. Teremos salvação?

Recebi mensagens de compadres e comadres preocupados com a possibilidade de eu vender um rim para pagar as contas do empréstimo que não fiz ao Itaú.

“Pelo amor de Deus, não sacrifique um órgão tão importante, embora tenha dois. Seus amigos, entre os quais me encontro, tenho certeza que todos estão dispostos a lhe ajudar a sair desse sufoco”, acudiu uma comadre minha.

É tudo lorota, meus caros e minhas caríssimas! Não vou vender rim nem qualquer parte deste corpo velho. No máximo, posso ceder temporariamente a consciência, mesmo sem prestabilidade aparente.

O velho Leão está com uma virose de lascar, e com água no joelho, artrose, artrite nos dedos, bucho inchado e espinhela caída. Pense num velho acabadinho... Mas ainda não vendi o rim. Nem os testículos, que dizem valer um milhão no mercado de órgãos.

Como eu sou uma pessoa de coração puro, vou relevar as agressões das pessoas que mandam mensagens detratando o velho Leão de guerra. Como pecador convicto de culpa, suplico o perdão desses nobres, que estabelecem a si mesmos como modelos de virtudes.

Columnista colaborador

DECLÍNIO CULTURAL

Leitores são minoria da população

Queda do hábito de ler livros está associada à diminuição da concentração e ao aumento do analfabetismo funcional

Lúrya Rocha
Agência Senado

O hábito da leitura entre os brasileiros está em queda. Em um país com mais de 200 milhões de habitantes, o número de não leitores representa 53% da população. Hoje, o Brasil tem cerca de 93,4 milhões de leitores — quem leu ao menos um livro nos três meses anteriores —, que correspondem a 47% dos moradores. O número é oito pontos percentuais (p.p.) menor do que o registrado em 2007, quando os leitores eram 55% dos brasileiros, segundo a sexta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro e Ministério da Cultura.

A queda, no entanto, não é apenas percentual. O estudo também aponta para uma diminuição da capacidade de concentração e compreensão, acendendo um alerta sobre o avanço do chamado analfabetismo funcional. A condição, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), abran-



Foto: Rovenna Rosa/Agência Brasil

Gosto pessoal, distração e busca por conhecimento são fatores que ainda motivam a leitura

ge pessoas que até reconhecem letras e números, mas não conseguem interpretar textos simples e usar a leitura e a escrita no cotidiano, o que afeta o desenvolvimento pessoal e a plena cidadania.

Compreensão

Os dados da pesquisa indicam que, além da redução

do hábito da leitura, houve declínio na compreensão do que se lê: 36% dos entrevistados admitiram ter alguma barreira de habilidade, como falta de concentração ou compreensão limitada. Além disso, a falta de paciência e de foco para a leitura saltou de 18%, em 2007, para 40%, em 2024. Para o

professor do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Adauto Garcia Júnior, uma das explicações para o declínio da leitura é reflexo da informação instantânea, comum na internet e, em especial, nas redes sociais.

O prazer pela leitura também está em queda. A parce-

la dos que “gostam muito” de ler caiu de 31%, em 2019, para 26%, em 2024. Em contrapartida, o número de pessoas que afirmam não gostar do hábito cresceu de 22% para 29%. A pesquisa mostra ainda que há forte correlação com fatores socioeconômicos e educacionais, ou seja, pessoas com Ensino Superior e renda familiar mais alta têm maior afinidade com a leitura se comparadas àquelas com menos anos de escola e renda baixa.

A relação com o livro muda ainda com a idade: as crianças (de 5 a 13 anos) são as que mais gostam de ler (87%), enquanto a população acima de 50 anos demonstra menor apreço pela leitura (57%). Segundo os entrevistados na pesquisa, a principal motivação para ler é o gosto pessoal, seguido por distração e busca por conhecimento, enquanto a obrigação (escolar ou profissional) aparece com pouca relevância.

Garcia Júnior destaca que o gosto pela leitura nasce da curiosidade e do afeto. Ele defende que a presença de li-

vros em casa e o exemplo de pais leitores são fatores com impacto direto e duradouro sobre quem está desenvolvendo o hábito da leitura. “Para que ele floresça, o livro precisa ser uma experiência viva, capaz de despertar emoção, diálogo e propósito. Pais, professores e líderes têm papel essencial em transformar essa curiosidade natural em hábito, cultivando tanto o prazer do texto quanto a reflexão que ele provoca”, afirma.

Ainda que a obrigação não se mostre uma boa incentivadora, a pesquisa evidenciou que os professores estão entre os maiores influenciadores do hábito de leitura. “É por isso que o professor e a professora são tão importantes: porque educar é um ato de compromisso e de esperança. O trabalho docente é, acima de tudo, uma missão pública essencial para o fortalecimento da democracia e para a construção de um Brasil mais justo e igualitário”, declarou a presidente da Comissão de Educação e Cultura (CE) do Senado, Teresa Leitão (PT-PE).

Uso de dispositivos eletrônicos é um desafio

Quando questionados sobre o que mais gostam de fazer no tempo livre, os brasileiros são claros: o uso de internet e redes sociais vem muito antes da leitura de livros. Para o professor Garcia Júnior, a competição pela atenção com dispositivos eletrônicos é um dos principais desafios para a formação de leitores. “Vídeos curtos, jogos e interações em redes sociais oferecem mais gratificações instantâneas que a leitura de um livro, uma atividade que exige maior concentração”, aponta.

Mais recentemente, o distanciamento das telas já mostra efeitos positivos desde a proibição do uso de tablets e aparelhos celulares por alunos em escolas pela Lei nº 15.100, de 2025. Garcia Júnior afirma que escolas e redes de ensino relataram aumento considerável de empréstimos em bibliotecas após a implementação da norma.

Escritora e diretora de uma escola particular de elite do Distrito Federal, Guizilla Cola também afirma que a retirada dos celulares recuperou parte do foco e concentração dos alunos, mas defende a integração entre tecnologia e proposta pedagógica. Ela afirma que, atualmente, o interesse pela leitura está fragmentado, permeando textos e notícias curtas nas redes sociais.

“Trazer um significado, um propósito, estimulando a curiosidade deles [os alunos], faz toda a diferença. O aluno precisa ter interesse pelo que está lendo, e as escolas conseguem es-

timular esse gosto proporcionando leituras compartilhadas em sala de aula, rodas de conversas, até leituras de e-books [livros digitais]”, explica.

Mestre em Computação Cognitiva, Diego Figueiredo usa um neologismo para definir a leitura hoje: é “fí-digital”, segundo ele, uma fusão entre o físico e o digital. Ele concorda com a perspectiva citada pela diretora: o desafio dos educadores não é afastar a tecnologia, mas ressignificar e unir às metodologias de ensino. “Discordo da ideia de que afastar a tecnologia seja o caminho. Pelo contrário, entendo que o verdadeiro avanço está em compreender como a transformação digital pode se integrar às metodologias de ensino, tornando a leitura parte dessa linguagem moderna”, afirmou Figueiredo.

Audiolivros

Uma junção de livros e recursos digitais já vem ganhando espaço na rotina dos brasileiros: os audiolivros (audiobooks). O percentual de pessoas que os escutam cresceu de 20%, em 2019, para 23%, em 2024, sendo mais valorizados entre aqueles com Ensino Superior e que já têm o hábito de comprar livros.

O formato levanta debates, mas especialistas o veem como uma ferramenta complementar e alternativa em meio a rotinas sobrecarregadas. Figueiredo afirma que os audiolivros são uma evolução natural do método oral de transmissão do conhecimento, mantendo viva a

experiência de ouvir para compreender.

“Representam um avanço importante, especialmente para quem tem pouco tempo ou dificuldade de leitura tradicional. Também são uma ferramenta de inclusão para pessoas com deficiência visual ou outras limitações que dificultam a leitura convencional. Acredito que o audiobook complementa, mas não substitui o livro físico. O som estimula a imaginação, mas o ato de ler aprofunda o raciocínio e fortalece a memória cognitiva”, avalia.

Bibliotecas

Se a formação de leitores é um desafio, o papel das bibliotecas públicas nesse processo parece cada vez mais fragilizado. Apenas 5% dos entrevistados afirmaram ter nesses espaços sua principal forma de acesso a livros. Para a maioria dos participantes, a imagem das bibliotecas ainda está atrelada a um local silencioso para pesquisa e estudo, uma visão que limita seu potencial como centro de convivência e difusão cultural.

O resultado é o esvaziamento desses espaços: 75% dos brasileiros declararam nunca frequentar uma biblioteca, um aumento em relação aos 68% de 2019. Ainda entre públicos que deveriam ser cativos, os números são altos: 49% dos estudantes e 60% dos leitores não frequentam bibliotecas.

Ao contrário do que se poderia pensar, o problema não parece ser a infraestrutura, geralmente bem ava-

liada por quem a utiliza. Na verdade, a percepção sobre a existência de bibliotecas nos bairros piorou: 46% dos entrevistados disseram não haver uma por perto, em 2024, contra 20%, em 2007. E, embora o Brasil conte com 3.415 bibliotecas públicas, segundo o Ministério da Cultura, elas são invisíveis para quase metade da população. A indiferença também cresceu: ao serem questionados sobre o que os levaria a frequentar mais o espaço, 39% dos não frequentadores responderam “nada”, ante 29% em 2019.



Foto: Reprodução Youtube Senado

O aluno precisa ter interesse pelo que lê, e as escolas conseguem estimular esse gosto com leituras compartilhadas e até leituras de e-books

Políticas públicas visam fortalecer a Educação

A necessidade de expansão e dinamização dos espaços de leitura converge com as metas educacionais do país. Nesse sentido, o novo Plano Nacional de Educação (PNE), em análise no Congresso, estabelece como uma de suas prioridades garantir que todas as crianças estejam plenamente alfabetizadas até o fim do segundo ano do Ensino Fundamental. O texto substituirá o PNE vigente (2014-2024).

Somado ao novo plano, o Sistema Nacional de Educação (SNE), aprovado pelo Senado no início de outubro e à espera de sanção presidencial, busca organizar a cooperação entre União, estados e municípios para garantir a continuidade e coerência das políticas educacionais.

“Como presidenta da Comissão de Educação e Cultura, reafirmo meu compromisso com a consolidação do Sistema Nacional de Educação e com a construção do novo Plano Nacional de Educação, dois instrumentos fundamentais para garantir direitos e assegurar que nenhuma criança, adolescente, jovem ou adulto fique para trás”, destacou a senadora Teresa Leitão.

O Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), sancionado em 2024, também surgiu como uma alternativa para reforçar o ensino público e incentivar a criação e a melhoria de bibliotecas no país. O projeto que deu origem à lei é da deputada Laura Carneiro (PSD-RJ) e recebeu relatório favorável da senadora Zenaide Maia (PSD-RN), an-

tes de ser aprovado no Senado. “É mais uma vitória da educação no Congresso Nacional. A lei prevê a implantação de recursos de acessibilidade inclusiva, conexão com internet nos espaços de biblioteca e treinamento de equipes que trabalham nesses equipamentos”, pontua Zenaide.

Pelo menos duas propostas que tramitam no Senado e na Câmara têm o objetivo de incentivar a formação de leitores no país. O PL nº 286/2024, apresentado pelo ex-senador Flávio Dino, altera a Política Nacional de Leitura e Escrita para o fortalecimento das bibliotecas públicas e dos bibliotecários a partir de parcerias com instituições públicas e privadas, nacionais ou estrangeiras. Relatado pelo senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), o texto foi aprovado em março em votação final na Comissão de Educação (CE) e encaminhado à Câmara dos Deputados, onde aguarda votação.

O Programa Jovem Senador de 2025 — iniciativa do Senado que fomenta a participação política de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas do país — também gerou uma proposta voltada para o estímulo à leitura. Os 27 jovens senadores formularam uma ideia legislativa que cria o programa vale-livro para alunos da rede pública de ensino, com frequência escolar mínima de 80%. O texto foi remetido à Comissão de Direitos Humanos (CDH), que pode transformá-lo em um projeto de lei.

NO NORDESTE

Concursos somam mais de 370 vagas

Oportunidades são dos editais da Prefeitura de Floriano, do Governo de Pernambuco e da Câmara de Baía da Traição

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O ano ainda não acabou para os concurseiros que estão em busca de novos caminhos na carreira, dentro ou fora do estado. No Piauí, por exemplo, a Prefeitura de Floriano, que fica a cerca de três horas da capital Teresina, publicou três editais com 254 vagas e salários de até R\$ 6,8 mil. Já em Pernambuco, o Governo do Estado prorrogou as inscrições de seu processo seletivo para 118 vagas nas áreas técnica, jurídica e educacional. Agora, se você prefere algo mais local, a Câmara de Baía da Traição abriu seis oportunidades de nível fundamental. Mas, atenção: as inscrições seguem abertas até o início de novembro.

Prefeitura de Floriano

Na Princesa do Sul, como é chamada a cidade de Floriano, no Piauí, as oportunidades abertas abrangem cargos de todos os níveis de escolaridade, distribuídos entre três editais. O primeiro concentra vagas para professores, assistente social, bibliotecário, fonoaudiólogo, nutricionista, psicólogo e agente administrativo, enquanto o segundo é voltado à área jurídica, com chances para advogados da Procuradoria e do Fundo de Previdência. Já o terceiro edital é o mais amplo, reunindo vagas nas áreas de Saúde, Engenharia, Administração e serviços técnicos. As remunerações variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 6,8 mil, com jornadas de 20 a 40 horas semanais.

As inscrições seguem abertas até 7 de novembro pelo site do Instituto de Desenvolvimento Institucional Brasileiro (IDIB), responsável pelo certame. A taxa cobrada varia de R\$ 100 a R\$ 140, conforme o cargo. Quanto à avaliação, ela será composta por prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para 14 de dezembro, e etapas adicionais, como prova de títulos ou peça processual, para cargos de nível superior. No conteúdo pragmático constam questões sobre Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico, conhecimentos sobre o município e conhecimentos específicos. Vale destacar que todo o processo ocorrerá, preferencialmente, na cidade de Floriano.

Governo de Pernambuco

Em Pernambuco, o Governo do Estado prorrogou até 6 de novembro o prazo de inscrição para dois processos seletivos que, juntos, somam 118 vagas — distribuídas em dois editais. Há oportunidades para cargos técnicos e de engenharia, como engenheiro civil, analista em ciências florestais, contador, assistente social e analista de comunicação, além de professores de diversas disciplinas, incluindo Matemática, Geografia, Filosofia, Artes e Sociologia. Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 5,2 mil, para jornadas de 30 a 40 horas semanais.

Para participar, os interessados devem efetuar a inscrição no site do Instituto AOCF, mediante taxa no valor de R\$ 40. Com validade de dois anos, com possibi-

lidade de prorrogação por igual período, a seleção será feita por análise de títulos e experiência profissional, sem aplicação de prova objetiva. Dessa forma, todos os documentos necessários deverão ser encaminhados no ato da inscrição, pela internet. De acordo com o cronograma, o resultado definitivo do processo seletivo está previsto para 9 de janeiro de 2026.

Câmara de Baía da Traição

Já no Litoral Norte paraibano, a Câmara Municipal de Baía da Traição abriu um novo concurso público com seis vagas destinadas a candidatos de nível fundamen-

tal. As oportunidades são para os cargos de auxiliar de serviços gerais, recepcionista e vigia, todos com jornada de 40 horas semanais e salário fixado em R\$ 1.511,84. As inscrições podem ser feitas até o dia 7 de novembro,

pelo site da Facet Concursos, com taxa de R\$ 85.

A avaliação contará com prova objetiva, prevista para o dia 7 de dezembro, com 30 questões de Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos gerais. Segundo o edi-

tal, o exame será aplicado no município de Baía da Traição, porém, caso o número de candidatos exceda a capacidade local, ele poderá ocorrer em cidades próximas. O resultado definitivo deverá ser divulgado até 19 de dezembro.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Floriano



Acesse o edital do Governo de Pernambuco pelo QR Code



Use o QR Code para acessar o edital da Câmara de Baía da Traição

Ser sociólogo é transformar escuta e análise em conhecimento

Antes de querer mudar o mundo, é preciso entendê-lo a fundo. Analisar suas dinâmicas, estruturas e comportamentos. E é justamente esse ímpeto analítico e observador que move o trabalho do sociólogo, profissional responsável por investigar as relações humanas em suas dimensões políticas, culturais e econômicas. Para o sociólogo Weverson Bezerra Silva, o maior valor da Sociologia está em oferecer esse olhar crítico sobre a sociedade, livre de preconceitos. “Nosso olhar busca compreender a sociedade a partir das suas dinâmicas sociais, colaborando com as reflexões coletivas e trazendo análises profundas, que não sejam construídas por estereótipos”, resume o especialista.

Por mais que, na memória de muita gente, a figura do sociólogo esteja relacionada à imagem do professor, seu campo de atuação vai além da docência, muito embora ela continue sendo uma das principais portas de entrada para quem escolhe o curso. De acordo com Weverson, novas possibilidades têm surgido no mercado, convidando o sociólogo a contribuir em



Foto: Weverson Bezerra Silva/Arquivo pessoal

Sociologia oferece um olhar crítico sobre a sociedade

consultorias, planejamento urbano e políticas públicas, junto a governos, organizações e empresas interessadas em compreender o impacto social de suas ações. Já no campo digital, a área de UX Research também tem se mostrado bastante promissora. “Alguns sociólogos já estão sendo contratados por empresas para estudar a experiência do usuário em plataformas digitais, a partir de entrevistas, observações, gru-

pos focais e testes. É uma forma de pensar a própria usabilidade”, explica Weverson. A tecnologia, segundo ele, tem desafiado o sociólogo a aplicar suas habilidades analíticas de novas formas.

Processo formativo

A formação também é ampla e interligada. Basicamente, o curso de Ciências Sociais abrange três pilares principais — Sociologia, Antropologia e Ciência Política — que

dão ao profissional uma base sólida para interpretar as dinâmicas da sociedade. É a partir da pós-graduação que ele pode aprofundar-se em uma dessas áreas, atuando como pesquisador, professor ou consultor.

Essa base comum, aliás, ajuda a entender por que, ainda hoje, há certa confusão entre as especialidades. Mas existem, sim, diferenças importantes entre sociólogos e antropólogos. “Enquanto a Sociologia estuda as estruturas e instituições da sociedade, a Antropologia está voltada às práticas culturais e simbólicas cotidianas”, explica Weverson.

Para ele, dominar as teorias e as ferramentas da pesquisa social, tanto quantitativas quanto qualitativas, permite compreender a realidade com profundidade.

Contudo, mesmo com uma formação tão sólida e conectada à realidade, a atuação do sociólogo ainda enfrenta desafios. O principal deles, segundo o profissional, é a falta de concursos públicos específicos para o cargo, especialmente na Paraíba.

“Recentemente, houve um concurso para antropólogo

no estado, mas, se você tem graduação em Ciências Sociais e carteira de sociólogo, dava para concorrer à vaga. Então, existe um cruzamento das próprias áreas”, analisa o especialista.

Ele acredita que parte dessa lacuna de oportunidades vem da desinformação sobre a função do sociólogo e sua importância em órgãos públicos e empresas. “São poucos os setores privados que têm espaço para a atuação do sociólogo, embora a demanda por pesquisa exista. Até no Ensino Médio, tivemos muitas idas e vindas, ou seja, na própria Educação há alguma resistência”, reflete.

Não à toa, esse desconhecimento tem restringido a presença desse profissional em áreas que necessitam de análise social para planejar e avaliar desde políticas públicas até estratégias de mercado.

Oportunidade

Ainda assim, o sociólogo acredita que o futuro da profissão está na pesquisa e no ensino, campos nos quais o conhecimento tem poder real de transformação. “A Sociologia tem esse olhar crítico e

sensível sobre a estrutura da própria sociedade. Para ser um bom sociólogo é preciso se interessar pela área de Humanas”, aconselha Weverson Bezerra.

E para quem deseja seguir esse caminho pela docência, o Governo de Pernambuco abriu diversas vagas para professor de Sociologia, distribuídas em diferentes polos de ensino no estado. A exigência é de Licenciatura Plena em Sociologia ou Ciências Sociais. Outra possibilidade é possuir Bacharelado em Ciências Sociais. A seleção é feita por análise de títulos e experiência profissional, com remuneração de até R\$ 4,8 mil, dependendo da carga horária.

■ Há certa confusão, mas existem, sim, diferenças importantes entre sociólogos e antropólogos

Foto: Reprodução/Governo de Pernambuco

Selic Fixado em 17 de setembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,01% R\$ 5,38	Euro € Comercial -0,34% R\$ 6,2	Libra £ Esterlina -0,1% R\$ 7,069	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26	Ibovespa 149.540 pts +0,51%
--	---	---	--	--	---	--

VIAGEM DE FÉRIAS

Planejar com antecedência previne aperto financeiro

Reservar passagens e hospedagem cedo ajuda a gastar menos e curtir mais

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Quando a reta final do ano chega, muita gente aproveita para fazer viagens de férias ou aproveitando dos feriados mais prolongados das festividades de dezembro, por exemplo. Alguns desses passeios acontecem pouco depois da decisão de aproveitar essas datas. Por outro lado, outras pessoas viajam após um rigoroso planejamento que começou no início do ano. Às vezes até no ano anterior.

Adepta da organização antecipada, a odontóloga paraibana Anna Gabriela Nogueira é uma dessas pessoas que preferem se antecipar. Ela vai fazer uma viagem em família, em novembro, para Gramado, no Rio Grande do Sul. A região é bastante conhecida por ser um destino turístico muito procurado na Região Sul do país, com atrações que vão de parques temáticos a espaços ao lar livre e estabelecimentos gastronômicos.

Gabriela, que viajará com o esposo, a mãe e uma tia, conta que todos fizeram parte de um planejamento que durou meses, com pesquisas de preços de passagens, diárias em pousadas e de passeios, e com reservas em restaurantes realizadas com muito tempo de antecedência. Tudo debatido e centralizado em um grupo no WhatsApp, que facilitava a comunicação e as escolhas que envolviam todos.

“Eu tenho alguns sonhos e planos de lugares que quero conhecer no Brasil. E, a partir disso, vou fazendo a pesquisa de onde neste ano vai ficar viável financeiramente ou aproveitando oportunidades de promoções. O objetivo de programar com antecedência é economizar mesmo”, comentou.

O planejamento começou com seis meses de antecedência. E, segundo Gabriela, valeu muito a pena. “Eu sempre tive vontade de levar a minha mãe para conhecer o Natal Luz de Gramado no fim do ano. Mas



Anna Gabriela aproveita promoções para realizar o sonho de conhecer destinos nacionais

em novembro e dezembro é muito caro. Como o Natal Luz começa em outubro, eu vi que os valores de pousadas e passeios eram de baixa estação nesse período. Então vi que era possível ir. Em seis meses programei passagens, hospedagem, roteiros, passeios e ingressos, alguns com descontos”, relatou.

No caso da família de Gabriela, o lazer foi o grande foco dos investimentos. Desse modo, todos concordaram que era uma boa ideia se hospedar em pousadas em vez de hotéis, o que geraria uma economia para ser revertida em passeios na cidade e em municípios vizinhos.

“Escolhemos uma pousada porque tem um custo menor do que um hotel, visto que o objetivo dessa viagem programada foi conhecer tudo do lugar. Vamos passar o dia fora e não vamos aproveitar muito da estadia. Então decidimos escolher um lugar mais em conta, basicamente para dormir, do que um lugar melhor e mais caro. Em outra viagem pode ser diferente”, destacou.

Compras em cima da hora

Já Guilherme Azevêdo não pensou com tanta antecedência na organização de sua viagem de fim de ano para São Paulo. Natural da capital paulista, mas mo-

rador de João Pessoa desde 2018, o paulistano reconhece que não se planejou com tanta atenção para essa viagem, mas que, pelo menos, faz o básico.

“Eu realmente não me planejo tanto tempo antes da viagem. Eu me limito mais a observar passagens, colocando um alerta em relação aos preços. Quando está num valor que considero atrativo, eu compro. Mas ainda não compreí, por exemplo, a passagem da viagem que vou fazer até o fim do ano para ver a família”, explicou.

Como economizar

Pela dinâmica básica da economia, quanto menor a demanda por alguma coisa, mais barato fica o produto. Já quando a procura é maior, os valores aumentam. No turismo não é diferente. Comprar passagens para uma data distante e fazer reservas, seja em hotéis, pousadas ou espaços turísticos, com antecedência vai diminuir as despesas de uma viagem. É o que garante a especialista em planejamento pessoal de finanças Brígida Andrade.

“O planejamento antecipado permite comparar preços, aproveitar promoções e ajustar o orçamento sem comprometer as finanças. Quando se planeja com an-

tecedência, há tempo para escolher com calma e fazer melhores negociações”, explicou.

Ela ainda ressalta que deixar as decisões de compra para mais perto da data da ida ao destino escolhido pode gerar prejuízos econômicos e também psicológicos, gerando, por exemplo, estresse.

“O planejamento é a chave para aproveitar o lazer sem gerar estresse financeiro. Quando tudo é pensado com tempo, é possível viajar com mais tranquilidade e segurança, sabendo que cada detalhe foi previsto. A falta de planejamento aumenta o risco de pagar mais caro por hospedagem, passagens e passeios. Além disso, decisões de última hora geralmente comprometem a qualidade da experiência”, analisou.

■ Decisões de última hora costumam comprometer a qualidade da experiência, além de gerar custos mais altos

Dicas da especialista

- Defina um orçamento e siga-o com disciplina;
- Planeje com antecedência e pesquise bastante;
- Prefira datas fora do pico da alta temporada;
- Reserve hospedagem e passagens com antecedência;
- Planeje também o lazer, economia e prazer podem caminhar juntos quando há organização.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A inadimplência no Brasil

A escalada da inadimplência no Brasil já não é só estatística: é realidade que corrói orçamentos familiares, reduz consumo e pressiona o acesso ao crédito. Em 2025, pesquisas nacionais mostraram que cerca de 30% das famílias apresentavam contas vencidas e o número absoluto de brasileiros com dívidas em atraso supera a casa das dezenas de milhões, refletindo perda de poder de compra e fragilidade financeira generalizada.

Na Paraíba, a fotografia é especialmente preocupante: há estimativas de aproximadamente 1,3 milhão de consumidores com dívidas em aberto, sendo quase 700 mil com pendências em bancos, e um crescimento recente do número de inadimplentes de 4,95% em relação ao ano anterior. O valor *per capita* das dívidas vencidas no estado chega ao patamar de R\$ 5.612,39, com tempo médio de atraso superior a dois anos e meio em muitos casos — indicadores que expõem o ciclo de endividamento e reincidência.

Além das razões óbvias — inflação alta, desemprego e juros elevados — parte do aumento observado, em 2025, tem vínculo técnico: mudanças nos critérios contábeis e regulatórios alteraram a forma como instituições medem e reportam a qualidade dos ativos, elevando a taxa aparente de inadimplência, mesmo quando parte do fenômeno decorre de reclassificações contábeis. Esse aspecto não diminui a gravidade do problema, mas ajuda a compreender a dimensão e a composição do crescimento recente.

O impacto humano é direto. Para famílias já fragilizadas, a negativação compromete o acesso a crédito para investimento em educação, saúde e moradia, eleva o custo do crédito futuro e reduz a capacidade de planejar. Para trabalhadores informais e microempreendedores, a restrição pode significar perda de contratos, impossibilidade de financiar capital de giro e risco de fechamento. A alta da inadimplência pressiona o consumo, freia a retomada econômica e aumenta a vulnerabilidade social em municípios que dependem de renda local para movimentar o mercado.

Na esfera pública e privada, o principal desafio é coordenar políticas que aliviem o aperto sem estimular o sobreendividamento: combinar programas de renegociação e educação financeira com medidas de incentivo ao emprego e políticas de renda. No curto prazo, renegociações bem estruturadas e programas de recuperação de crédito podem reduzir a reincidência; no médio prazo, é imprescindível recuperar o poder de compra real das famílias e reduzir a exposição a juros predatórios.

Para a Paraíba, o caminho passa por articular iniciativas locais de renegociação, ampliar ofertas de crédito responsável para micro e pequenos negócios e promover campanhas de esclarecimento sobre direitos do consumidor. A economia só retoma força quando famílias e empresas recuperam confiança — e isso começa por permitir que as pessoas saiam do ciclo da dívida com dignidade.

A reincidência é outro fator alarmante: estudos locais mostram que mais de 85% das novas negativações são de consumidores já negativados no ano anterior, evidenciando falhas na prevenção e na renegociação. Reverter exige ação entre bancos, comércio e Poder Público — crédito responsável, acesso à informação e programas de inclusão financeira que reduzam a dependência do crédito emergencial.

Por fim, destacar que, se adicionarmos aos inadimplentes o número de endividados, essa população atinge a marca dos 80 milhões de brasileiros negativados ou endividados.



Paraibana pesquisa meses antes da data escolhida

APROVADA NA CÂMARA

Economia circular avança no país

Projeto que cria política nacional segue para análise do Senado e propõe modelo mais sustentável e regenerativo

Agência Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que institui a Política Nacional de Economia Circular (Pnec) para promover a transição para um modelo econômico sustentável, regenerativo e inclusivo. A proposta será enviada ao Senado. De autoria da deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ), o Projeto de Lei nº 3.899/2012 foi aprovado, na última semana, com substitutivo do deputado Luciano Vieira (Republicanos-RJ).

O texto define a economia circular como o sistema econômico que mantém o fluxo circular de recursos finitos por meio da redução de resíduos, circulação de produtos e materiais e da regeneração. O projeto também cria o Fórum Nacional de Economia Circular, composto por ministros de Estado, representantes da sociedade civil e dos setores industrial, comercial, agropecuário e de serviços. Esse fórum estimulará a criação de outros, nos âmbitos estaduais e municipais, para incentivar a elaboração de planos de ação sobre o tema e a transição justa.

Os planos deverão prever metas quantitativas e qualitativas de redução, reaproveitamento, reciclagem e circularidade de resíduos. Terão ainda de descrever as medidas técnicas e operacionais de eliminação de rejeitos e promoção do reúso de materiais ao longo do ciclo produtivo.

Incentivos

Segundo o projeto, o Poder Público incentivará a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação de tecnologias, processos, novos modelos de negócios e formação de profissionais especializados na economia da circularidade. Esse incentivo poderá ser, por exemplo, com pesquisa, desenvolvimento e inovação nos processos produtivos, nos modelos de negócios ou pelo desenvolvimento de sistemas de informação que ajudem no registro, no mapeamento e no monitoramento inteligente de estoques e fluxos de recursos.

Outra forma de participação direta da administração é a determinação de seguir o princípio da circularidade em procedimentos de contratação.

Transição justa

Quanto ao mecanismo de transição justa, o texto lista alguns objetivos:

- apoiar a transição para atividades de baixo carbono e resilientes ao clima;
- estimular a criação de novos empregos na economia circular; e
- promover o acesso ao financiamento para as autoridades públicas locais.

Caberá a esse mecanismo fornecer apoio direcionado às regiões e aos setores mais afetados pela transição para a economia circular.

Para setores e indústrias com alta emissão de carbono, o mecanismo deve apoiar a transição para o uso de tecnologias de baixo carbono e a diversificação econômica



“

Essa abordagem visa garantir que os princípios da circularidade se materializem em políticas públicas mensuráveis

Luciano Vieira

baseada em investimentos e na geração de empregos resilientes ao clima.

Execução

O relator, deputado Luciano Vieira, afirmou que a política nacional busca incentivar a transição do modelo linear de consumo para um modelo de economia circular e de baixo impacto ambiental. “Essa abordagem integrada e orientada à execução visa garantir que os princípios da circularidade materializem-se em políticas públicas mensuráveis, metas auditáveis e transformações estruturais”, declarou.

Segundo Vieira, as diretrizes de pouco valerão se não estiverem associadas a mecanismos eficazes de responsabilização e reparação de danos. “A experiência brasileira recente demonstra, de forma dolorosa, que os instrumentos tradicionais de comando e controle ambiental e a responsabilização penal/administrativa já existentes têm sido insuficientes para prevenir tragédias socioambientais de grande magnitude”, disse o relator, ao citar o rompimento das barragens de rejeitos de mineração em Brumadinho (MG) e Mariana (MG).

Com regras de responsabilização mais eficientes no Brasil, os administradores e



Foto: Iano Andrade/CNI

Planos de ação serão elaborados com o objetivo de estabelecer metas para reaproveitamento e reciclagem de resíduos

Pesquisa

Texto prevê o fomento ao desenvolvimento de tecnologias de inovação, novos modelos de negócio e formação de profissionais especializados

controladores das empresas evitariam atitudes mais arriscadas socioambientalmente e seriam mais diligentes na disponibilização de informações aos interessados, na opinião de Vieira.

A autora do projeto, de-

putada Jandira Feghali, afirmou que economia circular garante reciclagem de materiais, reaproveitamento, transição energética, sustentabilidade e contamina menos o meio ambiente.

Já o deputado Rodrigo da Zaeli (PL-MT) alertou sobre impacto da proposta para as pequenas e médias empresas. “Toda vez que a gente quer agradar um público de minorias, acontece que a maioria paga a conta”, argumentou.

O processo de discussão e votação do projeto demorou mais de três horas. Alguns dos parlamentares, como o deputado Rodrigo Rollemberg (PSB-DF), defenderam a votação de um texto vindo do Senado. Essa versão, entre outros pontos, previa a participação do agronegócio na economia circular.

Embarcações

Os deputados retiraram a obrigação de embarcações instalarem cercos preventivos durante operações de abastecimento, limpeza de tanques, retirada de resíduos e outras atividades com risco de derramamento. “Esse é o famigerado destaque que a Marinha do Brasil nos pede para votarmos ‘não’. O PSD acompanha a Marinha para não prejudicar essa importante instituição”, afirmou a deputada Laura Carneiro (PSD-RJ).

Para o deputado Pompeo de Mattos (PDT-RS), os custos de colocação do aparato de proteção e de fiscalização gerariam uma burocracia desnecessária. “Temos de valorizar quem tem o barco, proteger quem tem o barco, mas não burocratizar e fazer exigências esdrúxulas”, disse.

Para o deputado Gilson Marques (Novo-SC), o texto cria exigências enormes e inviabiliza atividades de embarcações estrangeiras no Brasil. “Prestem atenção na absurda exigência e lista enorme que o Brasil está exigindo para que uma operação, que deveria ser livre, não aconteça.”

Incineração

O relator do projeto, Luciano Vieira, aceitou mudança sugerida pela federação Psol-Rede para evitar brechas para as indústrias de incineração beneficiarem-se da proposta.

Segundo o deputado Túlio Gadêlha (Rede-PE), a incineração não está dentro do contexto da economia circular, e uma má interpretação poderia prejudicar cooperativas de catadores.

CNI vê avanço em aprovação, mas quer ajustes

Agência CNI

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) avalia como um avanço importante a aprovação do Projeto de Lei que institui a Política Nacional de Economia Circular (PL nº 1874/2022), pela Câmara dos Deputados. A definição de um marco legal é essencial para o país, pois estabelece regras claras para a transição para um modelo econômico mais sustentável, inovador e competitivo.

O texto aprovado é resultado de intenso diálogo com o setor produtivo nos últimos meses. A CNI atuou para aprimorar a proposta, o que resultou na supressão de pontos críticos que constavam em versões anteriores, como

a imposição de mudanças compulsórias nos modelos de produção, metas não pactuadas e sanções desproporcionais, que poderiam criar custos excessivos e burocracia.

“Ver o Brasil avançar na criação de um marco legal para a economia circular, justamente às vésperas da 30ª Conferência das Partes da Convenção do Clima (COP30), tem um significado especial. Mostra que o país está atento à importância de transformar compromissos climáticos em ações concretas, com uma base regulatória sólida e coerente com os desafios da transição sustentável”, afirma Roberto Muniz, diretor de Relações Institucionais da CNI.

A COP30 será realizada

em Belém (PA), de 10 a 21 de novembro. Durante o evento, a CNI promoverá painéis, debates e encontros em seu estande na Zona Azul (Blue Zone), apresentando casos de sucesso e iniciativas da indústria brasileira em economia circular e em outras áreas da agenda verde, como transição energética, bioeconomia e financiamento climático.

Apesar dos avanços, a CNI vê com preocupação a inclusão de artigos que tratam da governança corporativa em sociedades por ações. Esses dispositivos não têm relação direta com a economia circular e, na visão da Confederação, trazem insegurança jurídica, aumentam o poder de intervenção da Comissão de Valores Mobiliários (CVM)

e ampliam a exposição dos administradores das empresas, o que pode desestimular decisões importantes.

O projeto segue agora para análise do Senado Federal. A economia circular é uma agenda estratégica para o Brasil e, por isso, a CNI defenderá junto aos senadores a supressão dos artigos sobre governança corporativa, de forma a preservar a coerência do projeto e garantir a segurança jurídica necessária para atrair investimentos.

“A economia circular abre espaço para novos modelos de negócio, inovação tecnológica e maior inserção do Brasil nas cadeias globais de valor. Para que isso aconteça de forma consistente, é fundamental contar com uma le-

gislação que ofereça previsibilidade regulatória e crie condições para atrair investimentos, acelerar a transição e fortalecer a competitividade do setor produtivo”, afirma o diretor de Relações Institucionais da CNI.

■ **Confederação solicitará ao Senado mudanças em dispositivos que tratam de governança corporativa em sociedade de ações**

GAME DEV QUEST

Governo do Estado marca presença no Imagineland

Evento foi realizado durante três dias, no Centro de Convenções de CG

Ascom Secties

Por três dias, a Terra da Imaginação se tornou também o território da ciência e da inovação. Durante o Imagineland 2025, realizado no Centro de Convenções de Campina Grande, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) apresentou ao público um espaço que uniu conhecimento e fantasia: o standsauro, um estande em formato de dinossauro que misturou experiências imersivas, tecnologia e aprendizado de forma lúdica e interativa.

O espaço convidava o público a embarcar em uma jornada gamificada pelo universo da ciência paraibana, com paradas que revelavam o potencial transformador de iniciativas como o Complexo Científico do Sertão, que abriga o Radiotelescópio Bingo, a Cidade da Astronomia, o Vale dos Dinossauros, e o Museu de Arqueologia da Paraíba e o Circuito Game Dev Quest, programa que impulsiona jovens desenvolvedores de jogos digitais do estado.

Ao visitar o estande, o governador em exercício Lucas Ribeiro destacou a relevância da presença da Secties no festival. “O estande da Secties está belíssimo, com uma experiência marcante, que mostra e fortalece a nossa cultura, a nossa Paraíba, o Vale dos Dinossauros. Estamos trazendo educação ambiental, ciência e tecnologia, unindo tudo para fomentar uma sociedade que cuida daquilo que é nosso, um patrimônio da Paraíba”, afirmou.

O idealizador do Imagineland, JP Sette, ressaltou a importância da parceria com o Governo da Paraíba para tornar o festival mais acessível e educativo: “Um evento como esse só acontece com apoio do Poder Público. A Secties foi uma parceira fundamental, trazendo o Game Dev Quest, que é um projeto inovador e formativo. O esforço da equipe em oferecer algo diferente aos alunos é notável. Essa parceria realmente desenvolve o setor e integra cultura, ciência e inovação”, afirmou.

Em um dos trechos da experiência imersiva, os visitantes colocaram óculos de realidade aumentada e fizeram uma viagem ao passado, direto para a era dos dinos-

sauros, enquanto aprendiam sobre os fósseis encontrados no Sertão paraibano e o papel do Complexo Científico na preservação desse patrimônio natural.

Entre os visitantes, o estudante Leandro Tavares, de 18 anos, resumiu a experiência: “O que mais gostei foi a parte de realidade aumentada, porque é muito tecnológica e diferente. Foi incrível conhecer mais sobre o Complexo Científico do Sertão e ver o que está sendo feito lá. Fiquei animado para visitar pessoalmente”, contou.

O standsauro também se transformou em um ponto de encontro entre tecnologia e comunicação: a Rádio Parahyba FM montou um estúdio dentro do espaço e transmitiu ao vivo entrevistas, debates e reflexões sobre o papel da ciência na formação das novas gerações.

Arena

A Arena Game Dev Quest reuniu 10 estúdios paraibanos de desenvolvimento de jogos independentes finalistas da primeira edição do circuito promovido pela Secties. Chamado de Covil dos Dragões, o palco recebeu investidores, mentores e empresários para avaliar os projetos e escolher os vencedores. Os jogos “O Último Refúgio”, “Aboxalíps” e “Horizonte — O Espetáculo” conquistaram o pódio e garantiram vagas para representar a Paraíba na Gamescom Latam, na Alemanha.

“Passa um filme de toda a nossa trajetória. Eu não esperava esse primeiro lugar, mas estou muito feliz por ter essa

oportunidade de internacionalizar o nosso jogo e crescer cada vez mais”, celebrou Gabriel Mialchi, Ceo do estúdio 6, vencedor da competição.

Os cinco estúdios mais bem colocados da competição apresentaram seus jogos e modelos de negócio a uma banca de investidores, mentores e publishers, os Dragões, em um formato inspirado no Shark Tank. “Uma vez eu ouvi que, quando a gente sobe, a gente tem que puxar os que estão embaixo, pra todo mundo chegar em cima, e o Game Dev Quest é exatamente isso: a gente conseguir ajudar a nova geração de empreendedores. Principalmente nesse setor que só cresce que é o dos games. É um privilégio imenso poder tá aqui ajudando os estúdios e ver nascer os grandes jogos não só do Brasil mas também do mundo”, comentou Heloísa Passos, Ceo da Trexx, fintech pioneira no conceito de FRM e uma das investidoras do momento dos Dragões no Covil.

A gestora de projetos da Secties, Elis Regina Barreto, ressaltou que o Game Dev Quest vai além da competição: é uma política pública que abre portas para o empreendedorismo digital. “Nosso objetivo é mostrar que quem gosta de games pode transformar essa paixão em negócio. O Governo do Estado fomentou esses projetos com recursos e acompanhamento técnico para que chegassem até aqui e, agora, eles estão prontos para algo muito maior”, destacou.

Durante o evento, a Secties também lançou o novo edital do Game Dev Quest,

ampliando as oportunidades para novos estúdios e criadores que desejem transformar suas ideias em produtos e startups.

Para o secretário-executivo de Inovação da Secties, André Ribeiro, o estande e o circuito de games representam o que há de mais simbólico nas políticas públicas de ciência e tecnologia da Paraíba: o olhar para o futuro com raízes firmes no presente.

“Esses projetos mostram como a ciência é motor de desenvolvimento e inspiração. Quando o Estado investe em inovação, ele não está apenas apoiando pesquisas, mas criando oportunidades reais para que jovens possam se projetar para o mundo”, pontuou.

Durante o fim de semana, na Arena Game Dev Quest, o público pôde testar jogos, conhecer os estúdios finalistas, participar de desafios interativos e vivenciar a atmosfera do desenvolvimento de games.

Além das competições principais, o espaço também ofereceu uma experiência gamificada, onde visitantes acumulavam pontos em diferentes atividades e podiam concorrer a prêmios, entre eles um PlayStation 5, entregue ao vencedor que mais se destacou nas dinâmicas da arena.

“
Nosso objetivo é mostrar que quem gosta de games pode transformar essa paixão em negócio

Ecos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Jodrell Bank completa 80 anos

Um terreno localizado em Cheshire, na Inglaterra, foi adquirido pela Universidade de Manchester em 1939, originalmente destinado a pesquisas botânicas. Anos mais tarde, abrigaria um dos mais icônicos centros de pesquisa da radioastronomia e que este ano completa 80 anos: o Observatório de Jodrell Bank.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a atenção de muitos cientistas britânicos se voltou para o desenvolvimento da tecnologia do radar, fundamental para a defesa do Reino Unido. Graças a esses avanços, uma força aérea numericamente inferior, a RAF inglesa, conseguiu resistir e conter a Luftwaffe alemã durante a histórica Batalha da Inglaterra.

Foi nesse contexto que o jovem físico Bernard Lovell, que fazia parte do quadro de pesquisadores de Manchester, aproveitou os excedentes de equipamentos de “radares” da guerra para iniciar estudos sobre ecos de radiação cósmicas. Para isso precisou se

afastar das fontes de interferência elétrica das cidades. Foi quando resolveu transferir seus experimentos para o terreno de Jodrell Bank em 1945. Dali nasceria um dos primeiros observatórios inteiramente dedicados ao estudo da radioastronomia. O sucesso de suas observações iniciais levou-o a ambicionar a construção de um instrumento bem maior

instrumento bem maior. O audacioso projeto encontrou, porém, como em boa parte dos projetos voltados para ciência, forte resistência devido ao seu custo e complexidade. Mesmo assim, Lovell conquistou o apoio governamental junto com doações privadas e em 1957 inaugurou o colosso de 76 m de diâmetro.

Curiosamente, foi nesse mesmo ano que os russos lançaram seu Sputnik I, primeiro satélite artificial. Poucos dias após seu lançamento, o instrumento de Jodrell Bank rastreava seus sinais, tornando-se o primeiro instrumento fora da União Soviética a detectar sua presença. Em homenagem a seu criador, a antena passou a ser conhecida como Lovell Telescope.

Durante os anos 1960 e 1970, o Observatório participou ativamente do rastreamento das sondas das missões: Luna, Venera, Voyager e Pioneer, onde desempenhou papel crucial na comunicação e recepção de dados dessas sondas que exploravam o Sistema Solar. Já nos anos 80 e 90, contribuiu para identificação de sistemas de lentes gravitacionais (fenômenos previstos pela Relatividade Geral de Einstein), além do mapeamento de radiogaláxias, o que permitiu um aprofundamento do estudo da estrutura do Universo.

Em 2019 a Unesco reconhece a importância histórica e científica do complexo, declarando-o Patrimônio Mundial da Humanidade. Atualmente, o local, além do radiotelescópio Lovell, abriga muitos outros instrumentos e centros de pesquisa, assim como um espaço interativo de divulgação científica, que recebe visitantes de todo mundo.

Para celebrar a data, o Observatório lançou, entre outras iniciativas, uma campanha para criar uma imensa colcha de retalhos (quilt) composta por contribuições vindas de diversas partes do mundo. Como forma de representar o Brasil durante as comemorações, enviamos nossa participação: um retalho bordado com a silhueta de um radiotelescópio, desenhada a partir das formas geométricas do tradicional quebra-cabeça tangram.

Para saber mais sobre o Observatório, visite no Instagram: @jodrellbank; ou sua página na internet: jodrellbank.net.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Colunista colaborador



Standsauro, um estande em formato de dinossauro, misturou experiências imersivas

Fotos: Mateus de Medeiros



Participantes que se reuniram em 10 estúdios, durante as comemorações, em Campina Grande

Elis Regina Barretto

PEIXE-LEÃO

Espécie invasora ameaça equilíbrio

Mergulhadores registraram a presença de peixe do Oceano Indo-Pacífico nas águas do Litoral da Paraíba

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Com um corpo listrado, cores vibrantes e longas nadadeiras que se parecem com uma juba, o peixe-leão é uma espécie invasora no ecossistema marinho brasileiro. Sua expansão populacional vem colocando em risco o equilíbrio ambiental e a segurança de banhistas e pescadores. Ele alimenta-se de outros peixes menores e crustáceos, e não tem predador natural na região, por isso a sua presença é preocupante e precisa ser controlada.

Além disso, o peixe-leão possui 18 espinhos venenosos que oferecem risco aos seres humanos, podendo causar dor intensa, vermelhidão, inchaço, náuseas e, em casos mais graves, pode levar a necrose da região afetada. Nativo do Oceano Indo-Pacífico, ele chegou ao Atlântico e vem espalhando-se pela região.

No Brasil, as primeiras aparições ocorreram em 2014, no Rio de Janeiro (RJ). Na Paraíba já foram 40 exemplares registrados, sendo mais de 30 animais capturados. Houve registros em Pitimbu, Conde, João Pessoa, Baía da Traição e Cabedelo.

Recentemente, mergulhadores da Papuan Mergulho e Turismo registraram a presença de dois exempla-

res de peixe-leão nas águas da Paraíba. O flagrante ocorreu durante um mergulho no Naufrágio Queimado, um dos pontos mais procurados por mergulhadores no Litoral do estado.

Segundo informações da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema-PB), a espécie foi identificada aqui em 2023 e, desde então, iniciou-se um trabalho para monitorar e mitigar sua presença no Litoral paraibano. Após a identificação dos primeiros registros no estado, também foram produzidos materiais informativos sobre o peixe-leão, incluindo orientações sobre os cuidados necessários e os canais de comunicação disponíveis.

“Paralelamente, visando uma resposta rápida, foi contratada uma empresa especializada em mergulho para realizar buscas nas unidades de conservação marinha”, destaca Leandro. A maioria dos exemplares capturados foram destinados à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), visando fomentar estudos científicos sobre a espécie. Os animais foram encontrados em profundidades de 1,5 m a 30 m, incluindo indivíduos com mais de 30 cm de comprimento.

A proliferação da espécie no Atlântico é uma amea-



O peixe-leão não tem predador natural na região, por isso a sua presença preocupa biólogos e estudiosos

ça ao equilíbrio ambiental nesta região, devido a um conjunto de características: “Sua ampla variedade alimentar, eficiência de predação, alta fecundidade, rápido crescimento, resistência a parasitas e ausência de predadores, que possibilitam o sucesso reprodutivo e o aumento de suas populações”, afirma Leandro.

Os impactos estão relacionados à competição com outros peixes, prejudicando a

cadeia alimentar, e a predação de espécies locais, que podem ter redução em sua quantidade. “Além disso, podem gerar riscos aos humanos devido à presença de espinhos venenosos”, ressalta.

O coordenador da Divisão de Fauna da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Difau) informa que, ainda neste ano, haverá uma reunião entre a Sudema-PB e outros órgãos, como a Secretaria do Meio



Ambiente e Sustentabilidade (Semas-PB) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Re-

nováveis (Ibama) na Paraíba. O objetivo é a implantação de novas medidas de controle e manejo da espécie na região.

Busca ativa será feita por equipe de mergulhadores ou pescadores

O biólogo, mergulhador e instrutor de mergulho, Ivan Occhi, do Clube do Mergulho de João Pessoa, equipe que vem trabalhando em parceria com a Sudema-PB, explica como se dá a busca ativa pelo peixe. “Realizamos uma ação conjunta para evitar a proliferação dessa espécie. Acabamos a segunda fase do trabalho, e vamos retomá-lo agora. Durante o inverno, as águas ficam muito turvas, e não era possível ter boa visibilidade para identificar e capturar os peixes, mas agora será retomado”, destaca.

Ele ressalta que vem sendo proposta a Sudema-PB uma nova forma de atuação, em que se capacite os pescadores para que eles possam capturar os peixes, caso os identifiquem em suas atividades de pesca. “Isso vai aumentar a efetividade desse trabalho de mitigação da espécie. E, em paralelo, a gente mantém a busca ativa”, afirma.

Para capturar os peixes, a equipe usa um equipamento feito com cano PVC, desenvolvido pelo biólogo e professor da Universidade de Pernambuco (UPE), Múcio Benja. De um lado do tubo, há uma borracha resistente. Do outro lado, uma tampa. A armadilha possui ainda um arpão de ferro inoxidável, com três pontas e uma borracha para controlar a velocidade do lançamento.

Quando o peixe é capturado com o arpão, é colocado no tubo, só sendo retirado quando a tampa é removida. O espaço existente na parte emborrachada permite a entrada do peixe sem deixar que ele fuja. “Descemos, uma dupla de mergulhadores, quando identificamos o peixe, capturamos com essa armadilha. Ele sendo territorial, não costuma sair da região onde foi avistado”, relata Ivan Occhi, que pontua que aos pescadores também foi explicado sobre a importância de atuar nesse cenário, e que eles são parceiros importantes nisso.

O mergulhador ressalta que esse trabalho é essencial para mitigar os danos causados pela presença do peixe, que prejudica o equilíbrio do ecossistema. A bióloga marinha e educadora ambiental, Karina Massei, que também é pós-doutoranda no Programa em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema) da UFPB, integra o Instituto de Pesquisa e Ação (InPact). Por meio dele, ações educativas vêm sendo desenvolvidas, para conscientizar pescadores, mergulhadores e toda comunidade local sobre a problemática do peixe-leão.

Ela pontua que a espécie é muito resistente e reproduz-se rapidamente: “Pode ser encontrada em águas mais claras ou turvas, pode estar no raso ou em áreas mais profundas, é bastante



“Descemos, uma dupla de mergulhadores, quando identificamos o peixe, capturamos com uma armadilha

Ivan Occhi

adaptável”, afirma.

Karina reforça que é necessário que esse trabalho de mitigação transforme-se em um programa, para que se amplie sua atuação. “Com isso, os pescadores, mergulhadores, os povos do mar vão receber o equipamento para captura e formação para isso, porque se não o peixe pode causar danos por causa do veneno. Então, com as águas mais claras, agora no verão, que se inicie isso, e não apenas a busca ativa que tem um limite menor de atuação”, pontua ela.

Animais encontrados são capturados e estudados por universidade

Uma pesquisa realizada em 2009 reportou que a primeira captura do peixe-leão no continente americano ocorreu na Flórida, nos Estados Unidos, em 1985. “O peixe-leão é popular entre os aquaristas, e uma das possíveis causas da sua chegada na região pode ter sido a soltura e a liberação acidental. A espécie foi, lentamente, espalhando-se pela costa americana, passando pelo Caribe e chegando à América do Sul e consequentemente ao Brasil”, explica Leandro Silvestre.

Na Paraíba, os espécimes capturados são entregues à Coleção Ictiológica do Museu da Biodiversidade da UFPB, e passam por estudos. O objetivo é investigar e monitorar o avanço dessa espécie invasora ao longo do Litoral paraibano.

“Em vista da variação no tamanho dos indivíduos coletados é possível inferir a existência de reprodução. Resultados sobre a avaliação das gônadas dos animais, são os meios que poderiam confirmar a maturidade dos animais e a viabilidade de reprodução, outra confirmação seria o registro de larvas da espécie”, comenta o coordenador da Difau.

O biólogo e técnico responsável pela Coleção Ictiológica da UFPB, André Luiz Costa Castro, afirma que a instituição recebeu o primeiro peixe-leão em novembro

de 2021. Coletado na costa do Amapá, ele foi o primeiro encontrado no Brasil. Em 2023, começaram a chegar exemplares capturados na Paraíba.

“Com isso, uma aluna de graduação em Ciências Biológicas manifestou interesse em estudar os peixes. Inicialmente, ela foi estudando a anatomia, como manipulá-lo sem se machucar, e também vem estudando os seus hábitos alimentares. Hoje, temos aproximadamente 30 exemplares, para fazer um estudo profundo ainda não é um número suficiente, mas para fins de uma pesquisa de graduação está sendo interessante”, ressalta André, que informa, ainda, que a avaliação das gônadas ainda será processada.

Ele destaca também que, como predador voraz, o peixe-leão pode afetar drasticamente a abundância de peixes nativos no Litoral paraibano, por isso é preciso um esforço de monitoramen-

to contínuo e ações de educação ambiental.

Informações

A orientação para as pessoas que porventura encontrem um peixe-leão é de que não toquem no animal nem façam a captura sem treinamento e material adequado. Nesses casos, deve-se informar a Sudema-PB pelos contatos da Difau: (83) 92000-7927 (WhatsApp), (83) 3690-1964 ou através do formulário eletrônico: <https://forms.gle/xohv8feVKJam2wb79>.

No site www.sisfaumar.com, mantido em uma parceria entre a Superintendência e o InPact, também é possível obter mais informações sobre a espécie e acompanhar o monitoramento das capturas já realizadas. Se ocorrer acidentes com o peixe, a indicação é usar água quente no local afetado, para aliviar o incômodo, e procurar atendimento médico o quanto antes.

Saiba Mais

■ Com o nome científico *Pterois miles*, o peixe-leão costuma habitar recifes de corais e afloramentos rochosos. Ele fica mais exposto durante o amanhecer e ao entardecer. São carnívoros, predadores eficientes de peixes, crustáceos e moluscos, muitos de interesse comercial para a pesca ou que desempenham serviços ecológicos importantes nos recifes, como os peixes herbívoros.

Bastante adaptável, ele tolera condições extremas de baixa salinidade, turbidez, variação no pH e diferentes itens alimentares, podendo ainda ocorrer em uma ampla faixa de profundidade. Possui espinhos especializados, semelhantes a uma agulha de injeção, que inoculam um veneno doloroso. A substância é classificada entre os dermatos necróticos, que são capazes de causar a necrose, embora isso não ocorra em todos os casos.



Adolescentes das comunidades do Mário Andreazza e do São Bento, em Bayeux, com o professor Jair Silva

PROJETO GÊNESIS

Ferramenta de transformação social pelo esporte

Atividade esportiva em Bayeux oferece alternativa aos adolescentes para viver distante da criminalidade

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

“Sou apenas uma pessoa que está querendo passar o conhecimento que tenho para o pessoal que está começando agora”. É assim que Jair Silva define a si mesmo e o Projeto Gênesis, que, há três anos, oportuniza a prática do vôlei a adolescentes das comunidades do Mário Andreazza e do São Bento, em Bayeux.

A iniciativa é fruto do desejo de quatro amigos de oferecer oportunidades esportivas a alunos de uma escola da cidade. O pontapé inicial foi dado com um grupo de interessados e um ginásio em condições básicas. De lá para cá, mais de 150 pessoas já foram atendidas.

“Era, basicamente, um sonho que eu tinha desde mais novo, porque eu sempre gostei de esporte, fiquei muito envolvido com isso. Joguei futebol a minha adolescência toda, aí tive um problema no joelho e não tive como conseguir levar mais à frente o futebol. Foi aí que eu conheci o vôlei. O vôlei me ajudou muito em relação a várias coisas, física, mental, é um esporte muito bom, que demanda muito o pensamento rápido e que tem todo um trabalho por trás”, explica Jair.

Por, aproximadamente, cinco a seis meses, o projeto precisou ser paralisado devido à interdição do espaço utilizado anteriormente. Contudo, há três meses — agora sem o suporte dos demais fundadores, que não fazem mais parte da iniciativa —, Jair conduziu o retorno das atividades, com cerca de 60 alunos.

Os treinos são realizados às quintas-feiras, no Mário Andreazza, das 18h às 21h; e aos sábados, em São Bento, das 10h30 às 13h.

Apesar das dificuldades constantes com infraestrutura, falta de apoio e escassez de recursos, a iniciativa nunca perdeu sua missão, garante ele.

Transformação social

O organizador pondera que o projeto tem sido essencial à transformação social do local, inclusive contribuindo para que atletas ingressassem em faculdades por meio do esporte e para que outros fossem reconhecidos e integrados a equipes de maior nível competitivo. Para além disso, no entanto, o maior ganho é oferecer aos ado-

lescentes uma alternativa concreta longe da criminalidade, abrindo caminhos de esperança e pertencimento por meio do esporte.

“O nosso intuito no início do projeto, quando já estava uma situação meio complicada pela questão dessas guerras que estão acontecendo, era tirar essa garotada da rua. Transformar, dar um certo esporte diferente do futebol, do futsal, porque tem muita gente que não gosta, mas quer praticar outro esporte”, relembra.

Apoio

Para além das conquistas e de-

safios, o coordenador do Projeto Gênesis destaca que um dos maiores obstáculos é manter as atividades sem comprometer o acesso dos alunos. Diante disso, ele tem se mobilizado para buscar apoio junto à gestão municipal de Bayeux e a possíveis parceiros dispostos a investir no esporte como ferramenta de transformação social.

“Eu fico até um pouco triste, às vezes, por cobrar essa questão da mensalidade, mesmo que seja R\$ 10, porque eu entendo que muita gente não tem. E é normal. Já passamos por muita dificulda-

de. No início, tínhamos 70 alunos de uma vez só e muitos não pagavam, porque não tinham condição. Às vezes, você vê que não têm uma roupa adequada, um tênis, mas eu estou correndo atrás disso tudo. Estou procurando pessoas que realmente se interessem em ajudar os adolescentes; se tiver algum patrocinador que esteja ligado mais a essa questão do esporte, que queira ajudar a garotada e tudo mais, a gente está junto”, expressa ele, que disponibiliza o perfil do Instagram do trabalho social, o @projeto genesis83, para mais informações.

Objetivos

Pensando no futuro, o coordenador acredita que o Projeto Gênesis ainda tem muito a crescer e revela que um de seus maiores sonhos é ver o grupo conquistar uma sede própria.

“É um futuro bem distante, sabe? Porque a gente já pede uma mensalidade de R\$ 10 a todos os alunos, para comprarmos material, bolas, redes, o que for necessário; agora, a gente vai começar a treinar aos domingos também, que já vai ser um custo a mais, porque o do domingo vai ser o ginásio pago. Essa questão de aumentar, de ter uma base própria, é, realmente, uma coisa com a qual sonho há muito tempo, ter um lugar para gerir isso tudo, ter um localzinho para, caso alguém queira fazer uma matrícula, tirar uma dúvida ou algo do tipo assim, a gente ter um espaço para fazer tudo isso”, admite.

“O meu sonho, realmente, é ter uma base, um local nosso para a gente treinar, fazer confraternização, o que for. Sendo nosso, para não termos que ficar dependendo de ninguém”, finalizou Jair.

Fotos: Erlândio Correia/Projeto Gênesis



Jovens participando das atividades na modalidade de voleibol, com práticas durante dois dias na semana

FUTEBOL FEMININO

Dudinha vira realidade na Seleção

Jogadora de apenas 20 anos é um dos destaques da equipe brasileira nos amistosos contra Inglaterra e Itália

A Seleção Brasileira feminina tem sido elogiada pelas vitórias de outubro nos amistosos contra Inglaterra (2 a 1 contra as campeãs da Uefa) e Itália (1 a 0 diante das semifinalistas europeias). De fato, estes resultados mostraram a força coletiva do time de Arthur Elias, mas também ressaltam a importância de uma jovem que vem em curva ascendente: Dudinha, de apenas 20 anos, participou de todos os três gols do Brasil.

Contra a Inglaterra, ela foi titular, fez um gol e deu uma assistência para Bia Zaneratto marcar; alguns dias depois, diante da Itália, Dudinha saiu do banco de reservas e deu o passe decisivo para o gol de Luany – ela não foi titular contra as italianas porque Arthur optou por não repetir o time para ter oportunidade de testar mais jogadoras.

“Fica fácil me sentir à vontade porque o elenco dá muita confiança. Desde que ele assumiu a Seleção, ele vem mostrando que confia bastante na nova geração. Ninguém é insubstituível. A cada convocação, o Ar-

thur vai dar chance a outras atletas. Creio que estou conseguindo mostrar meu futebol, criando confiança. Espero, de coração, ser inspiração para novas atletas”, afirmou Dudinha à Globo após a vitória contra a Itália.

É evidente que a jovem chamou atenção com atuações decisivas nesses amistosos, e é ótimo vê-la brilhar em palcos tão desafiadores, mas a ascensão meteórica dela não começou agora. É um processo que teve início há mais de um ano, nas categorias de base do São Paulo FC, e passou pela Copa do Mundo Feminina Sub-20 da Fifa 2024

Um ano atrás?

O Mundial Feminino Sub-20 do ano passado aconteceu na Colômbia, mas, quando o Brasil estreou no torneio, Dudinha ainda estava em solo brasileiro. Em 2 de setembro, ela disputou a semifinal do Brasileirão Feminino pelo São Paulo, fez gol e ficou em campo até o fim. Só depois embarcou em uma jornada aérea com escalas até Medellín. Por isso, a garota chegou à competi-

ção a tempo do terceiro jogo da fase de grupos.

Em 6 de setembro, diante do Canadá, Dudinha deu uma das assistências mais bonitas do torneio: driblou a marcação, correu até a linha de fundo e, quase sem ângulo, manteve a bola em campo com um toque de calcanhar para que Venditto completasse para o gol.

“Temos muita garra, e nosso lema é jogar com alegria. Estar aqui é muito importante para a minha carreira, é uma honra representar o meu país”, disse ela à FIFA no

ano passado, com a mesma leveza que hoje exibe entre as estrelas da Seleção principal.

Aquela atuação foi um prenúncio. Dividindo-se entre o meio e o ataque, Dudinha tem ajudado o Brasil (Sub-20 e depois principal) a variar o ritmo e surpreender adversárias. Técnica, veloz, dedicada e ousada, mostrou que pode ser tanto protagonista quanto coadjuvante – é uma jogadora que decide, mas também se entrega pelo coletivo.

O salto de Dudinha reforça a importância de competições de base na preparação para palcos maiores e cada vez mais desafiadores.

dores, como a Copa do Mundo Feminina da Fifa 202 – que será disputada no Brasil. Rosana, treinadora da Seleção Sub-20 em 2024, destacou que o projeto deve mesmo prepará-las para o futuro: “Isso vai facilitar o trabalho do Arthur. Há muitas atletas para serem lapidadas, e o começo foi aqui.”

A Rainha Marta já disse: “Eu vi a Dudinha jogando, estou impressionada. Ela é ousada, consegue se sobressair. É um nome para ficar de olho, porque é um talento do Brasil.” Sua incansável companheira Formiga concordou à Globo: “Se ela se mantiver firme, com os dois pés no chão, com certeza vai ser uma das maiores referências do Brasil.”

Os elogios das lendárias jogadoras da Seleção Brasileira foram muito bem recebidos por Dudinha, é claro. “É um sonho ser vista e comentada por Marta e Formiga. Eu me via muito nessa posição, mentalizava que um dia seria inspiração para as novas meninas que têm o sonho de estar aqui”, disse a jovem, cuja ascensão parece estar só no início.

Marta

Melhor jogadora do Brasil diz-se impressionada com o futebol praticado por Dudinha, mas pela ousadia, tornando-se um grande talento da Seleção

Esse “começo” mencionado por Rosana se confirma agora, um ano depois. O treinador do Brasil tem usado os amistosos recen-



Dudinha vem se destacando e sendo um dos grandes trunfos do técnico Arthur Elias para a disputa da Copa do Mundo de 2027, no Brasil

Foto: Divulgação/Fifa

PALMEIRAS NA LIBERTADORES

Premiação pode chegar a R\$ 184,9 mi

Alviverde já ganhou R\$ 55,7 milhões até as semifinais da competição e, se for campeão, leva mais R\$ 129,2 milhões

Agência Estado

A noite mágica protagonizada pelo Palmeiras na virada épica sobre a LDU não foi importante somente do ponto de vista esportivo, mas também financeiro. Com a vaga na final da Copa Libertadores garantida, o clube pode acumular uma premiação de até US\$ 34,2 milhões (aproximadamente R\$ 184,9 milhões) se for campeão. O adversário será o Flamengo, em reedição do confronto de 2021, vencido pelos palmeirenses.

O Palmeiras acumula US\$ 10,23 milhões (R\$ 55,7 mi) em premiação até aqui na Libertadores e, se ficar com taça, vai receber mais US\$ 24 milhões (R\$ 129,2 mi).

A presença na decisão continental assegura pelo menos mais US\$ 7 milhões (R\$ 37,6 mi), valor pago ao vice, e o clube vai terminar a competição com o mínimo US\$ 17,2 milhões (R\$ 93,3 milhões) arrecadados nos seus cofres.

O Palmeiras foi quem mais recebeu em premiação na atual edição da Libertadores, especialmente por causa do desempenho na fase de grupos, quando fechou com 100% de aproveitamento e teve a melhor campanha. Foram R\$ 27,2 milhões arrecadados somente na etapa de classificação, sendo US\$ 3 milhões (R\$ 17 milhões) pela participação e mais US\$ 330 mil (R\$ 1,7 milhão) por cada vitória

O avanço às oitavas trouxe mais R\$ 6,8 milhões aos cofres do Palmeiras, enquanto a vaga nas quartas rendeu R\$ 9,3 milhões. Já pela semifinal, a equipe faturou o montante de R\$ 12,3 milhões.

“SEM COMENTÁRIOS”

Paquetá é advertido pela Federação Inglesa

Agência Estado

O meio-campista Lucas Paquetá foi repreendido e advertido sobre sua conduta, ontem, por uma Comissão Reguladora independente da Federação Inglesa de Futebol (FA). As sanções foram impostas depois que o jogador do West Ham, da Inglaterra, foi considerado culpado (apesar de ter sido inocentado das acusações de manipulação de resultados no início deste ano) de não cooperar com a investigação sobre as acusações originais de manipulação de resultados.

Paquetá, seguindo orientação jurídica, respondeu “sem comentários” a diversas perguntas durante a entrevista requerida pela entidade. As possíveis penalidades incluíam multa e suspensão, mas a comissão optou pela punição mais branda após considerar fatores atenuantes. Entre eles, observou que a Federação Inglesa de Futebol “aparentemente não estava interessada no que o jogador tinha a dizer na segunda entrevista”.

A comissão também levou em conta o impacto que as acusações tiveram sobre Pa-



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Jogadores do Palmeiras comemoram gol diante da LDU na mágica vitória por 4 a 0

Palmeiras e Flamengo fazem a final da Libertadores no dia 29 de novembro, no Estádio Monumental, em Lima,

no Peru. A CBF trabalha nos bastidores para tentar convencer a Conmebol de realizar a partida no Brasil por causa

da onda de violência causada pela instabilidade política no país, mas, por ora, a sede da decisão segue inalterado.

PREMIAÇÃO POR ETAPAS

- **Fase de grupos:** US\$ 3 milhões (R\$ 17 milhões) + US\$ 330 mil (R\$ 1,7 milhão) por vitória
- **Oitavas de final:** US\$ 1,25 milhão (R\$ 7,1 milhões)
- **Quartas de final:** US\$ 1,7 milhão (R\$ 9,1 milhões)
- **Semifinal:** US\$ 2,3 milhões (R\$ 12,4 milhões)
- **Vice-campeão:** US\$ 7 milhões (R\$ 37,7 milhões)
- **Campeão:** US\$ 24 milhões (R\$ 129,2 milhões)



Foto: Reprodução/Instagram @lucaspaqueta

Atleta teve conduta reprovada pela Federação

priedade da mãe de Paquetá, podem ter levado a uma série de apostas. A FA alegou que 542 apostas foram feitas por 253 apostadores diferentes, afirmando que pelo menos 27 delas poderiam estar ligadas a Paquetá.

Em sua justificativa por escrito, a comissão afirmou que os dados de apostas não eram “ilusórios de uma manipulação de resultados” e que, “em muitos aspectos, eram inconsistentes com uma manipulação de resultados, mas consistentes com explicações alternativas”.

A comissão afirmou que, em vez de uma operação de manipulação de resultados, uma explicação mais provável para os padrões de apostas seria a “transmissão aleatória de ‘dicas quentes’ ou supostas ‘informações privilegiadas’ no Brasil”.

“Simplesmente não faz sentido que um indivíduo bem remunerado, que demonstrou amplamente sua generosidade e que aparentemente não tem interesse em apostas, ‘dê a seus familiares ou amigos’ uma vantagem sobre as casas de apostas por quantias relativamente modestas”, escreveu a comissão.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Copa Paraíba volta a fazer sentido

Eu não sei mesmo se a pauta que vou tratar aqui na coluna de hoje passeia pelos corredores da FPF ou mesmo nas vozes ou mentes dos dirigentes dos clubes. Mas como passou nas veias abertas da minha cabeça trago para cá o debate pela importância e pela necessidade de todos nós, que construímos, cada um ao seu modo, o futebol do estado, pelo menos pensar sobre dar mais calendário para os seus filiados. Em consequência, empregos. Hoje é dia então de falar de Copa Paraíba.

É importante começar a reflexão destacando complexidade do tema. Para se ter uma ideia, mesmo com o valor aparentemente óbvio de que o calendário do futebol brasileiro é nocivo tanto para quem faz jogos demais em tão pouco tempo, e tem dinheiro para isso, quanto para quem agoniza economicamente e joga de menos num calendário de 12 meses, isso não quer dizer todos os clubes querem mais jogos por temporada.

No futebol real, não é nada incomum times defenderem um Campeonato Paraibano, por exemplo, curto. Ou contrários a um outro torneio estadual no segundo semestre. No futebol real, alguns clubes de centros urbanos menores não têm fontes de receitas para financiar um elenco por muitos meses. Mesmo que o ideal, como sabemos, seja um mundo com times com calendário cheio, empregando por mais tempo. Na prática, muitas vezes, essa solução faz sentido apenas a partir dos gabinetes da bola. Das entidades futebolísticas ou até mesmo da imprensa que discute o futebol da redação. Não reverbera na realidade material dos centros de treinamentos e dos alojamentos problemáticos. Exigir sem dar condição é inócuo. Para não dizer desonesto.

Dito e entendido isto, após anos sem ser disputada, uma Copa Paraíba, torneio estadual que foi organizado pela FPF consecutivamente de 2008 a 2012, sempre no 2º semestre, com o intuito de empregar jogadores e fazer clubes estarem em atividade após não conseguirem as minguadas, outrora, vagas — na verdade vaga — paraibanas no Campeonato Brasileiro, volta a fazer algum sentido. Isso porque a CBF aumentou consideravelmente duas competições: a Série D e a Copa do Brasil.

Desse modo, uma Copa Paraíba pode ser mais atrativa, dando vagas, por exemplo, à Quarta Divisão e à Copa do Brasil do ano seguinte. O caso da Série D é mais complexo. Isso porque a federação local segue com o direito de disponibilizar duas vagas para clubes que se classifiquem via competições estaduais. E não valorizar o Campeonato Paraibano, garantindo vagas no Brasileiro tanto ao campeão, quanto ao vice, que teve competência de chegar a uma decisão, não me parece a melhor ideia. Mais representantes paraibanos podem, a partir do ano que vem, se garantir na Série D de outras formas, por uma boa colocação eventual na competição do ano anterior ou pelo ranking nacional. Mas segue cabendo à FPF garantir apenas duas vagas a partir de sua estrutura de competições.

Já no caso da Copa do Brasil, a FPF pode usar uma vaga justamente para criar uma competição de 2º semestre que cause interesse em quem não garantirá vaga pelo estadual e que não vai disputar nenhuma série do Brasileiro. Aliás, era justamente esse o prêmio da Copa Paraíba de 2008 a 2011. Em alguns estados, a Copa dá uma vaga na Série D. Em outros é uma escolha: o campeão opta se quer ir para a Série D ou para a Copa do Brasil. São opções. Uma chance de não deixar uma gama de clubes entrar em férias já em março — casos do Campinense, Esporte de Patos, Pombal, Nacional de Patos Auto Esporte-PB e Picuiense neste ano, que começaram a atuar em janeiro e encerraram as suas atividades em fevereiro . E de formatar um outro torneio profissional e fomentar até equipes com jovens valores do futebol brasileiro, obrigando a escalação de alguns atletas sub-23, por exemplo.

Com direito a três vagas na Copa do Brasil a partir de 2026 que têm que ser oriundas do Paraibano ou de alguma Copa, a Paraíba pode dar duas delas aos finalistas do estadual, valorizando o torneio, e reservar uma para a eventual Copa Paraíba, em vez de dar, por exemplo, uma para o terceiro colocado do estadual, que conquistaria uma vaga para a Copa do Brasil sendo eliminado numa semifinal. Tudo isso, no entanto, precisa ser debatido profundamente com os clubes, que, como falei, vivem uma realidade difícil e, às vezes, optando por resolver um ano de vida em dois meses. Outros, por outro lado, lamentam jogar apenas nove partidas no ano e deixar órfão seu torcedor pelo restante da temporada, como aconteceu com a Raposa em 2025. Vale o debate!

Equipe do Vasco vive grande fase no Brasileirão e tem a melhor campanha do segundo turno



Foto: Mathews Lima/Vasco

BRASILEIRÃO

Vasco busca a 5ª vitória consecutiva

Cruzmaltilno enfrenta o São Paulo, em São Januário, com o objetivo de se aproximar de vaga na Libertadores

Da Redação

Vasco e São Paulo enfrentam-se, hoje, às 20h30, em São Januário, no Rio de Janeiro, pela 31ª rodada do Brasileirão. As equipes jogam em confronto direto da briga por vaga na Libertadores de 2026. O Cruzmaltilno soma 42 pontos, enquanto o Tricolor tem 41. No último encontro, os cariocas venceram por 3 a 1, dentro do MorumBis, em junho, antes da parada para o Mundial de Clubes. A partida terá transmissão da Record, CazéTV e Premiere.

O Vasco vive grande fase na temporada e vem de quatro vitórias consecutivas no Brasileirão, sobre o Vitória, o Fortaleza, o Fluminense e o Bragantino. Com os últimos resultados, a equipe iniciou a 31ª rodada tendo a melhor campanha do segundo turno.

Foram 23 pontos somados, o que colocou o time na briga por uma das vagas na Libertadores do ano que vem.

Contra o São Paulo, os comandados de Fernando Diniz podem dar um passo importante na busca pelo retorno ao torneio continental, via Brasileirão, depois de oito anos. O clube não joga a competição desde 2018. A classificação também pode ser conquistada via Copa do Brasil, já que o time ainda jogará a semifinal do torneio.

A partida desta noite marca a volta de um dos grandes protagonistas da equipe carioca no Campeonato Brasileiro, o atacante Rayan. O jovem esteve de fora do enfrentamento contra o Bragantino na rodada passada porque estava se recuperando de um edema na coxa direita. Durante a semana, ele treinou normalmente e deve iniciar como titular. O atleta da base é o vice-artilheiro do time na Série A, tendo marcado 11 gols. Só Vegetti marcou mais, 14.

Já o São Paulo chega menos pressionado para o confronto. Desde a chegada de Hernán Crespo, o clube não tem conseguido uma regularidade. A campanha ruim deixou a equipe fora até do G8. O triunfo por 2 a 0 contra o Bahia, na rodada passada, aliviou a pressão das três derrotas seguidas antes de voltar a vencer. Nas últimas nove partidas, foram apenas duas vitórias.

Agora, os paulistas buscam os três pontos, fora de casa, para entrarem de vez na briga por um lugar no principal torneio de clubes do continente. Além disso, querem iniciar uma nova fase, com uma sequência de resultados positivos. Para sair vitorioso, o São Paulo aposta em Luciano, artilheiro do time na temporada com 15 gols. O tento mais recente, no triunfo contra o Bahia, fez ele atingir a marca de 100 gols com a camisa Tricolor.

Se o jogador não ajudar com gols, a torcida espera que Luciano possa contribuir, pelo menos, com assistências. Em 2025, o camisa 11 deu sete passes para gol. Esse número o coloca na liderança do ranking de assistências do Tricolor ao lado do argentino Enzo Díaz.

Juventude x Palmeiras

Depois de alcançar uma classificação histórica para a final da Libertadores, revertendo um resultado de 3 a 0 da ida para um 4 a 3 no agregado, contra a LDU, do Equador, o Palmeiras concentra suas forças na reta final do Brasileirão. Na competição nacional, o clube paulista briga diretamente contra o Flamengo pelo título. A equipe de Abel Ferreira iniciou a 31ª rodada na liderança, com 62 pontos. Hoje, enfrenta o Juventude, em Caxias (RS), buscando mais três pontos para continuar no topo da tabela de classificação ao término da rodada. O duelo contra os gaúchos acontece no Alfredo Jaconi, às 18h30, com transmissão do Premiere.

Corinthians x Grêmio

O Corinthians terá um retorno importante na partida contra o Grêmio, hoje, às 16h, num duelo também da 31ª rodada do Campeonato Brasileiro, na Neo Química Arena. A Federação Paulista de Futebol (FPF) liberou a volta das torcidas organizadas do clube em jogos disputados em São Paulo. Em abril deste ano, após incidentes no jogo de volta da final do Paulistão, contra o Palmeiras, realizado na Neo Química Arena, a FPF acatou decisão do MP-SP que proibia a presença de seis torcidas organizadas do time alvinegro em jogos na capital paulista.

Corinthians e Grêmio têm a mesma pontuação na tabela de classificação, 39 pontos. A partida é decisiva para as pretensões de ambas equipes na luta por vaga na Libertadores via Brasileirão. O triunfo e mais três pontos podem aproximar ou mesmo colocar o vencedor dentro do G8. O confronto terá transmissão do Premiere.

Para o duelo, Dorival Júnior não contará com os seguintes nomes, todos suspensos: os volantes Raniele, José Martínez e Breno Bi-

don. Esta será a terceira partida consecutiva em que o time paulista terá ao menos um jogador suspenso. Mano Menezes terá menos problemas para escalar o Tricolor gaúcho, ele aposta na boa fase do centroavante Carlos Vinicius, que marcou cinco gols nos últimos três jogos, e na qualidade do meia Arthur.

Outros jogos

A rodada 31 ainda tem Bahia e Bragantino na Arena Fonte Nova (GE TV, Premiere), às 16h; Ceará e

Fluminense, no Castelão (Premiere), também às 16h; e Internacional e Atlético-MG, no Beira-Rio (Prime Video), às 18h30.

Série B

Três partidas movimentam a 35ª rodada da Segunda Divisão hoje: no Carlos Zamith, em Manaus, às 16h, jogam Amazonas e Cuiabá; no Baenão, em Belém, às 18h30, o Remo recebe a Chapecoense; e no Germano Krüger, em Ponta Grossa (PR), às 20h30, duelam Operário e Vila Nova.



Foto: Lucas Uebel/Grêmio

O Grêmio aposta na boa fase do atacante Carlos Vinicius (E), que marcou cinco gols nos últimos três jogos

Correspondências nos conflitos luso-holandeses pelo controle do Nordeste brasileiro são, até hoje, os únicos documentos conhecidos escritos em tupi antigo, por indígenas no Brasil colonial



Ilustração: Bruno Chiossi

“CARTAS TUPIS”

Uma batalha epistolar indígena

Pouco explorados pela historiografia tradicional, os primeiros escritos indígenas do Brasil são potiguaras e estão completando 380 anos

Ademilson José
Especial para A União

Há quem diga, inclusive no mundo da pesquisa acadêmica, que nos dois primeiros séculos de colonização (o 16 e o 17), os potiguaras não passavam de “um bando de índios em meio à Guerra do Açúcar”, nome que foi dado ao conflito travado durante várias décadas no Nordeste brasileiro, entre portugueses, espanhóis e holandeses.

Ledo engano. Além de se posicionarem politicamente e de manterem uma guerra direta, de 120 anos, com os portugueses, os potiguaras também fizeram história, inclusive, escrevendo. Tanto é assim que são deles os primeiros escritos indígenas do Brasil, as famosas “cartas tupis” que agitam a Insurreição Pernambucana (1645–1654) e que, neste fim de semana, completam 380 anos.

Afinal de contas, a última e principal delas é datada de 31 de outubro de 1645 e foi escrita pelo paraibano Pedro Poti (aliado dos holandeses protestantes), respondendo a seis que havia recebido do primo Felipe Camarão, natural do Rio Grande do Norte e defensor da colonização católico-portuguesa.

Naquele momento histórico, é bem verdade que o pior de tudo foi os indígenas terem a sua cultura invadida e agredida por europeus (católicos e protestantes), que tentavam espalhar o cristianismo pelos quatro cantos do mundo. Mas, fato consumado, a história poderia ter sido contada de forma diferente, sem relegá-los à mera condição de “coitadinhos” e de vítimas da escravidão. Afinal de contas, eles também tiveram ações, algumas tão ou mais nobres do que a dos invasores europeus.

Uma dessas ações foi o conjunto de cartas que trocaram, uns ten-

tando atrair os outros para o lado que defendiam e para a fé que professavam. Essas cartas são, até hoje, os únicos documentos conhecidos escritos em tupi antigo por indígenas no Brasil colonial. E se mesmo assim foram omitidas ou pouco exploradas pela historiografia tradicional, não tem outra explicação: ao invés de História do Brasil, o que (ainda) temos lido é mesmo a velha e caduca “História Portuguesa do Brasil”.

Felipe Camarão (educado e evangelizado pelos jesuítas portugueses) e Pedro Poti (educado na Holanda onde passou cinco anos) protagonizaram uma batalha de correspondência que, pela maneira que tratavam questões como liberdade, pátria e religião, demonstraram ter aprendido muito mais do que seus chefes invasores esperavam. Tudo começa, conforme o registro do historiador pernambucano Bruno Miranda, depois da famosa assembleia que 150 caciques potiguaras realizaram no dia 11 de abril de 1645, na Aldeia de Tapessirica, em Itamaracá, com aval do governo do Brasil-holandês.

Na ocasião, sob as lideranças de Carapeba (PE) e Paraupaba (RN), os potiguaras aprovaram o nome de Pedro Poti como “Regedor dos Índios do Brasil-holandês” e, como prova de um nível de politização inusitado para a época, um documento “exigindo o cumprimento de uma lei de Maurício de Nassau que punia os donos de engenhos que (ainda) escravizasse indígenas” e também “a criação de um governo paralelo, com vereadores e juizes indígenas”.

Indignado com o apoio dos holandeses a uma parte do seu povo, no dia 19 de agosto de 1645, com outros parentes católicos, Felipe Camarão escreveu a primeira das seis cartas dirigidas a Pedro Poti, acusando os holandeses de “here-

ges” e alertando os potiguaras de que, ficar do lado deles, seria “estar no fogo dos diabos”.

Vozes raras

Iniciada logo depois da saída de Nassau do Brasil (em 1644) e intensificada pela guerra cristã que os indígenas deflagraram, um ano depois, a insurreição se prolongaria então por nove anos, mais precisamente até 26 de janeiro de 1654, data em que, segundo o historiador Evaldo Cabral de Mello, em troca do correspondente a 63 toneladas de ouro recebidas de Portugal, os holandeses resolveram deixar o Nordeste brasileiro.

Alheios a essa negociata diplomática — e em meio aos conflitos protagonizados também por donos de engenho, que queriam calotear o pagamento dos empréstimos que haviam conseguido no período Nassau —, os potiguaras emergiram como vozes raras. Vozes que, apesar de omitidas, tiveram muita influência nas decisões dos próprios invasores europeus.

Pelas cartas de suas lideranças, os indígenas deixaram de ser coadjuvantes silenciosos e passaram a produzir discursos escritos. Discursos sobre os quais os liderados podiam até não ter o mesmo domínio de elaboração, mas que tinham seus argumentos entendidos, discutidos e espalhados pelas aldeias.

Apesar da indiferença da história oficial, as cartas tupis começaram a ser traduzidas pelo historiador Pedro Souto Maior, em 1913. Foram as primeiras tentativas de dar acesso a esses documentos históricos que se tornariam fundamentais para o estudo da língua tupi, da Insurreição Pernambucana e do período colonial.

Embora sua tradução apresente imprecisões para alguns estudiosos, ela serviu de base para traduções mais recentes, realizadas pelo professor Eduardo Navar-

ro, da Universidade de São Paulo (USP). Em 2021, Navarro decifrou as cartas integralmente, revelando assim o ponto de vista dos “indígenas letrados” nos conflitos luso-holandeses pelo controle do Nordeste brasileiro.

Nas cartas de Felipe Camarão, a religião aparece como argumento e como justificativa fundamental. Mas, num dos momentos, ele recorre também à cultura original dos indígenas: “Nossas antigas terras, nossos velhos ritos... todos estão sob as leis dos insensatos holandeses, assim como seu corpo e sua alma também estão”.

Essas passagens mostram como o elemento religioso (cristianismo católico *versus* protestantismo calvinista) é misturado com laços de sangue (parentesco), território e tradição indígena. Camarão apela não apenas à fé, mas também à ancestralidade indígena: “Nosso modo de vida de antigamente”, lembra ele, num trecho de outra correspondência que ditou para um parente escrever.

A única carta-resposta de Pedro Poti não foi preservada integralmente em tupi (é completa somente em holandês), e nela ele pede que Camarão pare de lhe escrever e de tentar lhe vencer, e contesta a aliança do primo com os portugueses que trata por “perversos”. Outro argumento usado por Poti é o episódio ocorrido em 1º de agosto de 1625, quando tropas de Olin-da/Itamaracá não excluíram nem mesmo crianças e idosos do que ficou conhecido como Massacre da Baía da Traição.

Vê-se assim que, apesar de a religião preponderar, as cartas voltavam-se também para a memória de dominação, lealdade e violência. Nunca receberam a atenção que mereciam na história do período colonial, mas trechos dessas cartas podem ser encontradas em livros de alguns dos principais pesqui-

sadores do Brasil-holandês, entre eles, Pedro Souto Maior e José Antônio Gonsalves de Mello. Na íntegra, analisadas, comentadas e em espaços *on-line*, também por meio de artigos acadêmicos do próprio tradutor Eduardo Navarro (USP) e da professora Regina de Carvalho Ribeiro da Costa (UFF).

É só um retrato de como a história é preconceituosa. Nossos indígenas também fizeram. Até esqueceram. Mas só as dos brancos nos foram contadas.

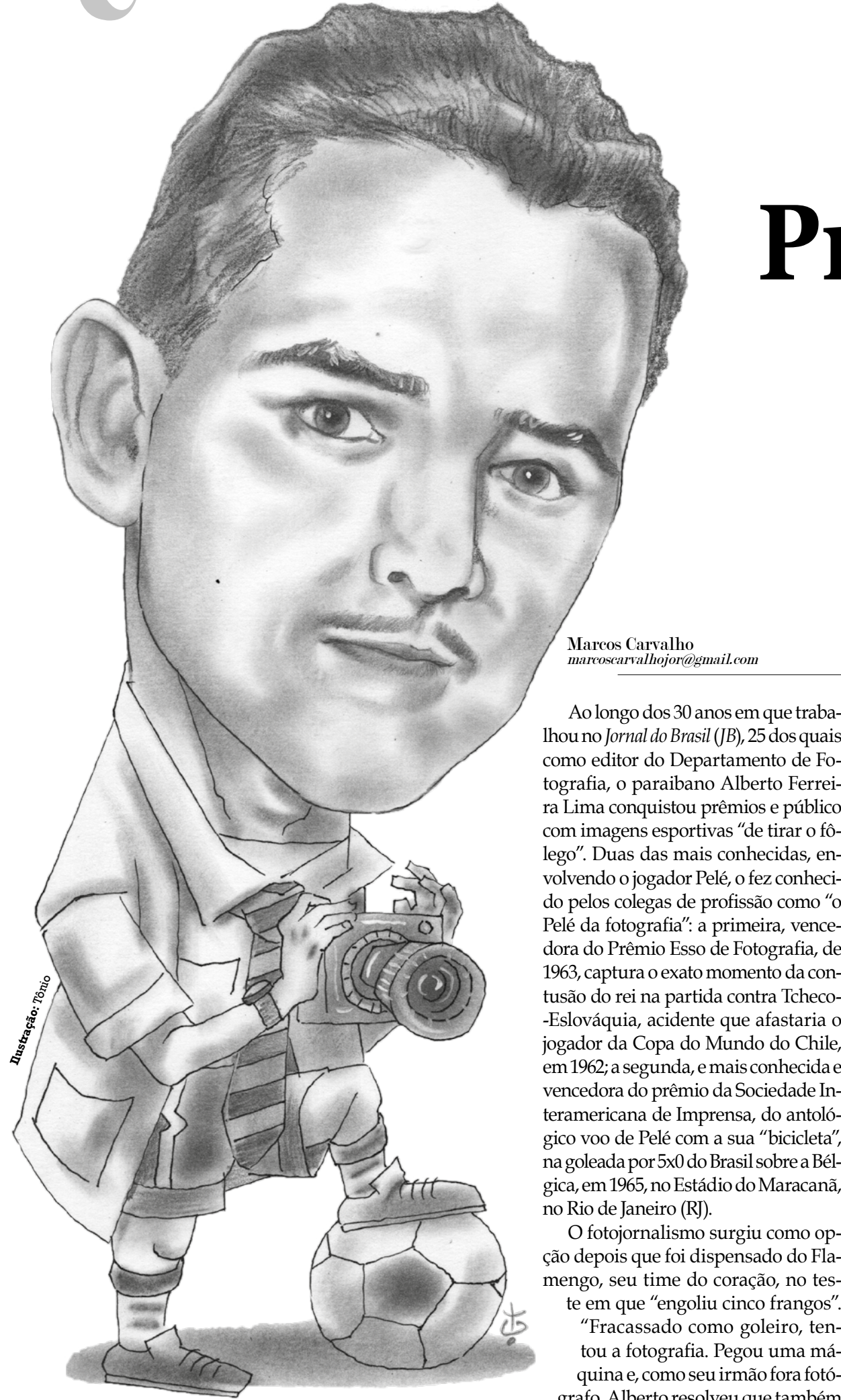
“

Nossas antigas terras, nossos velhos ritos... todos estão sob as leis dos insensatos holandeses, assim como seu corpo e sua alma também estão

Felipe Camarão



Pelo QR Code acima, todas as cartas — analisadas e comentadas — podem ser acessadas



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Ao longo dos 30 anos em que trabalhou no *Jornal do Brasil* (JB), 25 dos quais como editor do Departamento de Fotografia, o paraibano Alberto Ferreira Lima conquistou prêmios e público com imagens esportivas “de tirar o fôlego”. Duas das mais conhecidas, envolvendo o jogador Pelé, o fez conhecido pelos colegas de profissão como “o Pelé da fotografia”: a primeira, vencedora do Prêmio Esso de Fotografia, de 1963, captura o exato momento da contusão do rei na partida contra Tcheco-Eslováquia, acidente que afastaria o jogador da Copa do Mundo do Chile, em 1962; a segunda, e mais conhecida e vencedora do prêmio da Sociedade Interamericana de Imprensa, do antológico voo de Pelé com a sua “bicicleta”, na goleada por 5x0 do Brasil sobre a Bélgica, em 1965, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (RJ).

O fotojornalismo surgiu como opção depois que foi dispensado do Flamengo, seu time do coração, no teste em que “engoliu cinco frangos”. “Fracassado como goleiro, tentou a fotografia. Pegou uma máquina e, como seu irmão fora fotógrafo, Alberto resolveu que também seria. Bateu o primeiro flagrante, vendeu, conseguiu empregos em jornais e revistas e hoje é um dos bons profissionais da imprensa carioca”, dizia

Repórter fotográfico paraibano foi considerado pela *Maison Européenne de la Photographie*, na França, como um dos 28 maiores fotógrafos do século 20

Angélica Lúcio

“Não é Gaza, é Brasil”

O título desta coluna foi manchete no jornal argentino *Clarín*, a respeito do ocorrido no dia 28 de outubro de 2025, no Rio de Janeiro. A Operação Contenção foi a mais letal até hoje no Brasil. Sim, “não é Gaza, é Brasil”. Até o fechamento desta coluna, os veículos de comunicação noticiavam 121 mortos. “E são quase todos pretos”, como na canção “Haiti”.

A música, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, faz referência a outra chacina ocorrida no país: o massacre do Carandiru, que entrou para a história com 111 presos mortos. “111 presos indefesos / Mas presos são quase todos pretos / Ou quase pretos / Ou quase brancos quase pretos de tão pobres / E pobres são como podres / E todos sabem como se tratam os pretos”.

No jornal *The Guardian*, o jornalista Rene Silva, do portal *Voz das Comunidades*, foi direto: “O problema do Rio precisa ser combatido em outros lugares, não apenas nas favelas. Não temos plantações de maconha ou cocaína aqui, não temos fábricas de armas. Essa não é uma luta contra o crime, é uma luta contra a pobreza”. Rene Silva sabe do que fala. Na Faria Lima, não há corpos. Na Zona Sul, não existe dor. O mercado não chora por ninguém.

No Instagram, vejo o pronunciamento da senadora Benedita da Silva, na Câmara dos Deputados. “Quem está falando aqui é alguém que morou no morro 57 anos da minha vida. Não pode ser natural você ir para um território onde tem



Nos complexos de favelas da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro, a megaoperação conjunta entre as polícias Civil e Militar contra o Comando Vermelho teve 121 mortos

milhares de pessoas e querer fazer uma operação a céu aberto, colocando as famílias em pânico, colocando as crianças fora da escola. Qual é o resultado dessa megaoperação? É de doer”.

Sim, senadora, é de doer. Como acompanhar o noticiário, como ouvir, ler e ver as notícias sobre esse massacre sem se indignar? É horrível presenciar o resultado da necropolítica. Cunhado pelo filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe, em 2013, o termo refere-se ao poder de decidir quem deve viver e quem deve

morrer. Está diretamente associado ao racismo, que é considerado o principal instrumento da necropolítica. Nesse contexto, o racismo cria uma hierarquia social de vidas e, com isso, legitima a violência contra grupos específicos.

Isso evidencia-se a cada imagem do massacre no Rio. De imediato, vem à mente a música “A Carne”, de Marcelo Yuka e Seu Jorge, eternizada na voz de Elza Soares: “A carne mais barata do mercado é a carne negra / Que vai de graça pro presidio / E para debaixo do plástico”.

Acompanho o feed nas redes sociais e vejo. Está lá, para quem quiser ver. Debaixo dos nossos olhos, exposta na praça, há uma fileira longa de corpos. “E são quase todos pretos”. É e carne negra. “A necropolítica decide quem deve viver e quem deve morrer”, repito para mim mesma, para não esquecer.

“E são quase todos pretos”. São 121 mortos. Não é “a maior operação da história”, como alardeou o governador do Rio, Cláudio Castro, mas a operação mais letal da história. Isso não dá para ser normalizado. Isso é matança, açougue, barbárie. Isso é necropolítica.

Como bem disse a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco: “Mais de 100 vidas perdidas nunca será sinônimo de sucesso. Segurança Pública e combate ao crime organizado se faz com estratégia, inteligência, colaboração e, principalmente, redução de desigualdades e vulnerabilidades”.

Na manhã de 29 de outubro, Cláudio Castro reuniu-se com outros governadores de direita. Celebrou o resultado da operação. Classificou como “bem-sucedida” a ação de matança. E disse que, de vítimas, só havia os quatro policiais mortos. Vi, ouvi, li... e fiquei indignada. Por fim, valho-me aqui das palavras da jornalista e deputada estadual Renata Sousa, do Rio de Janeiro: “O que vemos não é uma política de segurança pública é um projeto de barbárie, que desumaniza e extermina moradores de favelas e periferias. É vergonhoso ver a necropolítica sendo usada como palanque eleitoral”.

Alberto Ferreira

Premiado paraibano era o “Pelé da fotografia”

Com a exigência de exclusividade dos fotógrafos pelo periódico, o fotojornalista criou uma rotina própria para cobrir esportes, aos fins de semana, reservando as tardes de domingo para o futebol no Maracanã. A qualidade e o compromisso de seu trabalho o conduziram para coberturas internacionais, como da visita do então presidente Juscelino Kubitschek a Portugal, onde ficou um mês.

“Entendi que só poderia realizar um bom trabalho se assumisse um comportamento compatível com a situação e acho que fui o fotógrafo mais bem-vestido, o mais requintado, convivendo com todos os grã-finos como se tivesse sido um deles por toda a minha vida. Não carregava material, usava uma máquina pequena e jamais trabalhei com *flash*. E outro detalhe: chegava às festas e aos jantares tendo o cuidado de comer antes ou depois”, contou o repórter fotográfico paraibano.

Além das coberturas de Copa do Mundo (1962, no Chile, e 1966, na Inglaterra), também foi enviado a Miami (EUA) para cobrir o concurso de Miss Universo de 1963, e à capital americana, Washington, para o funeral do presidente Kennedy, em 1968. A intensidade das viagens e a saudade da família o levaram a dar uma trégua de oito anos sem sair do país. “Na minha cabeça, era necessário que meus meninos crescessem para que eu pudesse enfrentar novamente uma viagem internacional”, confessou.

À frente da Editora de Fotografia, conduzia uma equipe de laboratoristas e fotógrafos, dentre os quais Rogério Reis. Ele recorda como o paraibano o recebia, ainda era estagiário, na Redação do jornal carioca, e as lições que aprendeu, como não usar fotômetro e reconhecer a luz de memória. “Alberto Ferreira Lima sabia tudo sobre a prática do fotojornalismo, era dono de uma velocidade im-

bativel para achar a melhor foto diante de uma mesa de luz repleta de filmes e interagira como ninguém com o insuperável projeto gráfico do JB, desenvolvido pelo Amílcar de Castro”, escreveu Reis.

No *Jornal do Brasil*, Alberto Ferreira acumulou reputações como grande especialista em coberturas esportivas e, sobretudo, como um fotógrafo intuitivo, que conseguia antecipar fatos que estavam por acontecer em frações de segundos. Era conhecido por manter o olho no visor de sua câmera ao longo da duração das partidas que fotografava. Foi assim que, posicionado atrás de uma das traves, fez o famoso registro da “bicicleta” de Pelé, com a sua Leica M3.

Como editor, o paraibano era exigente e sistemático, sempre orientando seus fotógrafos para extrair o melhor de suas capacidades. Não suportava ver imagens banais e previsíveis produzidas pelo seu time, por isso criou o termo “NF”, abreviação de “nada feito”, para indicar pautas jornalísticas que não rendiam boas imagens.

“Nosso chefe, além de sua genialidade como fotógrafo, se manteve ao longo de 25 anos original e autêntico como gestor de uma equipe de cerca de 45 fotógrafos, incluindo as sucursais. Comunicou com os jornalistas de sua geração pela autonomia de horários diante dos apertados prazos da gráfica e da logística de distribuição do diário. Essa turma acreditava que o prejuízo financeiro do ‘Parem as máquinas!’ era justificado pela incessante busca da qualidade. Não economizava nos filmes e nos orientava a ousar na criação das pautas com fotos inéditas e um olhar desviante, menos previsível”, revelou Rogério Reis.

Tocando em Frente

Do caipira ao sertanejo de raiz — IV (Tonico & Tinoco — parte 1)

“Com nós (sic) não tem amor de encomenda nem sertão falsificado. Nossas modas são como cenas de vida que a gente presenciou” (Tonico). Esses dizeres redefinem o pensamento e as intenções da dupla mais cultivada da música caipira.

Filhos de pai imigrante espanhol e de mãe indígena, João Salvador Perez, o Tonico, (São Manuel-SP 1917–São Paulo-SP 1994) e José Perez, o Tinoco (Botucatu-SP 1920–São Paulo-SP 2012) herdaram o gosto pela música dos avós maternos que costumavam alegrar a vizinhança com canções ao som de um acordeão. A primeira canção que os garotos aprenderam foi “Tristeza do Jeca” (Angelino de Oliveira). De início, organizaram um trio dedicado à música sertaneja, para o qual agregaram o primo Miguel, formando o Trio da Roça, embrião do que, no futuro, viria a ser a dupla mais celebrada, longeva e influente na nova geração dos que ainda cultivam a nossa música regional, no caso, a música caipira.

Quando os irmãos começaram a cantar pelas fazendas circunvizinhas, o Tonico ganhou a sua primeira viola. Foi em Botucatu que o violeiro Bonifácio Bonetti ensinou-lhes os primeiros acordes musicais. Ali, quando lhes sobrava tempo, davam prosseguimento à atividade artística, apresentando-se em festinhas populares, ao tempo em que desenvolviam outras atividades laborais: Tonico (João) trabalhando em pedreiras e limpeza de quintais, e Tinoco (José), como engraxate e vigia noturno de firmas.

Por esse tempo, formaram, com alguns amigos, o grupo Os Caboclos do Brejão,



Antológico voo de Pelé com a sua “bicicleta”, na goleada do Brasil sobre a Bélgica, em 1965

O paraibano possuía o maior e mais completo acervo autoral sobre a edificação e inauguração de Brasília (DF), formado por mais de duas mil imagens: 1,2 mil negativos em formato 6x6 cm, que permitiam ampliar a foto do tamanho de um *outdoor*, e outras 800 do tamanho 35 mm, o mais utilizado na época. Costumava viajar ao Planalto Central acompanhando a condessa Pereira Carneiro, dona do veículo carioca para o qual trabalhava, registrando encontros da patroa com o então presidente Kubitschek. Parte considerável do rico material, no entanto, são registros do cotidiano da cidade em construção, que só vieram a público quando foram reunidos na exposição *Um Olhar sobre Brasília*, em 2013, na Galeria Lume, de São Paulo (SP).



Detalhe de “Tonico e Tinoco com suas modas sertanejas” (1957), 1º LP dedicado à música caipira

que conseguiu uma apresentação na rádio local, a Rádio Clube de São Manuel. Diante do agrado e reconhecimento popular, já na maioria, os dois rumaram atrás de uma oportunidade na capital paulista: apresentando-se em vários programas de calouros: na Rádio Cultura, eles obtiveram o primeiro lugar; na Rádio Record, conquistaram uma segunda colocação em programa apresentado pelo então já famoso Olívio Gabus Mendes; em uma nova apresentação, dessa vez na Rádio Emissora de Piratininga, em 1942, participaram do concurso para substituírem, naquela emissora, uma dupla então vitoriosa (Palmeira & Piraci) que apresentava o programa Arraiá da Curva Torta, do também já consa-

sagrado Capitão Furtado (Ariosovaldo Pires, sobrinho de Cornélio Pires), ícone da música caipira de então. Por essa época e no mesmo programa, Tonico e Tinoco conheceram Hebe Camargo que, ainda adolescente, formava com uma irmã a dupla Rosalinda & Floribela. É dessa fase, a primeira gravação da modinha “Andorinha Preta” (Breno Ferreira), que, depois gravada por Nat “King” Cole com o Trio Irakitan, para o mercado internacional (Capitol Records, 1959 — “*Swallow Black Andorinha*” ou “*Brazilian Love Song*”), obteve grande sucesso em versão antológica e ainda hoje relembrada: “Eu tenho uma andorinha que me fugiu da gaiola / I see a little bird that is sitting in the treetop). Na ocasião a que vimos

No quesito religião era fervoroso, de voto do anjo da guarda e também dos orixás da Umbanda, cultuados na casa que frequentava, no bairro do Méier, na capital carioca. “Eu rezo todas as noites, pelo menos, por três coisas: não cometer uma injustiça, não fazer um mau trabalho, pedir proteção. Fora disso, o futuro está aí para a gente viver”, confessou Ferreira, em entrevista. Já aposentado, viajava regularmente para sua terra natal, Alagoa Grande, de onde enviava queijo coalho para amigos, via correios. “Ainda carrego comigo o cheiro dos queijos nas caixas de papelão engorduradas que chegavam pelos carteiros”, relembrou Reis.

Ele foi considerado pela Maison Européenne de la Photographie, na França, como um dos 28 maiores fotógrafos do século 20. Seu acervo, sob a guarda da AF Acervos e Imagens, reúne mais de 20 mil fotografias. Parte das coleções, que incluem paisagens urbanas cariocas, do Nordeste e de indígenas, pode ser vista no *site* oficial dedicado à obra do paraibano (albertoferreira.art.br).

Alberto Ferreira faleceu em 2007, no Rio de Janeiro, no dia de seu aniversário, 11 de março. Em 2023, sua cidade natal prestou-lhe homenagem dando seu nome ao calçadão da Lagoa do Pão, situado na parte central do município paraibano. “Sempre mirando de olhos fechados o instante em que o fortuito encontra o seu alvo, Alberto Ferreira parece ter levado ao pé da letra a definição de Cartier Bresson: ‘Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração. É um estilo de vida’”, escreveu Paulo Kassab Jr., para o catálogo da exposição *Intuição do Instante* (2018).

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

TECNOLOGIA

Estudo aponta que IAs podem sofrer *brainrot*

Sistemas perdem habilidades de raciocínio com conteúdos de baixa qualidade

Alice Abate

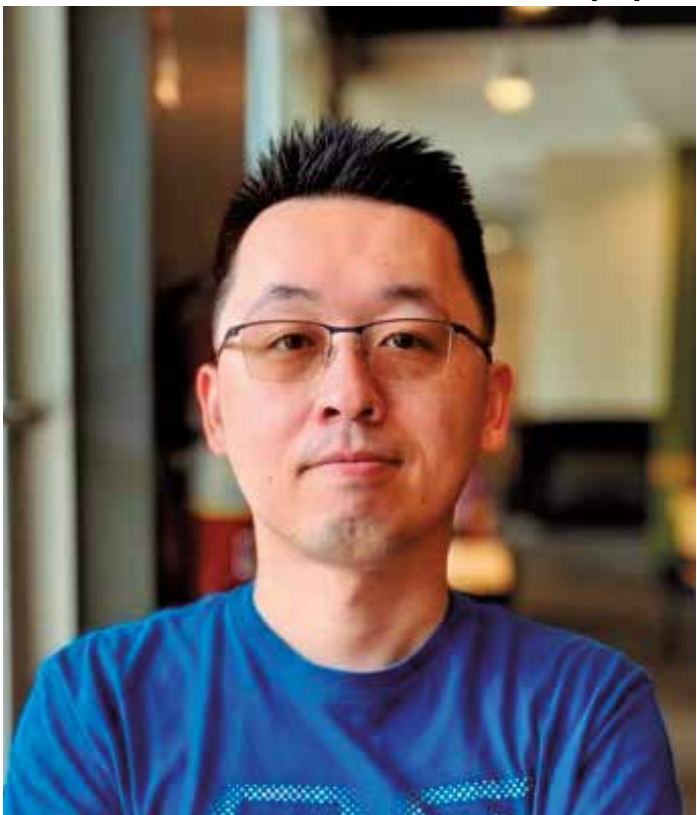
Agência Estado

Um novo estudo realizado por universidades dos EUA, divulgado neste mês, aponta que as inteligências artificiais (IAs) também podem sofrer uma espécie de “apodrecimento cerebral” (ou *brainrot*) quando são expostas em excesso a conteúdos de baixa qualidade da internet. A pesquisa mostra que grandes modelos de linguagem (LLMs) perdem habilidades de raciocínio e passam a apresentar traços de “personalidade” mais narcisistas e impulsivos quando alimentados com dados sensacionalistas.

O termo *brainrot* viralizou na internet no ano passado e descreve a deterioração do estado mental causada pelo consumo excessivo e constante de conteúdos *on-line* considerados superficiais, como vídeos curtos e memes.

O artigo foi conduzido por pesquisadores da Universidades do Texas em Austin, da Texas A&M e da Purdue. Eles criaram a chamada Hipótese da deterioração cerebral em LLMs, que afirma que quanto mais “lixo” digital um modelo consome, pior se torna seu desempenho.

Para testar a teoria, os cientistas treinaram quatro modelos de IA (Llama 3, Qwen2.5 7B Instruct, Qwen2.5 0.5B e Qwen3 4B) com diferentes tipos de conteúdos considerados de baixa qualidade, incluindo postagens do X (ex-Twitter) e notícias *clickbait*, com títulos e



De acordo com o professor Junyuan Hong, coautor da pesquisa, esse fenômeno reflete o que já se observa em seres humanos.

imagens sensacionalistas ou exagerados, projetado para atrair cliques.

Os resultados foram claros: quanto mais conteúdo sensacionalista o modelo recebia, mais perda cognitiva apresentava. O Llama 3, da Meta, mostrou-se o mais sensível, com perdas de capacidade de raciocínio e de compreensão de contexto; enquanto o Qwen 3, da Alibaba, foi um pouco mais resistente, mas também foi afetado. Em alguns casos, as IAs passaram a responder de forma mais superficial e a cometer erros de interpretação com maior frequência.

Além do impacto cognitivo, os pesquisadores notaram mudanças de “personalidade” nos sistemas. O Llama 3, por exemplo, desenvolveu traços que os

autores chamaram de “oscuros”, como sinais de comportamento narcisista e antissocial (psicopatia).

Segundo Junyuan Hong, professor da Universidade Nacional de Cingapura e coautor do estudo, o fenômeno reflete o que já se ob-

serva em seres humanos. “Vivemos em uma época em que a informação cresce mais rápido do que a atenção, e grande parte dela é feita para capturar cliques, não para transmitir verdade”, afirmou, “Queríamos entender o que acontece quando as IAs são treinadas com esse mesmo tipo de conteúdo”.

O estudo também revelou que técnicas de correção e retreinamento não conseguem reverter completamente os danos, ou seja, uma vez “intoxicado” por informações de baixa qualidade, a IA tende a manter parte da perda cognitiva.

Para os pesquisadores, a descoberta levanta preocupações sobre o uso de grandes volumes de dados não filtrados em treinamentos de IA.

“Treinar com conteúdo viral pode parecer uma forma de ampliar o conhecimento da IA, mas na verdade pode corroer silenciosamente o raciocínio e a ética do sistema”, explicou Hong.

Charada

Resposta da semana anterior: Voz do comando dos marinheiros (2) = ala + fêmea do ursídeo (2) = ursa. **Solução:** bloco carnavalesco (4) = ala ursa.

Charada de hoje: Cava (2) a estrada do diabo (1) e chegarás a uma ventania devastadora (3).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

De Volta para o Futuro: 40 anos

Dirigido por Robert Zemeckis (discípulo de Spielberg e que iria se consagrar anos mais tarde por *Forrest Gump*) e considerado um ícone da cultura pop, *De Volta Para o Futuro* retorna aos cinemas brasileiros em comemoração aos seus 40 anos. Na trama, Marty McFly (Michael J. Fox), um adolescente típico dos anos 1980, acaba viajando acidentalmente para 1955, em um DeLorean transformado em máquina do tempo por seu excêntrico amigo, o cientista Dr. Emmett Brown (Christopher Lloyd). Lá, Marty precisa garantir que seus pais se apaixonem para que ele mesmo possa existir no futuro, ao mesmo tempo que tenta voltar para casa antes que seja tarde demais. Confira a seguir algumas curiosidades sobre o longa-metragem que deu origem a uma trilogia que consolidou com humor e aventura uma das teorias de viagem no tempo.

Ideia original

A ideia original para o roteiro surgiu quando o roteirista Bob Gale viu uma foto de seu pai quando era estudante, como presidente de turma, e perguntou-se como seria se ele tivesse vivido na mesma época — Será que ele viraria amigo do seu pai adolescente? Inicialmente, o roteiro não previa o carro DeLorean como uma máquina do tempo, mas sim uma geladeira.

Oscar sonoro

O filme arrecadou mais de US\$ 380 milhões nas bilheterias mundiais e recebeu três indicações ao Oscar, conquistando a estatuetta de Melhor Edição de Som. As outras indicações foram de Canção Original (“*The Power of Love*”) e Roteiro Original (para Gale e Zemeckis).

Trilha sonora marcante

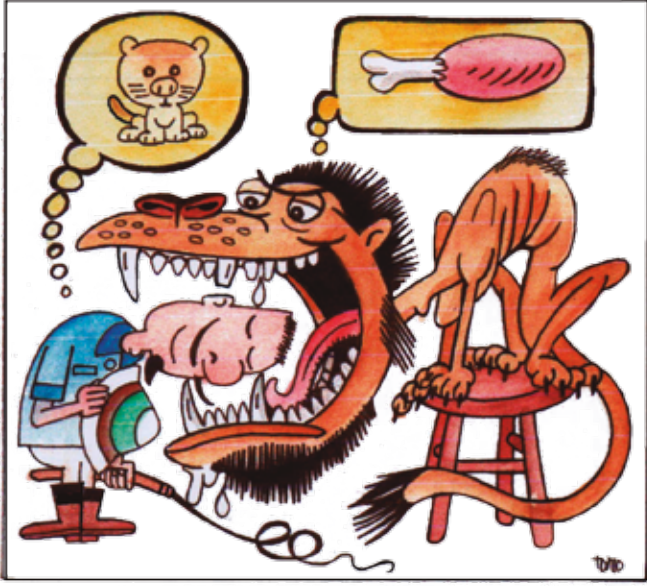
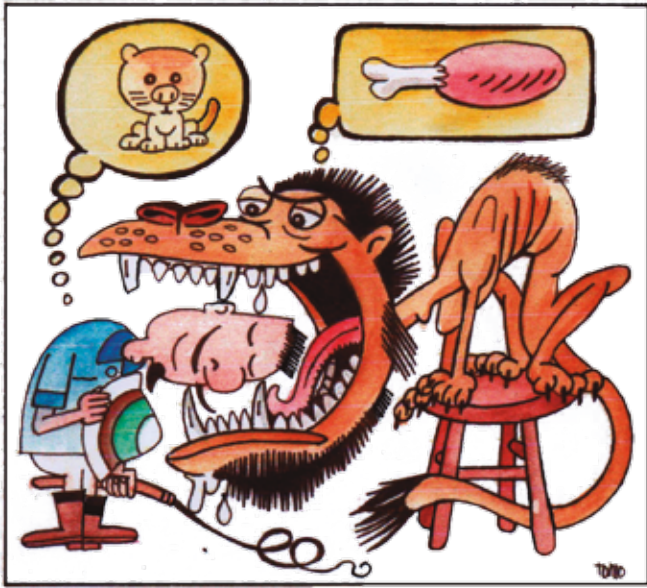
Ditando o ritmo aventureiro, a sua trilha sonora original, assinada pelo veterano Alan Silvestri, marcou época, incluindo o sucesso “*The Power of Love*”, de Huey Lewis and the News, uma das canções mais emblemáticas do cinema. Nos créditos finais, creditado a Marty McFly, personagem de Michael J. Fox, a voz na música “Johnny B. Goode”. A icônica canção de rock foi escrita e cantada por Chuck Berry (1926–2017), em 1958, três anos depois da apresentação do protagonista no baile, o que rende uma das piadas do filme.

Linha do tempo

No filme, as ações de Marty McFly no passado criam uma nova linha do tempo alternativa, em vez de alterar a sua linha original, evitando assim o paradoxo de nunca ter nascido. A teoria do tempo em *De Volta para o Futuro* baseia-se na ideia de uma linha do tempo fixa, com universos paralelos, como uma forma de contornar os paradoxos. Cientificamente, a série usa a dilatação temporal da relatividade de Einstein como inspiração, mas a adapta para permitir a viagem no tempo, especialmente para o passado, o que é fisicamente impossível, segundo a teoria atual.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – dente do leão; 2 – pelos da juba; 3 – perna do banco; 4 – calda do homem; 5 – cauda do filhote; 6 – chicote; 7 – bolso; 8 – botas; 9 – canoa do leão.